

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO –
PUC-SP**

Denílson Meireles Barbosa

**Heranças de fé no sertão do São Francisco: devotos e romeiros na
tradicional festa de Santo Antônio em Serra das Araras/MG**

Doutorado em Ciência da Religião

**São Paulo – SP
2016**

Denílson Meireles Barbosa

Heranças de fé no sertão do São Francisco: devotos e romeiros na tradicional festa de Santo Antônio em Serra das Araras/MG

Doutorado em Ciência da Religião

Tese apresentada a banca examinadora do programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – CRE – DINTER PUCSP/Unimontes da pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito para obtenção do título de doutor, na área de concentração: Estudos Empíricos da Religião , sob a orientação da **professora Dra. Maria José Fontelas Rosado-Nunes.**

**São Paulo
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

BARBOSA, Denílson Meireles. Heranças de fé no sertão do São Francisco: devotos e romeiros na tradicional festa de Santo Antônio em Serra das Araras/MG.

São Paulo: 2016. 149f.

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade de São Paulo – PUCSP

Área de Concentração: Estudos Empíricos da Religião

Orientadora: Professora Doutora Maria José Fontelas Rosado-Nunes

Palavras-chave: Tradição; Romaria; Festa Religiosa; Herança de fé; Patrimônio Religioso.

Banca Examinadora

AUTORIZAÇÃO

Autorizo, para fins acadêmicos ou científicos, a reprodução parcial ou total desta tese por processos eletrônicos, desde que citada a fonte. São Paulo, abril de 2016.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao grande desbravador, contador e “juntador” das histórias do sertão do São Francisco, João Botelho Neto. (*in memoriam*).

A GRADECIMENTOS

A pesquisa é uma importante fonte de amadurecimento e pessoal, profissional e intelectual, mas que no curso do seu desenvolvimento, muitas pessoas são incluídas, de uma forma ou de outra, em função das relações que estabelecemos. Neste sentido, não poderia deixar de agradecer a tod@s que impulsionaram a realização desta pesquisa, desde um simples gesto do olhar às observações mais contundentes. Creiam! Soubemos tomar todos os gestos como motivadores porque tínhamos um objetivo importante a ser conquistado.

Agradeço imensamente à minha competente orientadora, Professora Doutora Maria José Fontelas Rosado-Nunes (Zeca) pela dedicação desde o mestrado até aqui. Não tenho dúvida que esse ciclo de sete anos de orientação (três anos no mestrado e quatro anos no doutorado) foi um dos mais importantes da minha vida acadêmica. Obrigado Zeca, por não abrir mão da excelência acadêmica mesmo reconhecendo as minhas limitações e os desafios em lidar com distância entre o sertão norte de Minas e São Paulo. Vencemos. Aos professores do Programa de Ciências da Religião da PUC/SP, pela dedicação e pelo saber colocado à nossa disposição nos ensinando a trilhar nos caminhos da interpretação da pesquisa religiosa.

À Universidade Estadual de Montes Claros, por possibilitar a qualificação mesmo num contexto tão conturbado.

Aos colegas do Departamento de História, e aos colegas do Núcleo de História e Cultura Regional com quem partilhamos nossas angústias e aflições cotidianas mais proximamente, Professor Doutor César Henrique de Queiroz Porto e Professora. Doutora Carla Cristina Barbosa. Tenho a impressão que, longa jornada nos ensinou um pouco mais sobre ter cautela e planejamento coletivo.

Aos colegas de viagens semanais a trabalho no Campus São Francisco, rotina que já dura 14 anos. Professor Mestre - Irineu Ribeiro Lopes, Professora Mestre - Susi Karla Almeida, Professora mestre - Mary Aparecida de Alencar Durães.

Ao professor Doutor Roberto Mendes Ramos e à Professora Anna Paola Nunes, pelo empenho na indicação de fontes para a pesquisa e pelo auxílio acadêmico, quando precisamos.

À Caroline Marques pela disposição em iniciar no auxílio das nossas transcrições, continuadas por Célio Freitas.

À Pedro Jardel Fonseca Pereira , por acompanhar de perto, de forma autônoma e dinâmica, auxiliando e opinando com a coerência e a ética necessária a um pesquisador. Aos acadêmicos do Campus São Francisco que muito me ensinam com as suas inquietações e observações.

Aos acadêmicos da graduação em Ciência da Religião – Unimontes, que tem recepcionado de forma positiva nossa experiência de pesquisa no campo religioso.

Aos agentes que me auxiliaram com indicações importantes para que eu pudesse ser bem recebido no distrito de Serra das Araras e realizar um pouco de pesquisa. Professor Antônio Cordeiro e Rose (Casa da Cultura). Vocês foram muito importantes durante a minha estada em Serra das Araras. Aos colegas do Dinter. A nossa partilha de ideias e perspectivas, sem esquecer as angústias, é claro! Só somaram em nossa vida acadêmica.

Aos romeiros de Santo Antônio que, sempre que precisamos se dispuseram com muita alegria a nos contar um pouco da sua história de vida devocional.

Ao parceiro de pesquisa, professor Gabriel Rocha. Sua disposição e dedicação possibilitaram diálogos importantes durante a nossa jornada de pesquisa de campo.

À minha família, pela cobrança necessária e pelo acompanhamento incessante do início ao fim, da dura, mas prazerosa pesquisa que, para alguns pareceu uma eternidade.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de **Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)**, pelo auxílio que possibilitou realizar grande parte dos estudos e orientações.

RESUMO

Esta tese tem por objeto pesquisar a tradição das romarias de Santo Antônio herdada por gerações, quase sempre familiares, ocorridas no sertão do São Francisco no norte de Minas Gerais. O campo empírico delimitado é o distrito de Serra das Araras, lugar da festa centenária que atrai todos os anos milhares de pessoas. Para realizar esta pesquisa foi feito trabalho de campo durante e fora do período da festa. Alguns grupos de romeiros foram acompanhados por dois anos seguidos, desde a organização da estrutura material até a chegada ao distrito de Serra das Araras, local da festa, tendo sido acompanhados durante a festa com o objetivo de observar, descrever e analisar as práticas devocionais. Utilizou-se de um diário de campo para facilitar os registros de dados cotidianos no interior da festa. Foram realizadas entrevistas durante e fora do período da festa com romeiros e devotos, priorizando os devotos de maior idade por considerar o acúmulo de saberes e fazeres na história da tradição celebrada anualmente. Buscou-se abordar os aspectos da herança e da memória na tradicional festa recorrendo a autores que pudessem servir de referência para entender e interpretar, a partir dos conceitos propostos pelos mesmos, as romarias e as práticas devocionais no interior da festa. Considerando a experiência individual e coletiva dos devotos e Romeiros envolvidos anualmente com esta tradição, entende-se a necessidade de compreender a relevância da forma de manutenção dos saberes e fazeres religiosos no contexto cultural da festa.

Palavras-chave: Tradição, Romaria; Festa Religiosa; Herança de fé; Patrimônio Religioso.

ABSTRACT

This thesis is aimed at researching the tradition of the pilgrimages of Saint Anthony, inherited for generations and often carried out by family members, which occur in the hinterland of the San Francisco River valley in the north of the state of Minas Gerais. The delimited empirical field is the village of Serra das Araras, the place of the centennial celebration that attracts every year thousands of people. In order to carry out this research, fieldwork was done during and beyond the festival period. Some groups of pilgrims were followed for two years running, from the organization of the material structure to the arrival at the village of Serra das Araras, having been followed along the festival in order to observe, describe and analyze the devotional practices. A field diary was used to facilitate the daily data records within the party. Interviews with pilgrims and devotees were conducted during and outside the festival period, prioritizing the older ones by considering the accumulation of knowledge and practices in the history of this tradition celebrated annually. There was an attempt to address the aspects of inheritance and memory in the traditional festival by using authors who could serve as a reference to understand and interpret, from the concepts proposed by them, the pilgrimages and devotional practices within the festival. Considering the individual and collective experience of the devotees and pilgrims involved annually with this tradition, it is perceived the need to understand the relevance of the form of maintenance of knowledge and religious practices in the cultural context of the festival.

Keywords: Tradition, Pilgrimage; festival; inheritance of faith; religiosity, religious patrimony.

LISTA DE CROQUIS, FIGURAS, IMAGENS E MAPAS

Croqui 1- Localização do distrito de Serra das Araras em relação ao rio São Francisco	39
Croqui 2- Aspecto geral da Serra das Araras: lugar de devoção popular	67
Figura 01-Títulos e patentes recebidos no Brasil: Santo Antônio militarizado	64
Figura 02-Devota clamando a Santo Antônio	68
Figura 03-Capelinha no alto da Serra	68
Figura 04-Romeiro em ato devocional	68
Figura 05-Romeiros na trilha da Serra	69
Figura 06-Romeiros em missão de fé	69
Figura 07-Fogão a lenha improvisado	81
Figura 08-Cozinha dos romeiros	81
Figura 09-Cozinha ao ar livre no pouso	82
Figura 10-Romeiro preparando frango	82
Figura 11- Cozinha improvisada	82
Figura 12-Carne de sol secando para o almoço	82
Figura 13-Romeira relembando a jornada	87
Figura 14-Romeiro cumprindo voto	87
Figura 15-Estruturas das gerações familiares envolvidas na festa desde o século XIX	88
Figura 16-Missa campal	89
Figura 17-Romeira rezando o terço	89
Figura 18-Romeira em momento de oração e conversa com o Santo	94
Figura 19-Símbolos devocionais: pão e imagem de Santo Antônio	94
Figura 20-Romeiros em travessia do rio	97
Figura 21-Romeiros embarcando na balsa	97
Figura 22-Grupo de romeiras em caminhada	97
Figura 23-Carro de boi: símbolo na romaria de Santo Antônio	98
Figura 24-Romeiros jovens cumprindo promessa	98
Figura 25-Comitiva de romeiros em procissão	98
Figura 26-Romeiros recebendo as bênçãos	99
Figura 27-Carro de boi em volta do Santuário	99
Figura 28- Duas gerações de romeiros	99

Figura 29-Chegada de romeiros ao Santuário.....	99
Figura 30-Romeiros recepcionados por Santo Antônio.....	100
Figura 31-Cumprimento de promessa.....	100
Figura 32-Jovens cumprindo promessas para os pais.....	100
Figura 33-Encontro com o Santo da Serra.....	100
Figura 34-Venda de banho quente ou frio.....	102
Figura 35-Comércio somente durante a festa.....	102
Figura 36-Moradia adaptada para comércio.....	102
Figura 37-Comércio coberto com palha de buriti.....	102
Figura 38-Romeiro em busca do banho sagrado.....	103
Figura 39-Romeiros no Rio Catarina.....	103
Figura 40-Romeiro cumprindo o rito devocional no rio Catarina.....	103
Figura 41-Comitiva de romeiros.....	104
Figura 42-Grupo reduzido de romeiros.....	104
Figura 43-Devotos no interior do Santuário.....	106
Figura 44-Romeiros no rito de chegada.....	106
Figura 45- Devoção e clamor a Santo Antônio.....	107
Figura 46-programação da festa de Santo Antônio 2015.....	110
Figura 47-Milhares de romeiros durante a celebração.....	111
Figura 48-Devotos em jornada na Serra.....	121
Figura 49-Missão cumprida na Serra.....	121
Figura 50-O banho como parte do rito.....	123
Figura 51-Nova geração de romeiros.....	123
Figura 52-Acampamento público.....	125
Figura 53-Acampamento particular.....	125
Figura 54-Romeiro chegando ao distrito.....	127
Figura 55-Romeiro preparando os animais.....	127
Figura 56-Início da trilha peregrina.....	129
Figura 57-Trilha inóspita da Serra.....	129
Figura 58-Tiros em honra ao Santo.....	130
Figura 59-Romeiro agradece ao Santo.....	130
Figura 60-Espaço sagrado no alto de Serra.....	131
Figura 61-Cumprimento de votos.....	131

Imagem 01- Descrição do Livro de Tombo sobre os bens da Igreja em Serra das Araras.....	70
Imagem 02- Descrição do Livro de Tombo sobre casamento e batismo em Serra das Araras.....	73
Mapa 1- Localização da Serra das Araras e seu entorno.....	41
Mapa 2- Visualização por satélite do distrito e da Serra das Araras.....	44

SUMÁRIO

TEMA – Heranças de fé no sertão do São Francisco: devotos e romeiros na tradicional festa de Santo Antônio em Serra das Araras - MG

INTRODUÇÃO: motivação, fontes método.....15

CAPITULO I – RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE NO SERTÃO.....26

1.1 A Ciência da Religião e a religiosidade: alguns elementos de pesquisa.....26

1.2 O sertão como cenário da cultura religiosa..... 31

1.3 Historiografia da religião e as formulações generalizantes.....35

1.3.1 *O projeto colonizador e os primeiros vestígios da religiosidade*.....36

1.4 Caracterização e recorte geográfico do objeto.....38

CAPÍTULO II- Religiosidade e Festa Popular: devoções reinventadas.....52

2.1 Catolicismo ibérico e religiosidade no sertão do São Francisco.....52

2.2 Festa e festar: um espírito devocional.....59

2.3 Santo Antônio: um santo sertanejo nas quebradas do sertão.....63

2.4 A romaria de santo Antônio: tradição, herança e memória ancestral.....74

2.5 Romeiros e devotos no sertão do São Francisco.....78

2.5.1 *Tradição alimentar nas romarias de Santo Antônio*.....80

CAPÍTULO III- Romeiros e devotos: guardiões da memória religiosa.....84

3.1 História, memória, saberes e ofício religioso.....84

3.2 Travessias de fé: imagens devocionais no sertão.....93

3.3 Clero e devoto: a afirmação da religiosidade.....104

3.3.1 *Característica da programação da festa de Santo Antônio – 2015*.....110

3.4 Inventariando a festa devocional: rito e ritual, bens materiais e imateriais, associados à festa devocional de Santo Antônio em Serra das Araras.....111

3.4.1 Trezena.....	112
3.4.2 Ladainha.....	113
3.4.3 Responso.....	113
3.4.4 Imagem de Santo Antônio.....	114
3.4.5 O Mastro.....	115
3.4.6 Organização da festa.....	116
3.4.7 Carro de boi.....	117
3.4.8 Santuário de Santo Antônio.....	118
3.4.9 Largo do Santuário de Santo Antônio.....	119
3.4.10 Serra das Araras.....	120
3.4.11 Romarias.....	121
3.4.12 Rio Santa Catarina.....	122
3.4.13 Rio feio.....	123
3.4.14 O cruzeiro.....	124
3.4.15 Acampamento.....	124
3.4.16 Estrada romeira e vias adjacentes.....	126
3.4.17 Estrada peregrina.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS.....	136
ANEXO.....	148

INTRODUÇÃO

No contexto atual, a religião deixou de ser visto somente como objeto de culto por parte da sociedade. As novas possibilidades interpretativas apresentadas por vários pesquisadores, sobretudo, do campo da Ciência da Religião, abre espaço para a busca de entendimento das representações, dos conceitos, das práticas e da vivência de fiéis, devotos e de instituições representantes das diversas corrente e ideologias religiosas existentes.

A Ciência da Religião é aqui um instrumento importante na interpretação desse fenômeno por propor uma abordagem na qual seja possível contemplar as especificidades da experiência religiosa dos devotos de Santo Antônio no distrito de Serra das Araras no norte de Minas Gerais.

Acredita-se que as práticas devocionais dadas ali, podem ser contempladas com os estudos científicos da Ciência da Religião, nas suas especificidades e riqueza de elementos simbólicos. O olhar de pesquisadores das diversas áreas do saber notadamente deixou lacunas, ou ainda não contemplou a história dos ritos da vida devocional do povo do sertão do São Francisco. Nesse sentido, a pesquisa ora proposta pretende partir de outras estruturas de pesquisas, para, não só descrever, mas, interpretar e analisar a devoção no contexto social e cultural em que ela se insere. “Conforme sua autocompreensão como ciência, [...], a Ciência da Religião se confronta com seu objeto aqui necessariamente de modo ‘crítico’ ”. (HOCK, 2010, p.15).

Consideraremos aqui o contexto sociocultural em que se posiciona geograficamente o objeto dessa pesquisa no sentido de compreendê-lo a partir das especificidades local e regional, a que o mesmo está inserido.

Tendo origem nesta região do norte de Minas Gerais, cresci vendo a movimentação da vida devocional, as expressões da vida religiosa e as constantes repetições de frases curtas autorizando a deus, interferir no curso da vida ou justificando fenômenos naturais a partir da vontade divina. Mas a figura do criador, parece ser somente um componente do ethos religioso sertanejo, pois, os santos tornam-se pessoas de confiança de muitas famílias e de devotos que os tem como intercessores e mediadores¹ entre o “lá” (lugar distante, inatingível,

¹ É comum em todo o sertão norte de Minas as pessoas se referirem ao céu, enunciando deus, apontando para o alto com a mão aberta indicando verbalmente – “aquele lá de cima”; “aquele lá em cima”; “aquele de lá”. Refere-se também a: “Cá entre nós”; “cá na terra”; “cá em baixo” ou “do lado de cá”, indicando acerca das possibilidades humanas na terra a partir da mediação do santo de devoção.

morada do criador, céu) e o “cá” (lugar da vivência devocional, , lugar das possibilidades humanas,terra). E Tornam-se pessoas especiais porque sempre lhes serão reservado num canto da casa, um lugar especial, erguendo-se um altar familiar que quase sempre fica de frente à porta de entrada da casa, lugar onde se possa vê-lo logo ao entrar e de onde o santo pode recepcionar as visitas que ali chegam.

Comum também é ver todas as paredes encobertas por quadros de santas e santos que, disputam naquele espaço, a atenção especial do devoto. Em toda a região é comum identificar quadros do Bom Jesus da Lapa trazidos depois de uma visita ao Santuário e quadros e imagens de Nossa Senhora Aparecida. Estes, adquiridos a partir das visitas ao Santuário de Aparecida em São Paulo. Este cenário demonstra a tradição do povo norte mineiro em se deslocar anualmente a estes dois importantes Santuários brasileiros. No primeiro caso, os devotos norte mineiros estabelecem um encontro com o Bom Jesus, filho salvador, como forma complementar devocional. No segundo momento, o encontro se dá com a mãe sofredora e imaculada. A mãe de Jesus – o salvador. Como num triângulo de fé, primeiramente os devotos rendem graças a um santo particular, regional, como é o caso de Santo Antônio em Serra das Araras. Depois, complementa seu roteiro anual de fé, indo ao Santuário da Lapa e ao Santuário de Aparecida².

Este ambiente múltiplo de devoções e práticas de fé é o ambiente que nos motiva, em grande medida, a pesquisar a festa de Santo Antônio a partir das romarias aí constituídas. Sendo alguém da região convivi e percebo também a ausência de uma interpretação historiográfica dos diversos aspectos da vida religiosa sertaneja, sobretudo a festa devocional em Serra das Araras.

O conjunto de elementos simbólicos, a tradição romeira e a necessidade de registrar a festa, se colocam como grandes eixos motivacionais e que nos impulsiona a colocá-la no cenário da pesquisa acadêmica. Outros fatores foram fundamentais nesta escolha. Inicialmente não seria este o tema a ser pesquisado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – PUC/SP. Algumas andanças pela região do sertão do São Francisco para levantamentos de dados culturais, festas, danças, práticas devocionais, ofícios e saberes diversos colocavam a festa de Santo Antônio em Serra das Araras entre os principais itens levantados no mapeamento cultural e a festa mais comentada entre as pessoas abordadas.

² Usamos aqui esta explicação, apenas para esclarecer ao leitor que, a devoção a Santo Antônio e outras diversas devoções, não se encerram com ou na romaria em âmbito regional. Ela se completa com a ida à Bom Jesus da Lapa, geralmente entre os meses de julho a setembro e ao Santuário de Aparecida em outras datas fixas do ano. (Para os devotos, este deslocamento representa a atenção que devem dar à Jesus – o salvador e a sua mãe – Nossa Senhora).

Num primeiro momento, esbocei um breve planejamento fazendo projeção para pesquisar esta importante festa logo após o término do doutorado. Porém, duas importantes situações me colocaram em posição de redefinição quanto ao tema anteriormente proposto ao Programa de Ciência da Religião. Havia, depois de uma sugestiva e competente orientação de tese dada pela Prof^a. Dr^a. Maria José Rosado-Nunes, me dirigido a uma livraria e adquirido alguns importantes livros a mim indicados no curso da orientação. Por razões que não sei explicar os livros desapareceram e não conseguia lembrar qual teria sido a última vez que havia os tocado. Se havia os levado para casa ou se esquecidos em algum lugar de São Paulo. Confesso que fiquei preocupado com o vazio de memória que me impedia de ver a última imagem que teria tido com os livros. Certo é, que até aqui, não consigo me recordar sobre o paradeiro dos mesmos.

Em algum momento teria que retornar à orientação, mas a dúvida quanto ao truncado tema ainda me deixava inquieto. Momento que me suscitou a buscar a indicação astuta e sábia do professor Dr. Ênio Brito. O seu olhar clínico e iluminado me indicou de pronto que eu poderia utilizar dos arquivos de que já conhecia sobre temas da região norte - mineira dos quais já tivera contato através das minhas andanças per este sertão. Não tive dúvida. Voltei para casa planejando substituição do tema de pesquisa. Assim que visitei alguns arquivos que indicavam a festa de Santo Antônio como importante referência festiva da região, foi necessário comunicar à orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria José Rosado-Nunes, da possível mudança de tema de pesquisa. Tendo encontrado apoio na proposta indicada, me organizei para a lida com a temática. Estas questões, portanto, são motivadoras da nossa escolha em pesquisar este tema, ainda necessitado de uma interpretação mais detalhada de pesquisadores das diversas áreas do saber.

Esta realidade nos impele a eleger a festa de Santo Antônio de Serra das Araras, não somente para este momento, mas como objeto de pesquisa constante dada a possibilidade de construção de um banco de dados que seja capaz de apresentar a diversidade e a riqueza cultural e simbólica da referida festa, através da aplicação de instrumentos de pesquisa que estejam adequados à realidade regional e local.

Neste caso, atentaremos a uma discussão que permeie o campo da ciência da Religião, de forma a compreender, descrever e analisar sistematicamente a partir de uma abordagem que sejam capazes de conferir ao objeto de pesquisa deste trabalho um status científico considerando a sua relação no contexto sociocultural do sertão. Pretende-se, portanto, estabelecer uma aproximação da Ciência da Religião com o universo simbólico da experiência cultural religiosa de devotos e romeiros no sertão do São Francisco.

O estudo da religião sempre se apresentou enquanto um grande desafio àqueles que propunham descrever e analisá-la. Suas raízes descritivas podiam ser encontradas em maior profusão junto à teologia, pois, “Era a teologia que se encarregava de fazer o discurso sobre a religião”. (TERRIN, 2003, p.17) Porém, muitas das questões necessárias a um entendimento mais profundo e sistematizado acerca da religião, não era possível, considerando que, as explicações partiam unicamente da teologia. Este problema só seria dirimido com a evolução e as formulações nos diversos campos do saber.

Não há como negar o processo histórico qual foi construído ao longo do tempo até que se chegasse a certo amadurecimento até que, de fato, se pudessem propor novas abordagens ao estudo da religião.

Para HOCK,

a pergunta pela relação entre a Ciência da Religião e a Teologia é um tema particularmente disputado e sensível. Isso tem a ver não somente com o fato de que a Ciência da Religião – como tantas outras ciências – se emancipou da Teologia, ao longo do desenvolvimento histórico-científico, mas também com o de que ambas, tanto a Teologia como a Ciência da Religião, trabalham nas mesmas áreas e dedicam-se a questões semelhantes, parcialmente iguais. (2010, p.2005)

Nesse sentido, a proximidade entre a teologia e a Ciência da Religião quanto ao seu objeto referencial, a religião, permite provocações metodológicas por vezes conflitantes, mas que, também, permitem distanciar-se uma da outra conforme o método e a abordagem. Faustino Teixeira destaca o “processo de formação e afirmação da Ciência da Religião” como uma tendência verificada nessa relação. (2013, p.176)

Há autores da Ciência da Religião que se posicionam de forma mais crítica à presença da Teologia no campo da Ciência da Religião e outros que admitem sem problemas a sua presença, tendo em vista a formulação inclusiva da Ciência da Religião como campo interdisciplinar amplo. (TEIXEIRA, 2013, p.177)

Assim, num campo conflituoso e divergente é que se dá a constituição do campo de estudos e pesquisas hoje conhecido como Ciência da Religião.

O contexto da colonização possibilitou um amplo e refinado contato entre povos diferentes, viabilizando leituras por vezes equivocadas e intervenções, sobretudo, na cultura religiosa dessas populações. Razão pela qual a experiência religiosa tornou-se diversificada e dinâmica, tornado-se, portanto, espaço privilegiado de interpretação da sociedade.

Vários foram os estudiosos e pesquisadores que se debruçaram sobre a temática, contribuindo, de certa forma, no processo de construção do estudo científico da religião.

Porém, somente no Século XIX, a partir das proposições de Max Muller é que o estudo da religião se consolida, de fato, como Ciência.

Ainda na época que antecede a institucionalização da disciplina, teólogos, filólogos europeus como, por exemplo, o suíço Johann Georg Muller, desde 1837 davam cursos na área da história de religiões. Paralelamente, aqui e ali, o termo 'Ciência da Religião' já havia sido aplicado. [...], porém não no sentido estrito como no caso do orientalista alemão Max Muller, [...]. Foi ele quem, [...], introduziu o termo Ciência da Religião no sentido de uma disciplina própria. (USARSKI, 2006, p.23)

Desde então, começou a ser criado em alguns países da Europa como na Suíça, na Holanda, na Itália, na França e outros países a cadeira de Ciência da Religião. A criação de Cátedras a partir de então, possibilitou um espaço de discussão mais amplo e mais acirrado na medida em que o estudo da religião se distanciava da teologia e se colocava numa condição de independência desta, postulando abordagens inovadoras e por si, conflitantes no campo teórico.

Outros resultados inerentes podem ser apontados como de grande relevância no processo de consolidação da Ciência da Religião, como, “o surgimento de periódicos e publicações paradigmáticas repercutindo em comunidades associadas.” (USARSKI, 2006, p.27), além da organização de congressos suscitando assim, um amplo debate sobre a temática religião. Nesse caso, deve considerar a evolução, amadurecimento e reelaboração das discussões, o que só contribuiu ao longo do tempo, para a consolidação da disciplina Ciência da Religião no âmbito acadêmico.

O objeto proposto a uma interpretação de forma sistematizada nesse trabalho de pesquisa, não passa pela busca de um entendimento sobre o conceito de religião. Reconhece-se aqui, que o grande número de pesquisadores que atentaram a tal questão, não conseguiu êxito quanto a uma consolidação conceitual do termo religião. “Um dos problemas na definição do termo ‘religião’ reside no fato de que o próprio termo nasceu num contexto cultural e histórico muito específico” ao ocidente. (HOCK, 2010, p.17). Assim, a aplicação ou referência universalizada do termo encontra divergências consideráveis. Também não se pretende defender singular ou plural nomenclatura do termo na designação da religião enquanto ciência. Contudo, optamos neste trabalho de pesquisa pelo uso do termo singularizado, Ciência da Religião, em função das escolhas de leitura que se estabeleceu para esta pesquisa.

Nessa perspectiva, os aportes teóricos aqui apresentados, auxiliam de forma significativa no desenvolvimento da pesquisa e na interpretação dos dados coletados num

certo esforço etnográfico, comum aos observadores participantes que tentam interpretar de dentro para fora, pelo menos em parte, o seu objeto de análise.

Considerando, portanto, os argumentos de Usarski (2006), acerca dos pilares da Ciência da Religião e de uma perspectiva metodológica de abordagem do objeto religião, abre-se um campo de possibilidades, considerando obviamente, as devidas proporções científicas naquilo que qualquer área do conhecimento pode oferecer em termos de incertezas e/ou armadilhas conceituais. A tentativa de afirmação epistemológica parece concretizar um ideal de assegurada autonomia, a partir das vertentes propostas pelos teóricos em questão.

Para Klaus Hock:

A fundamentação da Religião e a Crítica da Religião pertencem à área da pesquisa acadêmica da religião,...). Conforme sua autocompreensão como ciência, porém, a Ciência da Religião se confronta com seu objeto aqui necessariamente de modo 'crítico'. Uma perspectiva de cooperação entre a Ciência da Religião e a Filosofia está se abrindo no esforço compartilhado em prol da elaboração de uma linguagem científica comum, com base em padrões e modos de procedimento metodologicamente claros. (2010, p.15)

Hock (2010) afirma com propriedade sobre a necessidade e a existência de criticidade, além, é claro, de uma perspectiva metodológica que seja esclarecedora. Nesse sentido, afirma-se assim, a constituição de um campo metodológico que permite abordar o objeto religião a partir das vertentes propostas pelas diferentes correntes de pensamento. Nestas, cristalizam-se conceitos e esquemas de entendimento que tentam superar possíveis lacunas na direção de uma sistematização cada vez mais compreensiva da Ciência da Religião enquanto campo de conhecimento científico.

Nesse caso, faz-se necessário recorrer à história e considerar as construções anteriores de muitos pesquisadores que se debruçaram na reelaboração dos conceitos mais apropriados ao campo de conhecimento posto.

Apresentando uma análise sobre a questão epistemológica do campo religioso, Eulálio Figueira, destaca a obra de Wach, dizendo que:

Ele vai além de uma abordagem hermenêutica [...] para a ciências da religião, ou de uma sociologia da religião, com fundamento fenomenológico [...], para apresentar a ciência da religião como disciplina que se constitui para além da teologia e da filosofia da religião. (2005, p.291).

As inquietações de Wach parecem situar na dependência que o campo religioso apresenta em relação à filosofia e à teologia. Assim, a busca é a de distanciar-se o máximo possível dessas duas para que se consiga atingir certa autonomia enquanto um campo que se

justifique por ciência. Pois, “existe um objeto que se constitui especificamente ‘de religião’ e no plano do discurso científico existe algo a ser dito, que só a ciência da religião tem competência para fazê-lo”. (FIGUEIRA, 2005, p.293). Para tanto:

Caso queira ser ciência, e não Filosofia ou escrito devocional, a Ciência da Religião deve possuir algumas ‘virtudes epistemológicas’, como ‘sensibilidade para com o fato empírico, premissas de fundo plausíveis, coerência com outras coisas que conhecemos e exposição a críticas das mais variadas fontes. A isso se incorporam virtudes [...], como ‘objetividade, imparcialidade, honestidade [intelectual], reflexividade e autocrítica. (CRUZ, 2013, p.43).

Como se percebe, a proposição de Cruz (2013), alerta para a busca de afirmação de um campo e consolidação a partir de alguns elementos que se colocam como necessários na experimentação e constituição da Ciência da Religião enquanto um campo de ciência. Independentemente das possibilidades interpretativas, ou correntes de pensamento existentes no âmbito da Ciência da Religião, como outra ciência qualquer, o esforço deve ser sempre o de tentar superar as suas próprias limitações, não somente no campo teórico, distanciando-se, cada vez mais, nesse caso, da Teologia e da Filosofia.

Posicionando-se sobre a interpretação da religião, Angnolin (2003) trata dos problemas conceituais do campo religioso, sua história e limitações existentes no campo teórico, bem como das diferentes perspectivas de abordagens, afirmando que, “cada vez mais, a nova investigação do campo vem exigindo a colaboração de especialistas que adentrem na peculiar especificidade histórica de cada contexto cultural”. (p.193)

Por outro lado, Terrin (2003) assegura que um pouco de teoria ajuda a compreender a religião e superar tentações pré-conceituais existentes. Klaus Hock (2010) na sua obra introdutória à Ciência da Religião fala da aproximação entre as subdisciplinas, discutindo alguns termos conceituais. Para Hock:

A Ciência da Religião é a pesquisa empírica, história e sistemática da religião e de religiões. Para tanto, abrange uma diversidade de disciplinas que analisam e apresentam religiões e fenômenos religiosos sob aspectos específicos. (p.130).

Essa especificidade , no entanto, só pode ser considerada a partir do conjunto de disciplinas desdobradas na estrutura interna da Ciência da Religião dado o caráter multidisciplinar da mesma (PASSOS e USARSKI, 2013, p, 27).

A Ciência da Religião - que não pode, em nenhuma hipótese, cumprir o papel de uma criptoteologia – tem aí autonomia garantida para investigar de vários ângulos o fenômeno religião, chegando aos resultados e às novas hipóteses possibilitados por sua competência científica. (SOARES e USARSKI, 2007, p.299)

Tal competência científica se estabelece na medida em que uma investigação no campo religioso pretende “aprofundar e aperfeiçoar o conhecimento sobre os fatos da vida religiosa”. (PASSOS e USARSKI, 2013, p.51) Sendo assim, não cabe de fato, ao pesquisador fazer apologia a qualquer crença religiosa. Pois,

a Ciência da Religião defende uma postura epistemológica específica baseada no compromisso com o ideal da ‘indiferença’ diante do seu objeto de estudo. Trata-se de uma técnica de observação e descrição que na literatura especializada é freqüentemente associada a termos como ‘ateísmo metodológico’ ou ‘agnosticismo metodológico’. Comprometido com este ideal, o cientista da religião exclui da sua agenda a questão da ‘última verdade’ e não se permite avaliar aspectos religiosos em comparação com as normas de outra religião ou com quaisquer outros critérios ideológicos. (PASSOS e USARSKI, 2013, p.51)

Para Grechat, “A observação é o método científico por excelência. Observa-se o que acontece.” (2005, p, 100). Em seguida é necessário tratar os dados coletados de forma a obter os resultados esperados sem que alguma formulação ideológica interfira nos resultados. O ateísmo metodológico deve de certa forma, induzir o cientista da religião a uma idéia de que, “O estudo de uma religião pressupõe respeitá-la e não manipulá-la,” (2005, p.101).

Conforme proposição de Grechat percebe-se, que, o pesquisador cientista da religião deve fazer um esforço diferenciado em relação a outros campos de pesquisa, até mesmo pelas especificidades que o campo religioso possui e pela forma como seus componentes podem influenciar na análise de determinados dados.

A apresentação desse conjunto de autores serve para nos dar uma referência acerca das ferramentas teóricas e metodológicas, além de apontar possibilidades de interpretação e abordagem sobre o objeto aqui apresentado.

Partindo de tais apontamentos e possibilidades interpretativas, deve-se considerar que as práticas devocionais e as romarias no sertão do São Francisco são resultado de um conjunto de práticas que foram reinventadas num contexto diverso do qual muito existe para ser descrito e interpretado enquanto componentes da religiosidade popular. Para tanto, faremos uma abordagem que seja capaz de considerar o universo simbólico da festa de Santo Antônio, bem como a história e a memória das práticas devocionais desenvolvidas na lógica da repetição como é comum no catolicismo, a partir do que se pode considerar como herança devocional de uma tradição centenária, articulada pela palavra que é carregada de validade e respeito quando proferida por um membro mais velho da comunidade. Nesse sentido o entendimento acerca do conceito de herança entre os devotos na festa de Santo Antônio, “não pode abrir mão da tradição oral” (CALVET, 2011, p.116).

Ao contrário do texto escrito, que guarda a palavra, oferecida circunstancial e solidariamente a seu leitor, que com ela estabelece ou não vínculos de prazer, de saber e de reescritura, a palavra oral existe no momento de sua expressão, quando articula a sintaxe contígua, através da qual se realiza, fertilizando o parentesco entre os presentes, os antepassados e as divindades. (MARTINS, 1997, p.146).

Diferentemente do texto escrito, a palavra falada no âmbito da festa devocional emana saber, respeito e consideração, pois, assegura o passado, a memória e um conjunto de verdades que só fazem sentido se proferidas por pessoas de levada estima na comunidade.

Nosso objetivo se constitui na verificação e interpretação das práticas tradicionais de saber religioso, herdadas pelas gerações seguintes no âmbito da festa de Santo Antônio em Serra das Araras no município de Chapada Gaúcha no norte de Minas Gerais.

Pretende-se produzir e sistematizar o conhecimento sobre as práticas tradicionais mantidas por diversas gerações como forma de manutenção do patrimônio cultural apreendido continuamente a partir da observação e pela repetição.

Nossas hipóteses se fundam em supor inicialmente que, na medida em que as gerações seguintes assumem as práticas devocionais na festa de Santo Antônio a manutenção da mesma está garantida dentro das especificidades regionais. Esta festa religiosa possui elementos que a distanciam caracteristicamente de outras festas. As romarias são compostas, também de especificidades que se revelam ao longo do seu percurso.

Para a concretização desta pesquisa, inicialmente foi feito levantamento sobre os noticiários da festa em matérias jornalísticas da cidade de São Francisco. A referida cidade além de fazer parte da origem da história de Santo Antônio, constitui também, num eixo geográfico referencial importante para os diversos grupos de romeiros que se deslocam desde a margem direita do rio São Francisco em direção ao Santuário de Santo Antônio. É relevante o número de devotos e romeiros pertencentes a este município que deslocam todos os anos para o local da festa. Famílias inteiras se organizam para permanecerem por um período de até dez dias em Serra das Araras durante a festa devocional.

Optamos, portanto, por entrevistar devotos e romeiros de São Francisco e de Serra das Araras. Principalmente aqueles com longos anos de participação na tradicional festa. A partir de uma entrevista semi-estruturada na qual os entrevistados ficaram bem à vontade, estabelecemos um contato com os mesmos através da indicação de agentes já conhecidos na comunidade ou parentes. Estratégia usada como meio facilitador da confiança entre entrevistador e entrevistado. O Objetivo inicial era de realizar pelo menos 25 entrevistas,

porém, a distância para deslocamento e o contexto da festa se colocaram como limitadoras tanto para o pesquisador como para alguns devotos, sendo realizada cerca de 15 entrevistas.

Apesar do acompanhamento de alguns grupos de romeiros para melhor definir o perfil e os critérios da ordem coletiva do grupo, procurou-se observar a sua forma organizacional, os suprimentos coletivizados no dia-a-dia da caminhada pela estrada romeira e a cultura alimentar do grupo.

Por dois períodos que se deram nos meses de junho de 2014 e 2015 no contexto da festa estabeleceu-se uma relação que pudesse ser o mais próxima possível dos romeiros e devotos tendo como referência a “Romaria pé no chão”, assim intitulada e coordenada por Dona Maria, (conhecida por Maria romeira) há cerca de 30 anos. Este grupo sai da cidade de São Francisco no dia 06 com previsão de chegada à Serra das Araras no dia 11 do mês de junho. Embora a tentativa fosse de acompanhar simultaneamente dois grupos de romeiros, já que os mesmos seguem a mesma rota, conseguimos nos orientar mais proximamente com apenas um grupo, encontrando os demais ao longo da estrada de quase 100 quilômetros que separa a cidade de São Francisco de Serra das Araras. Enquanto observava e acompanhava fazíamos registros da rotina do grupo e de outros grupos que transitavam em direção ao Santuário.

No dia-a-dia da festa pudemos acompanhar devotos de várias cidades e caracterizar o local da festa a partir da utilização do diário de campo na tentativa de assimilar informações sobre os vários aspectos da festa. O âmbito da festa não demonstrou momento propício a realização de entrevistas. As características do acampamento formando um aglomerado de milhares de romeiros e o excesso de ruídos ininterrupto nos impeliu ao agendamento de várias entrevistas fora do contexto da festa.

Coletando os dados de campo passamos a associar os mesmos às leituras selecionadas e a ampliar a pesquisa sobre a festa de Santo Antônio. Vários sites foram pesquisados por dias a fio. Bibliotecas virtuais e alguns arquivos. Todos desafiavam a nossa esperança inicial que era de encontrar algum texto referente à festa de Santo Antônio em Serra das Araras. Apesar da insistente busca não encontramos qualquer pesquisa referente a esta tradicional festa.

Diante de tal questão, passamos a propor a constituição de um banco de dados sobre a festa e elegê-la como *locus* de contínua pesquisa, a partir do que foi levantado para esta tese.

Conforme os dados que conseguimos neste período de pesquisa pensou-se em organizar este trabalho em três capítulos, sendo que, inicialmente procuramos apresentar já na introdução os referenciais do campo da Ciência da Religião, apenas como forma de se colocar a partir daquilo que se constitui enquanto um campo de estudos fora da teologia com suas variações e limitações.

No primeiro capítulo tentamos descrever de forma breve a constituição da religiosidade a partir América colonial sob a influência da Península Ibérica bem como o desdobramento de diversas práticas catolicistas no sertão, caracterizando e apresentando a definição do recorte geográfico do nosso objeto de pesquisa.

No segundo capítulo tratar-se-á de analisar aspectos característicos da romaria no sertão do São Francisco. A tradição, as heranças de fé e a memória se colocam como questões referenciais para o entendimento das relações estabelecidas e dos sentidos e práticas reproduzidas no interior das romarias e na festa de Santo Antônio. Aqui as imagens devocionais e a memória individual e coletiva dos devotos serão interpretadas na tentativa de identificar o sentido que há na relação entre devoto e santo, além da sabedoria popular capaz de memorizar e repetir anualmente, os ritos da vida religiosa e transmitir às gerações posteriores o conhecimento adquirido ao longo da vida.

No terceiro capítulo propõe-se destacar a memória e os saberes dos agentes religiosos que, muitas vezes sem saber ler e escrever acumula grande quantidade de conhecimentos, distribuído entre, rezas, cânticos, danças, ritos, símbolos e seus significados. Linguagem que representa a sagração do indivíduo desde o nascimento até a morte com a encomendação de almas.

CAPÍTULO I

RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE NO SERTÃO

Meu guia é Santo Antônio. Meu pai fez promessa se tivesse uma filha mulher, porque ele só tinha filho homem, se tivesse uma filha mulher era pra chamar Antonia. Aconteceu de eu nascer no dia dele e meu nome é Antônia. (A.C. S., 2015).

Neste capítulo inicial abordamos de forma objetiva o campo da Ciência da Religião no sentido de que a partir daí se possa perceber a relação entre a abordagem da religiosidade e as possibilidades de interpretação da religião como objeto de pesquisa. Neste caso, apresentamos o nosso objeto de pesquisa, caracterizando e tratando do recorte geográfico – núcleo do sertão - e das peculiaridades do ritmo da vida religiosa no sertão do São Francisco. As características do catolicismo ressignificado através da festa e da devoção, a partir do projeto colonizador.

1.1 A Ciência da Religião e a religiosidade: alguns elementos de pesquisa

Tratar da religiosidade no Brasil tornou-se um sutil desafio ao mesmo tempo, em que tornou extremamente necessário abordar a temática da religiosidade em função da riqueza e diversidade de expressões encontradas nesse campo e ainda não compreendidas. Pode-se apontar limitações e desafios recorrentes na forma de abordar esse objeto. Apontaremos alguns nesta seção.

A religião enquanto uma história interpretada seguiu seu curso historiográfico, como é comum a todo objeto passível de uma interpretação, com as imperfeições herdadas de processos interpretativos anteriores.

Considerando que a sociedade colonial brasileira esteve ao longo dos séculos de colonização, sob a égide da cultura religiosa católica cristã, tornou-se comum enxergar as questões da sociedade somente a partir dessa perspectiva. Um sistema educacional que

privilegiava os ensinamentos cristãos moldou a mentalidade da sociedade de uma formação ética e moral plenamente cristã. A teologia ganhou forte enlevo por tentar ao longo do período citado, e assim o foi, negar outras possibilidades interpretativas da sociedade e, portanto, das práticas sociais ali desenvolvidas e vivenciadas.

O projeto colonizador tinha regras duras e determinadas para a formação de certo padrão religioso na sociedade colonial brasileira. Nesse sentido, a grande liberdade de ação dada às ordens religiosas, sobretudo aos jesuítas, para imprimirem na sociedade em formação um ritmo de regras e modos de agir, se não foi plenamente eficaz, foi determinante na forma como moldou a vida religiosa cotidiana da sociedade colonial. Um exemplo disso foi a maneira como o formato educacional se reproduziu seletivamente entre a sociedade ou seja, somente a elite tinha acesso ao conhecimento escolar institucional.

As habituais missas dominicais ainda que em capelas particulares e a catequese “formadora” da mentalidade juvenil, propiciaram uma mentalidade proselitista que, só no correr de muitos anos seria capaz de abrir espaços a outras representações. “O que importa saber é se, (...), ainda há espaço para um estudo histórico das religiões numa perspectiva reflexiva e crítica, (...), teoricamente fundamentado, não confessional e sem quaisquer aspirações de natureza proselitista. (MATA, 2010.p.18)”.

Era comum, já na instituição do povoamento das diversas regiões da colônia o estabelecimento de uma capela e conseqüentemente a aglomeração de pessoas no seu entrono, o que caracterizava certo desenvolvimento e, portanto, boas perspectivas de evolução também da participação na vida religiosa. A função religiosa pode, portanto, ter sido o principal impulso para a criação de estabelecimentos humanos mais densos nas áreas rurais. (FONSECA, 2011, p.446). Tornou-se recorrente no sertão a prática de doação de terras para construção de templos religiosos, por parte de fazendeiros.

Os pioneiros que se instalavam nos sertões da capitania (...) erigiam pequenas ermidas, as quais, em princípio, serviam apenas aos ritos religiosos cotidianos de suas famílias, (...), pouco a pouco, novos fazendeiros instalavam-se nas proximidades e o número de fiéis aumentava: os habitantes então requeriam (...) a construção de uma capela pública, (...). Para tal, um ou vários fazendeiros cediam uma porção de terreno que, além de abrigar o edifício, destinava-se a gerar receitas para sua manutenção. Esses doadores eram padroeiros da capela e tinham direito a diversas honrarias: lugar reservado, (...), e preces especiais. (...) A doação de terras por parte do padroeiro da igreja produzia um novo tipo de estrutura fundiária que tornava possível, a médio ou a longo prazo, uma concentração habitacional em torno do edifício religioso. (FONSECA, 2011, p.111).

A administração da vida religiosa estava assegurada nas circunscrições eclesiásticas naquilo que se constituía enquanto um território sagrado e necessário à salvação de almas. A

construção do templo religioso selava a partir de então, entre outras coisas, a relação do poder político com o poder religioso.

Assim, a diocese, a freguesia, a paróquia e outras circunscrições de menor expressão faziam pleno sentido tomando-se em conta o conjunto das relações estabelecidas nas diversas regiões eclesiásticas, onde arraiais, vilas e povoados representavam também, espaços de formação e constituição de identidade e poder. Difícil, era, porém, assim como ainda hoje, diferenciar entre um território eclesiástico e a circunscrição político administrativa dos respectivos municípios. Pois, “(...) é impossível distinguir com clareza onde termina o político e onde começa o religioso”. (MATA, 2010, p.81). Ademais, o clero ávido de poder e submetido ao Padroado Régio exercia, nessas circunscrições, suas atividades municipais, além de administrar a vida religiosa da população. Muitos outros ainda tinham os seus negócios econômicos para tratar. Coisa comum nas regiões coloniais.

Nesse contexto, muitos religiosos abusavam da administração da coisa religiosa explorando a população que, em muitos casos, recorria à denúncia provocando a punição de muitos padres até mesmo com o degredo das áreas coloniais.

Contudo, a história interpretativa da vida religiosa no Brasil foi tomando corpo com todas as imperfeições que a interpretação humana pode provocar. Para Sergio da Mata, “As possibilidades e problemas se avolumam, e não apenas por causa da extensão incomensurável do objeto ‘religião’. Também do ponto de vista teórico, são poucos os campos da pesquisa histórica que dispõem de um arsenal conceitual e metodológico tão vasto como este”. (2010, p.71).

Além de uma visão bem mais teológica na interpretação da sociedade, a historiografia consolidou-se num outro problema, pois, só raras vezes, não era um membro do clero que buscava interpretar o campo religioso. “Ao abordarem religião, os historiadores (...) ocupavam-se majoritariamente com as relações entre poder político e poder religioso”. (MATA, 2010, p.52). Ainda sim, sem as orientações teóricas e metodológicas necessárias a qualquer pesquisador que se guie minimamente pelo status crítico da história construída.

Nesse sentido, não foram poucos os trabalhos de pesquisa desenvolvidos com profundas características teologizantes e apologéticas.

Os pressupostos teológicos tornam-se um corpo estranho na história das religiões. Quando muito, tais pressupostos exercem ainda influência no interior de uma ou outra subdisciplina, como a história eclesiástica. No mais das vezes, porém, eles são inteiramente abandonados mesmo por pesquisadores que se consideram adeptos de uma dada confissão. Para o Historiador das religiões a teologia continua a ter importância apenas na medida em que lhe permite conhecer o discurso (...) que a religião elabora sobre si mesma. (MATA, 2010, p.65).

Nessa perspectiva, tornou-se comum a existência de trabalhos sobre religiosidade sem uma possível análise crítica. O campo religioso passou a ser encarado como um campo qualquer de pesquisa que pode e deve ser estudado cientificamente, sobretudo na academia.

Outro fator considerável nesse processo a uma observação mais cuidadosa era o uso de termos generalizantes. A religião era tratada sem considerar as especificidades das diversas regiões brasileiras. Assim, os temas tratados no contexto da religiosidade só diziam respeito a certas localidades ou regiões a que o pesquisador conhecia. Enfim, várias outras realidades jamais foram contempladas além de não serem passíveis de receber, pelas características locais e regionais, muitas das designações conceituais.

Além destes fatores já citados, outros três fatores correspondem ao que aqui consideramos como os grandes desafios para as pesquisas que tratam da religiosidade. Primeiro, buscar uma superação das pesquisas desenvolvidas em décadas anteriores pelas características teologizantes, sem obviamente, desprezar os preceitos teológicos, ampliando as novas formas de abordar a religião/religiosidade, a partir de novas e inéditas pesquisas. Segundo, distanciar da abordagem teologizante indo além das abordagens antropológicas. Sabe-se que a antropologia, unicamente, não consegue explicar muitas das questões postas no campo de pesquisa. O fenômeno religioso se revela como sendo um sistema bem mais complexo a exigir formas diferentes de interpretação. O terceiro desafio na pesquisa com religião/religiosidade é superar as limitações no trato com o objeto religião, considerando as especificidades regionais e locais e avançando na leitura das mais diversificadas fontes, bem como na interpretação das suas diferentes tipologias e caracterizações. Nesse caso, torna-se importante rever o ponto de partida para uma interpretação do mencionado campo de pesquisa sobre religiosidade.

Várias são as fontes a ser desbravadas, na perspectiva da religião, com outro foco, outro olhar, tentando decifrar as minúcias do conjunto imagético historicamente construído em certas fontes. Os jornais constituem um arsenal enquanto fonte primária capaz de revelar preciosas informações de um tempo já vivido, mas que tem muito a dizer da vida religiosa das sociedades. Documentos oficiais de instituições públicas e privadas, embora aparentemente consolidados nos termos da função burocrática, também podem revelar diversos aspectos da vida religiosa. Arquivos públicos com toda sua diversidade de documentos representam um universo de informações sobre as práticas e a vivência de uma sociedade, revelando um cotidiano permeado pela conduta religiosa que podem ser explorados com grandes possibilidades de sucesso analítico.

O que é hoje desprezado, amanhã pode se revelar rico em tesouros. Foi o que aconteceu com processos inquisitoriais, registros de batismo, testamentos, legendas e hagiografia: desprezadas ao longo do século XIX, foram descobertas na segunda metade do século passado pelos historiadores das mentalidades. (...), tornaram-se importantes não apenas para os estudos urbanísticos e de história da arte; o historiador da religião pode e deve utilizá-los. (MATA, 2010, p.72).

Estende-se a este conjunto, é claro, as fontes orais. Estas representam, para muitos pesquisadores e essência de grande parte das interpretações. Para o que propomos neste trabalho, a oralidade aparece como um canal que possibilita a partir da escuta, interpretar as performances de grandes conhecedores e, portanto, guardiões da memória e do patrimônio religioso enquanto saber e fazer, porque, exprime as representações de um tempo que sempre quer retornar para reorganizar o ciclo de vida dos devotos.

É exatamente dessa forma que a memória se apresenta nas celebrações, formas de expressão, lugares e ofícios que compõem o patrimônio imaterial. Através de manifestações de grupos ou comunidades, que se identificam e se sentem pertencentes a essa coletividade, a memória se mostra presente e dinâmica, sendo capaz de preservar e transmitir a vivência de tradições inerentes àquele grupo. (CAMPOS, 2015, p.19).

“Trata-se, portanto, de uma abordagem da memória, que, ‘ serve de reservatório para alimentar as ficções da história que se constrói do passado” (CANDAU, 2011, p.158-9; apud; CAMPUS, 2015, p.70;) na medida em que os devotos se apropriam desse passado transformado em conhecimento, tornado patrimônio e apreendido, geralmente desde a infância, por herança dos pais, avós ou outros parentes, assegurando aquilo que se constitui enquanto tradição e, portanto, patrimônio cultural de uma coletividade.

Na tradicional festa de Santo Antônio no distrito de Serra das Araras encontra-se comumente na fala dos devotos o que, para eles é a mais pura representação da tradição herdada dos ancestrais, pais, avós e bisavós.

Eu, a *divução* minha é assim, chego com a roupa que eu saio daqui, eu visito o santo. É porque foi assim que pai fez a promessa. Assim eu cumpro, visito o santo com aquela roupa, e assisto uma missa. (...) Mãe até hoje, ela tem isso, e ela aprendeu e era todo mundo que tinha, quer dizer que era uma *divução* que a gente tem né! Que significa que é aquele da romaria³. (M. F. S., 2015)⁴.
Toda vida, sempre acompanhando meu pai e minha mãe, todo mundo. A gente via a devoção. Com Santo Antônio, que foi aquele laço que me prendeu mais ainda, que foi a graça que ele me deu do meu filho não morrer (*depois de um*

³ Em consideração aos aspectos do linguajar regional, manteremos as expressões como citadas pelos entrevistados, desde a transcrição até as citações neste trabalho.

⁴ Nas designações referentes aos entrevistados nesta pesquisa serão usadas as letras iniciais dos nomes dos mesmos, como forma de resguardar a imagem e a integridade dos romeiros e devotos que colaboraram cedendo informações a esta pesquisa.

acidente com animal)⁵. Mas sendo que eu já era devota eu vinha todo ano com meus pais. (E.P.N., 2015) (*grifo nosso*).

Em ambas as citações, estão expressas o sentimento de continuidade e afirmação de práticas tradicionais. No primeiro caso é mantida a tradição de, ao chegar no distrito, fazer os agradecimentos e ir à missa ainda com a roupa da jornada romeira. Assim era com os familiares que antecederam a experiência da romaria devocional. As gerações mantenedoras da tradição querem repetir os gestos como uma forma de respeito à memória dos ancestrais. No segundo caso, os ensinamentos acabam por perdurar por gerações como forma de manutenção da memória de um determinado grupo.

1. 2 O sertão como cenário da cultura religiosa

Tratar do termo religião não parece algo tão simples. As diversas ramificações existentes no campo religioso, dentre essas, a religiosidade, oferece múltiplas facetas tornando-se uma prática de difícil abordagem. A configuração conceitual dada por Eduardo Hoornaert nos anos de 1970 serve ainda hoje como referência na forma de discernir o catolicismo entre o rural e o urbano. Esta fórmula está de acordo com as características dos vários países da América latina desde os momentos iniciais do seu processo formador, na sua dicotomia entre área urbana e as extensas áreas de economia agrária, onde o catolicismo se estabeleceu e se solidificou como prática oficial da vida religiosa.

Em muitos casos, a área camponesa dos recém formados países latino-americanos chegava a ser bem mais extensa, continuando a sê-lo, mesmo em fins do século XX e em outros casos até mesmo na atualidade. O desenvolvimento urbano de muitos destes países, teria sofrido ao longo do século passado grandes entraves por não comportar o grande fluxo migratório dado a partir do mundo rural.

A ideia de modernização/modernidade passou a ser a grande questão para as sociedades, o grande desafio pregado por grupos privilegiados economicamente e que já não desejavam mais possibilitar uma reorganização social do meio rural. Nesse sentido, passou-se a discutir modernização/modernidade somente em contraposição à vida rural. O espaço

⁵ A narrativa feita pela devota de Santo Antônio durante a entrevista trata de um acidente que o filho sofreu com a chifrada de um bode, quando era criança.

urbano passou a ter o significado de desenvolvimento somente em contraposição ao meio rural que, por sua vez, passaria a ser visto como um espaço do atraso, do retrógrado e do imutável. Nessa perspectiva, uma das leituras que contemplaria tal visão estabelecia que, o sertão,

o país arcaico ou a sociedade tradicionalista caracteriza-se por uma estrutura social simples e hierarquizada, Por ser rural, composta de pequenas comunidades isoladas, apegadas a velhas tradições e rotinas e resistente às mudanças. (...). Já país novo é definido como uma “civilização” urbana, móvel e industrial, (...), organizada pelo mercado, pela divisão do trabalho e pela presença de instituições modernas (...). (SENA, 2003, P.35).

Este formato de sociedade possibilitou a pesquisadores dos diversos campos do saber fazer leituras sob várias perspectivas na tentativa de explicar a sua lógica funcional. Várias foram as formas/formulas metodológicas aplicadas a esta realidade dicotômica, sobretudo ao longo da segunda metade do século XX. Contudo, considerando o nosso recorte geográfico de pesquisa, situa-se no que se convencionou chamar de sertão.

Conforme a argumentação de Dias (2009):

Quando se examina mais detidamente esse conceito, percebe-se que ele não apenas se aplica à maior parte da extensão desse subcontinente, como também diz respeito a configurações distintas de clima, vegetação, topografia, formas de ocupação e território e, consequentemente a tipos culturais diversos. (In: BARBOSA, P.13).

Para Mata-Machado (1991) “No Brasil, o termo sertão é utilizado desde os tempos coloniais para designar as regiões do interior do país, escassamente povoadas e dominadas pelo regime pastoril”. (P.24).

É nesse contexto de realidades distintas que também, estudiosos da religião, recorrentemente teólogos da Igreja Católica, lançaram mão de uma interpretação dessa realidade. Sim, porque como na antiguidade a religião se vale das distintas realidades para implantação de seus projetos teológicos sociais.

Em carta pastoral de 1922, Dom Joaquim Silvério de Souza alertava os fiéis da arquidiocese de Diamantina sobre as vantagens da vida rural e os riscos da fuga para as cidades: ‘A emigração para os grandes centros, onde parece mais fácil ganhar a vida, e, no geral, atirar a alma dos filhos em mar proceloso de perigos morais’. Segundo o prelado, ‘o amor ao campo, regado pelos suores paternos’, vai, ‘com o êxodo contínuo para os centros maiores, perdendo o encanto para os filhos, como dano quase sempre da alma’. ‘Exorta os pais para que inculquem nos filhos ‘amor à vida laboriosa e simples, que defende a inocência, e poderosamente concorre para a riqueza pública’. (AZZI, 2008, p.94).

A América Latina, portanto, foi palco dos mais diferentes projetos de ação pastoral da Igreja Católica desde os primeiros momentos da colonização européia. A instituição Católica se adequou ao modelo de sociedade – urbano e rural – modelando socialmente as populações americanas. Para Karnal (1998),

Estabeleceu-se um grande teatro onde a vida cotidiana passou a ser plenamente influenciada pelos desígnios da fé católica. Encontramos práticas cênicas em todos os lugares onde a Companhia implantou missões e colégios. Agindo assim, a Companhia ia ao encontro de um arraigado gosto português pelas encenações. [...] O uso de danças, demônios enfeitados com penas, músicas e evoluções com arcos e flechas, abundante no teatro jesuítico brasileiro é, sem dúvida, um conjunto de práticas que não eram estranhas à tradição indígena.[...]. Em geral eram representadas em frente às igrejas e caminhavam pela vila, ou, pelo contrário, começavam em outro local e terminavam no adro das igrejas. (p.89-90).

Mesmo esses diferentes espaços oferecendo ritmo diferente de vida social, foi possível estabelecer ali, práticas religiosas que culminaram a partir de uma lógica de recepção dos diferentes modos de viver a religiosidade, ainda que referenciada num tronco comum, o cristianismo. “O homem, enquanto ser simbólico dentro de suas necessidades incorpora novos objetos para dar sentido à sua existência” (DIAS, 2015, p.147).

Nessa perspectiva, em cada um dos espaços componentes do lugar, seja urbano ou rural, cristalizaram-se formas de vida religiosa, bem diferentes. No espaço urbano viu-se na vida cotidiana constituir práticas tradicionais religiosas através da exclusão de determinados grupos sociais que, conforme a mentalidade do lugar não cabia no ritmo social comum constituído. Assim, práticas nascidas da inter-relação de diferentes identidades religiosas se configuraram enquanto práticas religiosas da vida urbana. A vida girando em torno dos grandes templos e catedrais. “A nova cultura colocada pela modernidade não exclui o sagrado, mas não aceita com facilidade a visão de uma espiritualidade controlada pela hierarquia com sua rigidez”. (SOUZA, 2007, p.155).

Por outro lado, a lentidão da vida rural deu um ritmo diferenciado, e, portanto, detidamente cadenciado à vivência religiosa. Bem mais distante das regras impostas facilmente na vida urbana, a vida rural experimentou um lento processo de desenvolvimento onde as relações da vida cotidiana foram marcadas bem mais por permanências do que propriamente por rupturas significativas. Neste caso,

geralmente, as devoções são marcadas por festas onde oferecem muitas comidas, bebidas e danças; essas festividades não são vistas com bons olhos pela Igreja oficial, que já tentou por várias vezes acabar com estas devoções e outras práticas da religiosidade popular, porém não conseguiu. (DIAS, 2015, p. 91).

A vida girava bem mais em torno das grandes fazendas que mantinham no seu interior uma capela que servia como espaço de culto e devoção da população camponesa. Diferente da cidade, no meio rural a sociedade aprendeu a estabelecer laços de pertencimento bem mais específicos e por vezes bem mais sólidos. As devoções da vida interiorana se configuraram numa Mandala de práticas religiosas de difícil identificação e diferenciação. Neste lugar de pouca missa, as próprias pessoas se encarregaram de organizar o seu cotidiano religioso e devocional. A vida religiosa rural tornou-se assim, o cenário das devoções inventadas. A religiosidade,

Apresenta-se como uma religiosidade de pessoas simples; é através desta religião do povo, que acende vela para o santo devotado, de procissões e romarias, entre outras práticas, que o sertanejo firma-se como um humano crédulo. Nesta perspectiva, o catolicismo popular sertanejo é apresentado por uma resistência contínua. (DIAS, 2015, p.91).

As ordens religiosas que estiveram principalmente em missão pelo sertão trouxeram muito da cultura ibérica às populações sertanejas. Rezas e orações diversas e bem como outras práticas devocionais foram, em dado momento da ação colonizadora da coroa, práticas conduzidas pela Igreja Católica. Porém, a rarefeita presença do clero nas regiões mais distantes possibilitou um processo de recriação e ressignificação das práticas religiosas pelas pessoas comuns. Cantigas, orações em latim, rezas de cura, e benzimentos são algumas das práticas recorrentes no interior ruralizado do Brasil.

Naturalmente, os ‘recantos do sagrado’ nas casas ‘criollas’, ‘chapetones’ ou índias. Favoreciam uma permanente reelaboração do sagrado, ditada pela liberdade da situação. A melhor maneira de rezar, as práticas mais eficientes, os santos adaptados para cada caso de necessidade: tudo nasce dessa liberdade doméstica, uma das mais fortes formas de representação do período colonial. (KARNAL, 1998, p.156).

Muitas dessas práticas foram apreendidas com padres que passaram em algum momento pela região. Guardadas na memória pela repetição constante das diversas comunidades sertanejas, ficou para a posteridade como traço marcadamente expressivo da religiosidade do povo simples do sertão.

O povo tem seu jeito específico de ser. Em suas comunidades estrutura um novo modelo eclesial que foge dos padrões da oficialidade. A comunidade atua como elemento criativo, pois a mesma identifica o lugar de pertencimento geográfico dos indivíduos. A comunidade preserva e recria seu mundo de significados. Assim sendo, a mesma se institui como espaço marginal das instituições oficiais. Predomina um outro modelo lógico que difere das teorias e dos códigos. A vivência do mundo popular dispensa a postura legalista e repressora. Predomina a postura de acolhida e compaixão. (SOUZA, 2007, p.126).

É diante dessa realidade bem peculiar ao povo devoto do sertão que surgem novas formas de vivência religiosa. A dura realidade da vida sertaneja provoca um desejo de esperança que por sua vez, possibilita a recriação do seu próprio mundo de fé, ressignificando ritos, mitos e símbolos da vida cotidiana.

1.3 Historiografia da religião e as formulações generalizantes

Para a realização desse estudo lidamos inicialmente com a busca de uma compreensão das proposições conceituais de estudos realizados no campo da religiosidade, sobretudo por autores como, Brandão (1981/80), Hoornaert (1978); Sanchis (1992); Steil (1996), dentre outros. As categorias direcionadas às práticas catolicistas, como em qualquer outro campo de pesquisa, muitas vezes se colocam como inadequadas por não contemplar as especificidades regionais. As generalizações tornam-se assim um instrumento limitado no auxílio da interpretação dos ritos, das práticas religiosas e do universo simbólico constituído a partir das devoções.

Embora alguns autores tenham, nos dias de hoje, tentado desvencilhar no sentido histórico das tradicionais abordagens dos vários aspectos da religiosidade de importantes teólogos pesquisadores da religião/religiosidade, ou como descreve Cristina Pompa (2003), “pesquisadores da Igreja Católica”, o mapa base da religiosidade no Brasil continua sendo aquele construído por esses pesquisadores. Nesse caso, Riolando Azzi, Eduardo Hoornaert, José Comblim, Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Suess e outros, continuam sendo ainda hoje, referencia nas produções que tratam da temática religiosidade.

A produção historiográfica da religiosidade foi iniciada de forma mais significativa, ainda na década de 1970, (sem desconsiderar, é claro, alguns pioneiros, porém de forma mais solitária e autônoma), quando estabeleceram as suas abordagens e metodologias na busca de um entendimento das práticas religiosas, sobretudo no interior do Brasil, o que se convencionou chamar por catolicismo rural.

Conforme abordagem feita por Hoornaert (1978), o catolicismo no Brasil possui características visivelmente distintas. Nesse sentido, o referido autor classifica-o como catolicismo guerreiro, catolicismo patriarcal e catolicismo popular afirmando que:

O catolicismo propagou-se no Brasil principalmente pelos leigos, pessoas que não eram ligadas à instituição eclesiástica. Os bispos, sacerdotes (...), monges e frades ficaram às mais das vezes no litoral, nos conventos, seminários, colégios, mosteiros e palácios, só fazendo viagens pelo interior raríssimas vezes. Os portugueses povoadores e desbravadores do sertão, assim como os índios mansos e os africanos escravizados, e mesmo quilombolas eram os principais propagadores do catolicismo no interior. (1978, p.118).

Conforme expressa o autor, o catolicismo, um dos traços mais marcantes das práticas religiosas no Brasil ganhou contornos de acordo com a autonomia e o poder de recriação das populações interioranas.

1. 3.1 O projeto colonizador e os primeiros vestígios da religiosidade

Já nas primeiras incursões, o projeto colonizador atingiu o sertão norte de Minas Gerais referenciando-se nos rios, inclusive o rio São Francisco. Começaria desde então a serem deixadas na região as marcas da colonização, sobretudo através dos seus símbolos e práticas religiosas através dos padres que seguiram ao longo dos séculos de colonização, fundando capelas, fincando cruzeiros e deixando as marcas do catolicismo português no sertão do São Francisco.

Antônio Emílio Pereira (2004) constata que, “Entre junho e julho de 1554, chega à Barra do Mangai (Rio que separa Maria da Cruz da cidade de São Francisco), a expedição comandada por Francisco Bruza Espinosa”, tendo como capelão “o padre João Aspilcueta Navarro”, que, chegando ao citado local, “ergueram uma cruz e construíram uma pequena ermida, quando pela primeira vez, se falou do evangelho nestes rincões” (p.250). Somente um século depois, é que outras expedições (as Bandeiras paulistas) chegaram e iniciaram o processo de povoação do dito sertão.

As Bandeiras paulistas, instituições de apresamento de índios, mas que, ao longo da sua trajetória e ações ganharam novas características, ensejou outro momento, marco da formação de povoações ribeirinhas do rio São Francisco. O bandeirante Matias Cardoso saindo de São Paulo a chegando a atingir o sertão das gerais, inaugura nas margens desse rio a fundação do arraial de Morrinhos do rio Verde, afluente do São Francisco, por volta de 1692, iniciando uma era de conquistas e terror aos índios que habitavam as extensões marginais do rio São Francisco. Tapuias, Guaíbas, Caiapós, Xakriabás e outras etnias, foram literalmente escoraçadas do seu habitat natural ou se enquadraram, como foi o caso de muitos, ao novo

sistema de vida ali estabelecido, inclusive no que se refere à vida religiosa, sobretudo pela implantação e administração dos bens de salvação impostos pelos recém chegados.

No caso de Matias Cardoso, cuidou logo de edificar “ a matriz dedicada à Imaculada Conceição. A igreja de Morrinhos, de estilo jesuítico, foi construída como obra definitiva, sendo a mais antiga de Minas Gerais”. (PEREIRA, 2004, p.58).

Vários são os símbolos que representam a instituição do projeto colonizador da coroa em várias partes do Brasil. As cruzes e cruzeiros correspondem a uma antiga tradição sincretizada no mundo cristão que, ao longo do tempo foi sendo absorvida pelos adeptos dessa ideologia tornando-a objeto de culto e, portanto, representativo simbolicamente para o mundo cristão com todas as suas ressignificações nas diferentes culturas atingidas pelo catolicismo. Assim, além de representar a oficialidade da religião cristã católica, a cruz tornou-se objeto de culto popular em varias fases da vida. É comum o seu uso desde o momento do nascimento até a posteridade da morte.

Nos sertões do Brasil, a cruz representou desde a instituição do poder político-religioso da coroa portuguesa, a partir do litoral até a mais sublime forma de presentear parentes e amigos ao retornar de uma festa religiosa, de uma romaria, ou visitação a santuários e peregrinações, por exemplo. A cruz tornou-se então, um objeto constituinte do marco de conquista e de referência à vida religiosa não só às margens das picadas⁶,mas também nas pequenas vilas e povoados do sertão.

As capelas e ermidas tornaram-se outro referencial importante da vida religiosa no desenrolar da colonização. Tornou-se comum a muitos padres, autorizados por seus chefes mais próximos, constituírem comunidades religiosas a partir da construção de pequenas e rústicas capelas por entre as quebradas do sertão brasileiro com o objetivo de arrebanhar e converter a muitos em cristãos, dando-lhes nova identidade religiosa. As ações jesuíticas foram bem acentuadas na América portuguesa, pois, “Coroa e Igreja associaram-se no projeto de colonização, no qual as Ordens religiosas tiveram papel essencial” (ALMEIDA,2013,P.95) Para esta autora “o sucesso da catequese e do projeto jesuítico na América portuguesa dependiam fundamentalmente do sucesso do empreendimento colonial” (ALMEIDA,2013,p.96).

⁶ As picadas constituem nas primeiras rotas de acesso entre uma região e outra. Partindo das principais vilas as picadas eram abertas para facilitar o transporte de produtos comercializados entre as diferentes províncias. Tornaram-se rotas dos tropeiros que, no período colonial circulavam por todas as regiões, vilas e povoados negociando produtos consumidos no referido período. ;Cf:www.cerratense.com.br; (um grupo de pesquisadores de áreas do conhecimento e regiões diferentes, num projeto coletivo, hospedam informações diversas acerca dos primeiros caminhos e rotas trilhados entre as províncias no período colonial.

Nesse sentido, não é difícil perceber a proximidade e por que não dizer, a fusão entre as diferentes instituições, religiosas, políticas e econômicas, igualmente interessadas nos resultados do projeto colonizador.

Se para as coroas ibéricas o projeto colonial colocava-se como um empreendimento globalizante, no qual estas três esferas caminhavam juntas, é lícito supor o mesmo para o projeto missionário da Companhia de Jesus. No meu entender, seu principal objetivo era religioso e, se adquiriu força política e econômica no decorrer dos três séculos da colonização, isso se deu de forma concomitante ao esforço ideológico da catequese. Estabeleceram-se na colônia, fundaram colégios, criaram aldeias, construíram fazendas e outras atividades econômicas, com as quais construíram considerável patrimônio, para o que exploraram, não resta dúvida, o trabalho dos índios e dos escravos africanos. (...). Além disso. A própria Coroa e as autoridades locais esperavam das Ordens e, especialmente dos Jesuítas, mais do que expandir o evangelho. Abrir fronteiras, garantir a soberania em novas áreas ocupadas e, ainda, organizar a força de trabalho indígena para atender aos serviços do Rei, dos colonos e dos missionários eram algumas outras tarefas essenciais que a Coroa portuguesa conferia às missões religiosas na América. (ALMEIDA, 2013, p.97)

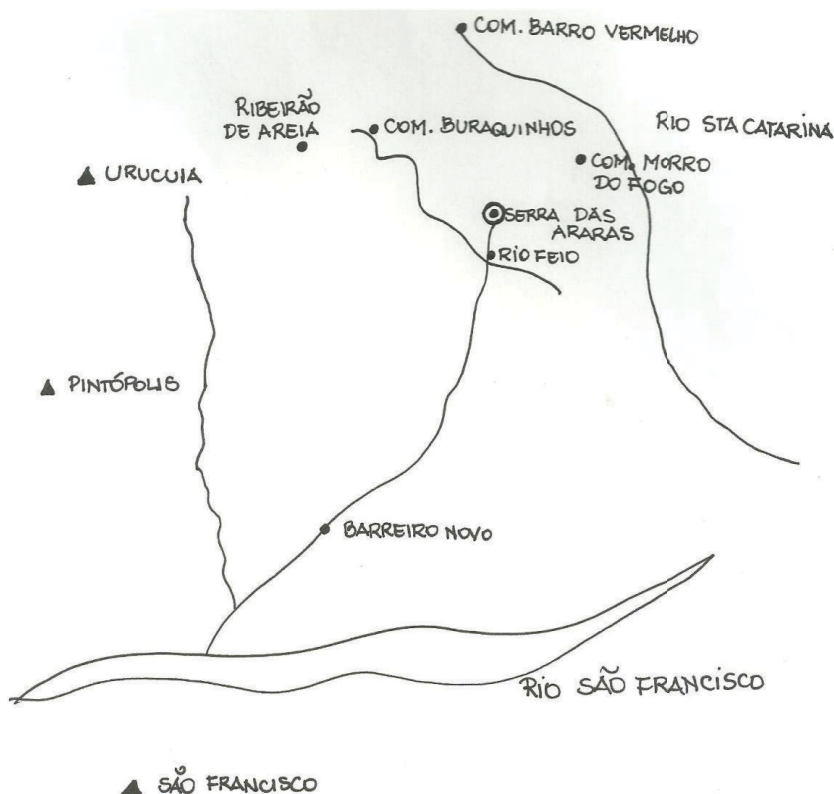
Percebe-se assim, que o clero atuante nas regiões coloniais constituiu certa autonomia, principalmente em regiões distantes do olhar da Coroa. A vida nos sertões, portanto, se constituem também a partir do projeto religioso atingindo, sobretudo, os mais distantes chapadões e áreas isoladas em relação aos centros de povoação.

1.4- Caracterização e recorte geográfico do objeto

Segui em direção à vila da Serra das Araras aprendendo a tratar aquelas cores do cerrado com a esperança de que elas animassem e colorissem as idéias que nos ensinam sobre o sertão ser um lugar vazio, feito de impossibilidades e de escassez. Havia discordância dentro de mim, mas a deixei de lado para olhar melhor aquela leve atmosfera que quase não se percebia. (CASTRO, J.; OLIVEIRA, G. de., 2014).

A festa de Santo Antônio a que se refere neste trabalho, surgiu na localidade de Serra das Araras, localidade que se tornou distrito em 1917, então, pertencente ao município de São Francisco. Posteriormente, com a emancipação do município de Chapada Gaúcha em

1995 o Distrito de Serra das Araras que possui uma população de aproximadamente 500 habitantes, passou a pertencer à circunscrição política do recém emancipado município de Chapada Gaúcha. Este, localizado na margem esquerda do rio São Francisco, na porção noroeste de Minas Gerais, região intimamente descrita na obra de Guimarães Rosa.



CROQUI 01- Localização do distrito de Serra das Araras em relação ao rio São Francisco.

Fonte: Tatiane C.Meireles.

A região é caracterizada por uma vegetação de porte médio marcadamente vegetação de cerrado, serras e diversos rios afluentes do rio São Francisco como, o rio Pardo que segue uma longa jornada por entre as serras dos sertões formando cachoeiras e encontrando com riachos. Nasce no Vão dos Buracos, no sopé da serra do grande sertão, tendo no seu entorno as comunidades de Buracos, Buraquinhos e Barro vermelho e desce na direção do rio São Francisco contemplando-o com o seu grande afluxo aquífero. O rio urucuia, outro não menos importante, situado mais a oeste deste vasto sertão das gerais, nasce na serra geral na divisa com o estado de Goiás e na direção oeste-leste corta extensa área desse extremo perfazendo em torno de 400 km até desembocar no Rio São Francisco. Este recebe as águas do Acari, rio de grande importância para a manutenção da fauna e da flora, alimentando o bioma do cerrado corta a região de norte a sul dando vida e beleza ao extenso

chapadão de esparsas povoações mas que guarda no seu interior muitas espécies raras de plantas e animais. O acari segue deixando pelo seu curso belas corredeiras e cachoeiras, assim como outros rios menores que cortam a região.

As veredas representam uma composição vegetal de belíssima paisagem em torno das dezenas de rios e riachos que correm solenemente por entre as serras e a vegetação mediana e por vezes rasteira (campo limpo e campo sujo) como é comum de ver na fisionomia do cerrado norte mineiro. Os grandes buritizais se colocam imponentes em meio à vegetação anunciando a existência de “olhos d’água” e de pequenos riachos que correm entre as serras da região.

A referência a esta região situa-se no Parque Grande Sertão Veredas, área de conservação que contempla o entorno da região da Serra das Araras. O parque foi criado em 1989 e constitui-se numa das maiores áreas de reserva ambiental do estado possuindo uma área de 83.363 hectares, correspondendo aos municípios de Arinos, Formoso e Chapada Gaúcha. “A região do noroeste de Minas Gerais, localidade do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, é a que tem a menor densidade demográfica do estado (5 hab./Km.) é uma das regiões mais pobres do Estado”. (IBAMA, 2003.p.32)⁷.

⁷ O Plano de Manejo do Parque Nacional Grande Sertão Veredas foi criado no ano de 2003, pelo Instituto FUNATURA, sob a orientação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, com o intuito de preservar a área natural de espécies raras que ali sobrevivem. O nome dado ao parque faz referência ao escritor mineiro Guimarães Rosa que, em suas obras literárias descreve muito da vida e do cotidiano desta vasta região através dos seus personagens.

Neste cenário distante, chamado sertão, lugar de população rarefeita e de gente de fala simples e pausada é que surge a devoção a Santo Antônio. É possível encontrar ao longo da travessia dessa região uma infinidade de manifestações religiosas capazes de aglomerar em dias de festejos, gente de diversas vilas e povoados que, comumente se utilizam de meios de transporte comuns na região, como, cavalos que por seu porte, ajudam na travessia de áreas inóspitas e distâncias consideráveis, assim como a travessia feita em Barcos e canoas. Boa parte fabricada por artífices da mesma região utilizando-se dos recursos naturais ali existentes. O buriti e o tamboril são dois dos recursos naturais mais utilizados na região sendo transformados em utilitários, seja para transporte como, barcos, carroças e assentos diversos, inclusive para capelas e quintais ou para fabricação de uma variedade de artesanato, comumente encontrados em mercados e feiras locais e regionais, gerando recursos que servem ao sustento de muitas famílias.

É comum nesse “lugar distante” chamado sertão, a recorrência de várias manifestações religiosas, muitas delas surgidas a partir da inserção do projeto colonizador português. Embora tendo características originadas nas manifestações ibéricas, muitas dessas manifestações se configuraram no sertão do São Francisco a partir das especificidades da própria região e das características do povo que ali se estabeleceu e sua interpretação nem sempre pode ser concebida como algo simples, por que:

A cultura nos dá a possibilidade exatamente de uma necessária reescrita da História, a partir da relação entre as dimensões interiores e exteriores, entre aquilo que o sertão realmente é, tal como a abordagem empírica nos permite constatar, e aquilo que parece ser, que pode até fazer parte do sertão, mas que não corresponde à sua totalidade. Entre essas duas dimensões, como sujeito de um ‘entre-lugar, nos dizeres de Bhaba, coloca-se o sertanejo, vivente de uma fronteira, de uma dimensão imprecisa, que desafia a nossa compreensão. (OLIVEIRA FILHO, 2006, P.40)

Assim, expressões e ritos religiosos contidos em manifestações ou celebrações como a dança de São Gonçalo do Amarante – manifestação religiosa ainda hoje celebrada em Portugal, Folias de Reis – tendo a viola de origem portuguesa, introduzida no Brasil pelos Jesuítas, Reis dos Temerosos ou Reis do Cacete – representando os marinheiros de água doce – temente a deus, a festa do batuque – muito comum nas comunidades negras, as Congadas – festa com representação de matriz africana, rezadeiras e rezadores, benzedadeiras e benzedores, caboclos ou caboclinhos – manifestação de matriz indígena, a cavallhada – representação de origem cristã medieval, enfim, estas e outras diversas manifestações religiosas, se configuraram num terreno múltiplo de identidades, razão pela qual, consolidou-se em conformidade com a dinâmica do povo sertanejo.

A partir do século XVII a região foi ocupada por duas frentes de expansão, a dos vaqueiros de Pernambuco e da Bahia que subiram o São Francisco a procura de pastagens para o gado, e a dos bandeirantes paulistas a procura de riquezas e do escravo indígena. Esta ocupação recebeu grande estímulo da política colonial de terras, por meio da doação de sesmarias, que beneficiava os colonizadores na penetração de regiões pouco povoadas. (IBAMA, 2003, p. 42).

A forma precária de ocupação deu-se continuamente na região, de forma que, as construções se caracterizavam no período inicial de povoamento a partir do uso de recursos naturais da própria região. “No caso do noroeste mineiro [...], a construção dos tipos adobe e pau-a-pique, que utilizam barro em dois tipos diferentes de técnica, são os mais frequentes no meio rural, [...]” (IBAMA, 2003, p.39). Ainda hoje esse tipo de construção é uma realidade na paisagem rural de muitas localidades encontradas no sertão do São Francisco. A paisagem que modela a vida rural resiste a tempos seculares sem se preocupar com as novidades contrastantes da atualidade.

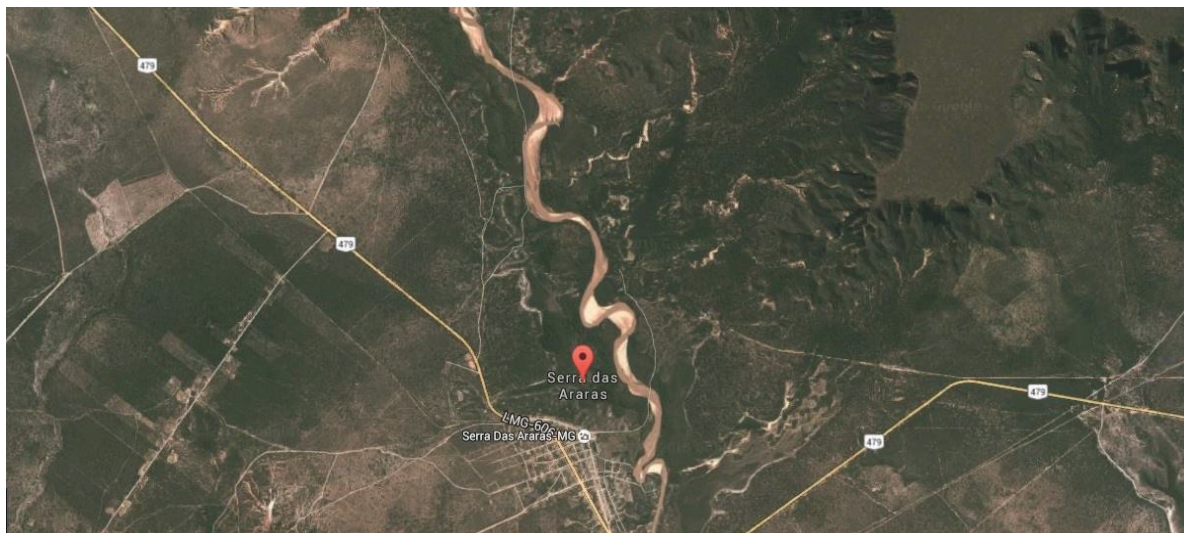
É neste cenário de poucos contrastes, de população rarefeita e de um rico patrimônio natural é que surge a devoção a Santo Antônio. O lugar nos remete ao sacrifício, característica fundamental da devoção, pela rudeza que o mesmo apresenta. Impõe aos devotos e promesseiros, a aspereza geográfica das suas trilhas íngremes, por vezes pedregosas outras vezes arenosas, tornando mais sacrílega a jornada dos que se propõem a cumprir o seu rito de peregrinação e consolidar o seu voto de fé harmonizando-se com Santo Antônio numa região de muita reza e pouca missa.

Os homens e as mulheres do sertão transformaram a religião em algo alegre e festivo, que, vigorosamente, persistiu através da tradição oral e das práticas simbólicas. Os filhos e filhas dessa tradição apresentam um modo especial de celebrar a fé, a religião festiva que, aqui, assume a forma de religiosidade popular. (DIAS, 2015, p.67).

As ferramentas teóricas e metodológicas da Ciência da Religião caminham na direção da interpretação e análise desse campo propício à religiosidade, rico de elementos simbólicos, ritos e formas diversas de práticas devocionais. Embora a historiografia da religião ainda não tenha contemplado a vivência e o cotidiano devocional dos romeiros e devotos de Santo Antônio em Serra das Araras, ela se coloca enquanto um potencial objeto de análise, não só pelas características que possui, mas, também pelo contexto histórico em que se desenvolveu e se consolidou.

A festa de Santo Antônio a que se refere neste trabalho, surgiu na localidade de Serra das Araras, povoado que se tornou distrito em 1917 e em 2011 recebeu o primeiro

Santuário da região. Pertenceu por muitos anos ao município de São Francisco. Com a emancipação político-administrativa de Chapada Gaúcha⁸ o distrito de Serra das Araras passa à condição de distrito anexada ao recém emancipado município de Chapada Gaúcha a partir de 1995.



MAPA02- Localização do distrito e da Serra das Araras

Fonte: <<https://www.google.com.br/maps/>. Acesso em 23/03/2016.

Localizada no semi-árido norte mineiro a região de Serra das Araras ocupa a porção noroeste, com área caracterizada por mata de cerrado concentrando maior porção no lado esquerdo do rio São Francisco. Antiga possessão pernambucana.

A região é marcada por histórias de lutas entre jagunços e coronéis, sobretudo pela defesa e posse da terra. Era comum em tempos passados, os habitantes do sertão, portarem armas como símbolo de imposição de respeito. Esta atitude possibilitou vários conflitos entre grupos armados em todo o sertão brasileiro, em alguns momentos. Para Alysso L.F. de Jesus, não se pode estender a todo o período de formação e povoamento da região tal afirmação, pois,

estando o norte de minas desde fins do Século XVII sob o domínio político dos grandes proprietários de terra paulistas(...), notamos que acabou por se estabelecer na região um forte reduto de ordem privada. Assim se explicariam em parte os

⁸ A região onde se consolidou a cidade de Chapada Gaúcha tem na direção oeste, o Parque Nacional Grande Sertão Veredas e a leste, o Parque Estadual de Serra das Araras. Anteriormente chamada de Vila dos gaúchos, a região se desenvolveu a partir do estabelecimento de várias famílias vindas do sul do país, através de projeto de assentamento. Estas famílias desenvolveram a agricultura, tornando a região uma das principais fornecedoras de grãos do país. Emancipou-se em 1995, tendo, em seguida, o distrito de Serra das Araras como distrito pertencente à sua circunscrição.

motivos para a eclosão das sedições de 1736⁹, pois, diante da tentativa de avanço da ordem pública, os proprietários, alegando direitos de conquista(...), buscaram por meio da força ter os seus direitos respeitados.

Nesse caso, conflitos como este,

contribui para cristalizar uma falsa imagem do sertanejo ou, (...), contribui para transformar em atributos características que não lhe são exclusivas, mas uma identidade cultural presente em toda a capitania, para não dizer no restante do Brasil. Referimo-nos aqui à prática da violência, que acreditamos não se constituir, de foram alguma, em atributo específico do sertanejo. (2007, p.40)

Percebe-se na fala de Jesus (2007), que há de fato, uma criação mítica em torno da ética do povo sertanejo, como sendo um povo de extrema violência. A ausência do estado possibilitou a formação de uma cultura com traços muito próprios da vida sertaneja.

Frei Gaspar, padre Premonstratense em missão pela região em fins do século XIX e início do século XX em diante, fazendo referência a um pedido da população, afirma que, é profundamente triste ouvir os apelos prementes, reiterados, daquelas boas populações sertanejas, suplicando que lhes enviem sacerdotes para guiá-las na fé e dissipar seus preconceitos. (1910, p.63).

A região sofre sucessivasavas levas populacionais fazendo crescer vilas e povoados em toda a margem ribeirinha ao longo dos anos de colonização. O uso das vazantes do rio São Francisco impossibilitou uma definição territorial no sentido das habitações locais, uma vez que, passou-se a utilizar tanto a margem direita quanto a margem esquerda do rio independentemente de qual território político possa pertencer. Assim, é comum encontrar grupos familiares que utilizam as vazantes da margem direita morando do outro lado do rio. O contrário também é comum de se ver.

As primeiras expedições chegaram à região por volta de 1503 com Francisco Bruza de Espinosa, não se estabelecendo de fato. Cristina Pompa, afirma que:

As primeiras explorações deste sertão tiveram principalmente o caráter de ‘entradas’ em busca de ouro e pedras preciosas, de exploração ou de procura de mão-de-obra indígena, enquanto se extinguia a do litoral. A primeira parece ter sido aquela dirigida por Francisco Bruza de Espinosa, para a qual o governador Tomé de Sousa pediu um padre ao Nóbrega. A entrada, [...], percorreu 350 léguas terra adentro, através do vale do Jequitinhonha, atravessando um ‘grande rio’, que diziam ser o São Francisco. O ouro não foi encontrado, mas o padre deixou uma primeira descrição do gentio daquelas regiões desconhecidas. (2003, p. 202-203).

⁹ Cf: BOTELHO, Angela V.; ANASTASIA, Carla. D. Maria da cruz e a sedição de 1736. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Depois de muitos anos, novas incursões são direcionadas à região, como parte do cumprimento do projeto colonizador. As bandeiras paulistas se inseriram na região com o objetivo de prear índios e localizar áreas onde possivelmente pudesse garimpar alguma riqueza mineral. Apesar do esforço impetrado não foi possível identificar riquezas minerais que pudessem satisfazer aos anseios da coroa. Percebeu-se que a região não tinha vocação para atividades mineradoras, embora algumas poucas lavras tenham sido encontradas na região. “No final do século XVII, o sertão do São Francisco encontrava-se totalmente explorado, ainda que ocupado por uma escassa população”. (POMPA, 2003, p.216).

A economia baseada no sistema da pecuária extensiva do sertão tinha características extremamente diferentes do sistema escravista baseado na monocultura da cana. Desenvolveu-se no sertão um tipo específico de economia, em que a organização social estava submetida a regras estritas de dependência e lealdade. (POMPA, 2003, p.217).

Esses grupos itinerantes pouco a pouco iam se estabelecendo pela região, tendo nos rios um importante referencial, inclusive para os jesuítas que se estabeleceram em várias partes da região, ao longo dos rios administrando suas próprias fazendas e constituindo comunidades. (POMPA, 2003). Muitas vilas e povoados foram fundados a partir dessas incursões. As antigas vilas vão se transformando em cidades emancipadas de acordo com os interesses de determinados grupos mandantes.

De acordo com Cláudia Damasceno Fonseca (2011)

O desbravamento, a colonização das terras e a formação e a formação dos centros de poder de poder local modificam pouco a pouco o status do espaço original, e também suas denominações; os sertões são progressivamente convertidos em “distritos”, “freguesias”, “Concelhos”, “Comarcas”, ou seja, em territórios controlados por diversas instâncias do poder. (p.42).

Como se vê, as circunscrições eclesiásticas aparecem com grande frequência nas definições territoriais de todo o sertão influenciando grandemente na formação das expressões e da vivência cultural das populações sertanejas. As circunscrições eclesiásticas se confundem com as demarcações políticas tornando-se quase impossível discernir o tempo de cada uma destas instituições. O envolvimento da sociedade com tempo religioso influencia consideravelmente na vida cotidiana do povo sertanejo que, mais que ninguém, sabe como tornar os espaços em limites sagrados. Objetos diversos são ressignificados enquanto símbolos que são capazes de representar novos significados a partir do culto que pode ser prestado aos mesmos.

O sertão do São Francisco vai se constituindo ao longo dos tempos coloniais em uma mescla de significados e sentidos que só poderão ser compreendidos se, antes, compreendermos o mundo entrelaçado das relações estabelecidas a partir dos diferentes interesses e das diferentes culturas que ali se assentaram e se tornaram comunidade, “distante” do olhar do colonizador, mas, sob a estrutura e os pilares do projeto colonial.

Nesse sentido, os traços institucionais de permanências do aparelho colonizador ganham novos sentidos, reconfiguram-se em certa sabedoria popular que em si, não pode ser ensinada, mas, é apreendida e reordenada enquanto um conjunto agregado de valores, que se tornam com o tempo, legados de tradição.

Assim, é possível perceber na fala de Lessa & Costa (2011) que,

Os objetos e idéias focalizados são representativos da tradição, que em virtude de serem reconhecidos como próprios pelos respectivos sociais, podem ser tratados como símbolos da memória, da nação e passam a construir as redes simbólicas e discursivas que pautarão as relações vivenciadas. Este procedimento permite realizar uma exploração seletiva da herança dos coletivos sociais, das comunidades (...) que encontram sua mais genuína justificação não na verdade dos fatos, mas nas emoções que a identificação com seus símbolos pode despertar. (In: BARBOSA, P.121).

A cultura religiosa de um povo, portanto, além de representar uma tradição pelas configurações históricas e antropológicas existentes, pode também representar a herança de uma memória coletiva capaz de influenciar nas formas de adesão de outras gerações, às expressões culturais de determinados grupos familiares ou não. Novos elementos passam a ser adaptados a uma determinada expressão cultural, assegurando a posteridade daquilo que se assume como herança cultural. Nesse caso, não é difícil perceber que, muitos dos padres que se estabeleceram na região aprenderam com a dureza do sertão, a lidarem com as novas configurações da vida religiosa. Os povos nativos muito ensinaram aos visitantes perpétuos sobre a vida religiosa, sobre mitos e ritos, sobre símbolos de fé e sobre a tradição de um povo.

Se para os nativos, a terra, somente tinha significado no conjunto do universo sagrado e simbólico dado pela ancestralidade, Para os colonizadores, por outro lado, era elementar, assegurarem seu pedaço de chão, conforme propunha o projeto colonizador ao ceder sesmarias aos interessados para povoarem essas regiões, inóspitas pela topografia e pelas duras reações de seus primeiros habitantes contra os invasores enviados por deus, conforme consta no imaginário europeu-ibérico. Pois,

a própria coroa e as autoridades locais esperavam das Ordens e, especialmente dos jesuítas, mais do que expandir o evangelho. Abrir fronteiras, garantir a soberania em novas áreas ocupadas e, ainda organizar a força de trabalho indígena para atender aos serviços do rei, dos colonos e dos missionários eram algumas outras tarefas

essenciais que a coroa portuguesa conferia às missões religiosas na América. (ALMEIDA; In:FERNANDES,2013,p.97).

Waldemar de Almeida Barbosa (1995) enumera grande quantidade de padres que, interessados também em possessões no sertão do São Francisco, sobretudo no entorno do rio Paracatu cuidaram de assegurar as suas sesmarias. “Sesmarias continuam sendo concedidas: em 1745, a (...), Pe. João Cardoso (...), Pe. Manuel Barbosa leal (...), Antônio de Moraes Tavira e Dom Brás da Cunha (...). Em quase todas (*as fazendas*) se faz menção a criação de gado (...)”. (P.237). A concessão de sesmarias era dada conforme o interesse do governo colonial em povoar determinada região, sobretudo quando havia possibilidade de lá encontrar alguma riqueza mineral e a justificação era a de que a fazenda era de fato, produtiva, lugar onde se deveria criar gado, atividade que se tornou comum em toda porção norte de Minas desde o sul da Bahia.

Afirma Barbosa (1995), que, foi grande a quantidade de portugueses e baianos que se deslocaram para a região do Paracatu a partir de 1722 para povoá-la em função da notícia da existência ali, de minas de ouro. Contudo, no fim do Século XVIII a maioria da população era negra, o que justifica a existência da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos pretos de Paracatu já na década de 1840 e, portanto a existência da Irmandade dos Pretos, além da existência da igreja Matriz de Santo Antônio construída em 1730¹⁰.

Em 1755 foi criada a paróquia Santo Antônio de Pádua. Até o ano de 1854 a vida religiosa dos que ali habitavam, estava sob a jurisdição do bispado de Pernambuco. Porém, no referido ano a paróquia de Paracatu, ficava submetida ao recém bispado de Diamantina. (Barbosa, 1995, p.237). Alguns padres chegaram a ser expulsos da região por abuso de poder, ganância e exploração da fé do povo, como atesta Barbosa (1995).

Encontra-se um abaixo-assinado, dirigido ao rei, (...) contra o Pe. Antônio Mendes Santiago, pelos abusos na cobrança de seus serviços. (...). Em 1873, o bispo de Pernambuco recebeu queixas dos moradores contra o vigário Antônio Joaquim de Souza Correia e Melo e seu coadjutor José Severino da Silveira. (P.238).

Todos teriam sido punidos em função das suas atitudes exageradas, conforme consta. E Paracatu tornou-se uma referência quanto aos domínios do território religioso na região por estar situada numa área de convergência de estradas que conduziam aos caminhos do sertão de Goiás.

Outra área de importante referência na região foi o arraial de Santo Antônio da Manga (São Romão), julgado de São Francisco que tornou freguesia por provisão do bispo de

¹⁰ Cf. AMORIM,2003,p.145.

Pernambuco em 1804. Tornou-se o mais importante centro comercial da região em meados do Século XVIII por ser local de passagem na direção do sertão de Goiás e por ser importante porto comercial à época. Os comerciantes necessariamente passavam pela região para vender ou trocar os seus produtos para negociar em outras praças. Aí se encontrava grande número de tropas e barcas comerciais para se beneficiarem de cargas de peixe, carne, açúcar, sal e outros produtos importantes para o comércio colonial. (BARBOSA, 1995).

As microrregiões de Januária, antigo Porto do Salgado, São Francisco, antigo povoado de Pedras dos Angicos, Vila Risonha de São Romão e Paracatu, antiga Vila de Paracatu do príncipe, são demarcações geográficas referenciais importantes na compreensão da história religiosa e das devoções na porção noroeste, margem esquerda do Rio São Francisco, sobretudo na região de Serra das Araras que sempre teve grande proximidade cultural com as populações que margeiam o curso direito do mesmo rio.

Esses marcos geográficos e culturais, servem para nos referenciar quanto as características do sertão no período colonial. Diferente do que muitos pensam o sertão das gerais assim como as regiões mineradoras, era também povoado e tinha uma vida ativa, dinâmica, que comunicava com o mundo externo, mas que tinha sua própria lógica de vida interna. Era o sertão palco de muitos conflitos e da bravura destemida, mas tornou-se também, o sertão das rezas, da religiosidade e das devoções, pois, “o mundo da teologia oficial não tem importância para uma esfera onde a oralidade tem mais eficácia”. (SOUZA, 2007, p.127). A devoção a Santo Antônio se difunde nesse contexto de mitos e lendas que contam a história de um sertão violento e facinoroso. Lugar onde o comum é desafiar habilidosamente a oficialidade para adaptar melhor a sua tradição afirmando cada vez mais a sua identidade religiosa.

O povo tem seu jeito específico de ser. Em sua comunidade estrutura um novo modelo eclesial que foge dos padrões da oficialidade. A comunidade atua como elemento criativo, pois a mesma ‘identifica o lugar de pertencimento geográfico dos indivíduos’. A comunidade preserva e recria seu mundo de significados. Assim sendo, a mesma se institui como espaço marginal das instituições oficiais. Predomina um outro modelo lógico que difere das teorias e dos códigos. A vivência do mundo popular dispensa a postura legalista e repressora. Predomina a postura de acolhida e compaixão. (SOUZA, 2007, p.126).

Assim é o contexto das manifestações devocionais em Serra das Araras. Santo Antônio surge no sertão rompendo habilidosamente com as impossibilidades. Não considera o lugar distante e se desloca no interior do sertão, atravessando os rios, em perfeita harmonia, deixando rastros, pegadas que são seguidas por quem não parece se importar com as provações

naturais do sertão. Ele desafia as entranhas do sertão e se coloca no ponto mais alto do monte, “lugar distante”, situado entre os elevados paredões de arenito e chapadões cercados por rios e veredas, sacralizando-o e possibilitando a efervescência imaginária dos seus seguidores.

Muitas histórias originárias de santos e santas, no sertão norte de Minas Gerais, como é o caso do Senhor do Bonfim em Bocaiuva e a Santa da Pedra em coração de Jesus, se confundem com a de Santo Antônio de Serra das Araras. Todos e todas fazem ser ouvidos e a correspondência torna-se recíproca entre santo e devotos. Porém, nenhum outro atraiu até os dias de hoje e por tanto tempo tamanha devoção como Santo Antônio de Serra das Araras.

Nas observações de A.C.S. (2015), os elementos do desenvolvimento da festa de Santo Antônio estão vivos na memória, pois,

- Antigamente, quando foi começado, diz o pessoal que era igual o festejo de reis;
- É! Ai foi rendendo as comunidades, foi rendendo e foi rendendo. La, o padre veio *pra qui*, fez igreja né!
- Mas era banquete que nem santos reis;
- Fazia um banquete!
- Foi chegando tanta gente! Todo ano foi tomando aquele prazer de *vim* aqui no dia da festa, era gente a pé, era gente a cavalo, carro de boi nessas estradas...!
- Carro de boi! Aqui tinha um tio do meu marido que [...], ele todo ano, ele vinha aqui e com *cinco carro* de boi só dele;
- Via o encontro deles aqui, com *os boi* mais bonito e um carro cheio só de criança, outro carro cheio só de mulher, mas cantando ao redor dessa igreja;
- É! Vinha *uns cheio* de mantimento e os outros? E os outros, *cheio* só de criança;
- Vinha muita gente e *era bonita* as estradas ai...!, [...];
- Devoção, às vezes, [...] tem gente que *vem de* a pé deste mundão de Deus ...!

A.C.S. (2015), conhecida e respeitada rezadeira do distrito retoma o passado pela memória reconstruindo quadros mentais de lembranças vivas da festa de Santo Antônio em Serra das Araras, fazendo referência a vários componentes da cultura sertaneja. Os festejos de reis ou reisado com o seu banquete coletivo. O carro de boi, típico desse sertão e útil desde as primeiras povoações, servindo às famílias no transporte de suprimentos e de pessoas, sobretudo para a citada festa devocional. A distância existente entre as distintas povoações ligadas por trilhas e picadas que foram desafiadas pelos devotos romeiros antes de se tornarem estradas. Tudo isso, tornou-se parte do universo religioso em conexão com a Serra

das Araras pela devoção a Santo Antônio. Devoção que atrai milhares de romeiros, todos os anos.

É nesse contexto social e cultural que a Ciência da Religião quer fazer sentido, a partir da análise dos elementos que compõem a complexa teia de relações dadas no campo devocional da religiosidade. Nesse sentido, a boa herança conceitual da Ciência da Religião proposta pelos precursores desse campo, bem como a reelaboração e aperfeiçoamentos sugeridos pelos pesquisadores predecessores contemporâneos, nos amparam de certa forma, na coleta de dados, leitura e análise do objeto proposto.

II CAPÍTULO

RELIGIOSIDADE E FESTA POPULAR: DEVOÇÕES REINVENTADAS

O sertão ensina com as suas festas e com sua dureza. (Morais Pessoa, 2009, p24).

Partindo de uma breve introdução sobre o catolicismo, passamos a analisar a festa (religiosa) como característica peculiar do sertão. Descreve-se de forma sucinta a história de vida deste santo, bem como, sua trajetória e suas representações no Brasil e a sua inserção no contexto do sertão. A romaria é objeto central na discussão deste capítulo na medida em que transporta no curso da sua história, a tradição e a herança do ser romeiro a partir da memória ancestral. Muitas delas são guiadas por devotos numa trajetória que já atinge historicamente a 6ª geração familiar. Deve-se levar em consideração, também, as peculiaridades do sertão com destaque para a cultura alimentar.

2.1 Catolicismo ibérico e religiosidade no sertão do São Francisco

As relações religiosas estabelecidas e acomodadas nas sociedades em formação no contexto medieval, sempre se deram na base de negociações interesseiras de ambos os lados. No caso de Portugal, consolidou-se o Padroado Régio, instituição surgida a partir da estreita relação entre a coroa portuguesa e a Santa Sé. O que passou a denominar Padroado Régio ultramarino não foi, senão, “um conjunto de concessões pontifícias” (KUHNEN, 2005, p, 16). Para este autor:

Em relação ao regime de padroado, de modo especial aquele que pertenceu ao rei de Portugal e que exerceu uma ação marcante sobre a Igreja no Brasil, [...] antes de atingir a sua maturidade, passou por um longo e tortuoso caminho de formação, marcado por um intenso relacionamento diplomático entre a Santa Sé e a Coroa portuguesa, durante os séculos 15 e 16. Em tal relacionamento amistoso, os sumos pontífices, cheios de gratidão pela solicitude cruzadista e missionária dos príncipes portugueses e dos mestres da Ordem de Cristo, em suas viagens ultramarinas, concederam-lhes valiosas bulas, contendo; privilégios, faculdades, direitos, proibições e isenções sobre as terras e igrejas do ultramar. Tais concessões

pontifícias adquiriram, pouco a pouco, um valor jurídico inestimável, seja eclesiástico ou civil. (2005, p.16).

A sociedade constituída pelas relações catolicistas influenciou e possibilitou o desenvolvimento de diversificadas práticas populares relacionadas à vida religiosa. Muitas foram as manifestações culturais que, sob a designação de catolicismo não oficial sobreviveram no reino português e conseqüentemente se expandiram às regiões coloniais de influência portuguesa. Peregrinações, procissões, romarias e inúmeras práticas de devoção surgiram e foram estendidas e transformadas conforme o contexto sociocultural em que se estabeleceram.

As festas populares se transformaram em tradicionais expressões religiosas, na Península Ibérica na era medieval. Em função dos diferentes povos que habitaram e influenciaram a região surgiram manifestações como, a folia de Reis, dança de São Gonçalo, festa do Divino Espírito Santo, boi de reis, carnaval, festa junina e cavallhada. Estas são algumas das manifestações que se tornaram popular e, ainda hoje, são celebradas em várias partes, sobretudo em lugares de influência portuguesa.

Durante a Idade Média o culto aos santos, vistos como protetores pelos fiéis e como exemplo pela hierarquia, estendeu-se por toda cristandade. Festas e ritos de origem não cristã como os praticados no primeiro de maio ou na celebração de São João, também se arraigaram em um universo de calendário agrícola. Relíquias dos mais variados tipos se arraigaram e lugares associados a cristo e aos santos se transformaram em destino de peregrinações compensadas com indulgências. (TORRES-LONDOÑO, 2000, p.250).

Muitas das festas populares se fundem á religiosidade tornando-se parte desta. As comemorações feitas de forma coletiva servem como estratégia par unir socialmente um determinado grupo ou comunidade ampliando os seus laços de afetividade e renovando a sua auto-estima. Servem também como forma de manutenção da tradição constituindo assim a permanência de traços culturais importantes para a identidade do grupo ou da comunidade.

No sertão do São Francisco, considerando as devidas especificidades, não foi muito diferente da realidade geral. As relações ali estabelecidas a partir da instalação e expansão, ainda que rarefeita, do projeto colonizador potencializou o desenvolvimento de uma cultura que soube criar meios de dinamização da sua vida cotidiana, condição percebida na fala de Isnara Pereira Ivo , quando afirma que, “Os moradores dos sertões forjaram situações de interpretação e de reconstrução de variadas formas de trabalho e de vida, ações condicionadas pelas leis, pelas justiças e pelos costumes, constantemente reinventados e reinterpretados” (2010, p.139). Isso demonstra a imensa capacidade de reconstrução e de

manutenção dos ritos da vida e da dinâmica interação com o meio para conviver e criar novos símbolos e significados, reificando sentido da existência das suas práticas.

Embora os tratados historiográficos tenham ao longo do tempo ignorado a trajetória histórica e social do norte de Minas Gerais, região sertaneja¹¹ localizada fora das microrregiões mineradoras e , portanto com outra realidade cultural, outras demandas e outra lógica nas suas movimentações internas, o ritmo de vida sempre se mostrou intenso e constante ao longo dos séculos. Borges, afirma que,

durante o processo de povoamento, o sertão norte - mineiro esteve longos períodos longe dos ‘olhos’ do poder oficial, (...). O fato de ser uma região fronteira-(...)- associada às condições do seu povoamento propiciou o surgimento de uma cultura singular e peculiar, o que, certamente se reflete na religiosidade do seu povo, (...). (2011, p.15).

Há de se acentuar, que, as práticas religiosas já eram comuns na vida cotidiana das identidades nativas que habitavam toda a região. Com a expulsão de muitas etnias primais da extensão litorânea, várias delas recorreram aos rincões interioranos procurando abrigo natural através dos grandes rios e seus afluentes que em quantidades consideráveis cercavam todo o sertão.

Com as primeiras povoações no século XVII, intensificam-se correntes migratórias, sobretudo tendo o rio São Francisco e seus afluentes como referencia.

A história do sertão norte - mineiro demonstra que a partir do seu povoamento, do tipo de relações existentes entre a região e a Coroa portuguesa no período colonial e das relações estabelecidas na região, produziu-se nesta uma cultura diversa da cultura mineira. (BORGES, 2011, p.17).

O deslocamento das Bandeiras paulistas para a região suscitou inúmeros conflitos com os antigos habitantes da terra, dos quais somente os Xakriabás¹² resistiram. Bem verdade que resistiram juntando-se a outras etnias como forma de garantir a perpetuação do seu povo e das suas expressões culturais. Este universo cultural, lugar das identidades surge então como,

¹¹ Diferentemente do que muitos pesquisadores ainda imaginam, a região norte de Minas, embora configurada no sertão norte de Minas, fazendo divisa com a Bahia, mas pertencendo ao polígono das secas, situa-se regionalmente fora da lógica das regiões mineradoras. Pesquisas mais recente acerca da região possibilitaram uma visão sobre a lógica interna do sertão norte de Minas, sobretudo, no contexto da mineração. Cf. COSTA, 2008, PP.63-77; Cf. FONSECA, 2011; Cf. COSTA e OLIVEIRA, 2012; Cf. ALMEIDA BARBOSA, 1995; Cf. COSTA. In: SANTOS, 1997, PP.77-97; SOUZA, 2007.

¹² Os Xakriabá – povo indígena que habita a região de São João das Missões no extremo norte de Minas é formado por 32 comunidades. Ao longo das lutas ocorridas no sertão do São Francisco, desde a chegada dos bandeirantes paulistas, os Xakriabá resistiram entre muitas lutas e massacres se fundindo a outros povos como forma de fazer frente aos ataques dos invasores. Suas terras foram sendo reduzidas com o crescimento das cidades no seu entorno. Na atualidade o povo Xakriabá é a única grande representação da cultura indígena do sertão do São Francisco que mantém hábitos e costumes ancestrais. Cf.: PARAÍSO, 1987.

a morada do homem identificado com as suas instituições, entre elas a religião, o que nos leva a vislumbrar o sistema cultural norte - mineiro como resultante da coexistência daqueles que povoaram a região norte - mineira, desenvolvendo assim, uma cultura peculiar. (BORGES, p.14).

Embora as Bandeiras paulistas sejam importante fator de povoação da região, a fazendas de gado é que definem mais amplamente o *modus vivendi* do povo sertanejo a partir do processo de interiorização dado, sobretudo, a partir da Bahia com a pecuária extensiva ao longo do São Francisco (COSTA, 2006); (BORGES, 2011).

Enquanto os paulistas navegavam o rio São Francisco para aprisionar índios e exterminar quilombos localizados nesta região, os baianos se fixaram nesta mesma área com suas fazendas de criação de gado para tração e para a produção de carne e couro, fundando assim os currais da Bahia, posteriormente denominados de norte de Minas. (OLIVEIRA FILHO, 2006, p.44).

O comércio torna-se assim, de fundamental importância para a vida econômica da região. As povoações vão se estendendo de forma a ter também elevada importância religiosa aos olhos da Igreja e, portanto dos missionários que cruzavam essa vasta região com o intuito de “salvar almas” no contexto do projeto colonizador.

Inevitável não tratar dos eixos de povoações desenvolvidos no sertão do São Francisco, como forma de entendimento das estruturas culturais religiosas ali constituídas. As referências religiosas constituem um dos principais marcos na constituição da vida cotidiana e da identidade religiosa das populações sertanejas. No processo formador de vilas e povoados, uma das primeiras ações dos agrupamentos que se estabeleciam na região era a de preparar um lugar para se tornar,

A casa de Deus, a igrejinha, em primeiro lugar. Em um plano de horizontes largos, a capelinha branca, caiada por vezes até de tabatinga, em torno da qual, e na obediência geométrica do planejamento de uma praça, edificavam o casario baixo dos pioneiros. Mas, o marco inicial, era um marco de fé. Sim. A doação do terreno largo ao santo ou à santa, na escolha de uma inspiração religiosa dos doadores¹³. Uma bela e expressiva afirmação das razões superiores da crença rústica em Deus, imaginado a presidir, para todo o sempre, a comunidade nascente, e passar a ser, no seu aspecto externo, com o passar dos anos, a nota sempre alegre para os que chegam ao divisar, ainda ao longe, a torre, o sino, o cruzeiro das promessas, das inúmeras penitências para fazer chover no sertão, e também marco a dominar, em proteção de súplicas aos céus, a comunidade, moradora no casario branco, na praça larga e acolhedora. Mudando em cada lugar os nomes dos doadores, assim poderemos, (...), começar a descrever o marco nascente de um povoado, hoje cidade ou vila no sertão das Minas Gerais. (PIRES, 1979, p.257).

¹³ Muitas cidades em todo o território norte mineiro, tem sua origem a partir da doação de terras à Igreja por parte de fazendeiros. O processo de urbanização em torno das igrejas paroquiais tornou essas terras populosas e extensamente habitadas, tornando assim cidades em meio a território de posse da Igreja Católica.

Vê-se nas considerações de Pires, (1979) assim como nas de outros autores as referências às capelas e espaços sagrados como marcos inicial das povoações sertanejas no contexto da colonização. Para Lima Júnior (1978) as povoações “mal começavam a prosperar, sem demora, surgia a capelinha de taipa, em cujo altar se firmava a estátua que reproduzia o padroeiro da vila ou aldeia distante de Portugal”. (p.87).

Enfatizando ainda mais acerca das características religiosas de vilas e povoados, Lima Júnior (1978), afirma ainda, que,

À beira dos grandes caminhos, (...), por todo o território imenso dessas extensas Minas Gerais, ficaram os marcos do espírito cristão e católico, plantados pelas gerações do século XVIII. Basta percorrer o mapa mineiro, (...), que encontraremos a origem de quase todas as localidades, no atrativo da capela...”(1978, p.87).

Conforme o que afirmam os autores se perceber o quanto a construção de um templo religioso, ainda que pequeno, era significativo para os ritos da vida cotidiana de uma comunidade na era colonial. Diferentes grupos identitários se estabeleciam trocando experiências e ressignificando as suas práticas culturais como forma de manutenção do passado, da experiência, da memória e dos saberes que, quase que necessariamente remetem à ancestralidade. Muitos se tornaram mestres e verdadeiros sabedores e guardiões das expressões culturais advindas do passado familiar e comunitário. Esses saberes se perpetuaram no seio das comunidades tornando para verdadeiro patrimônio cultural e, portanto, importantes referências e fontes na constituição da memória do lugar.

A cultura religiosa no sertão do São Francisco se dá nesses moldes. Região habitada bem mais por pessoas iletradas e sem escola, moldou seus conhecimentos segundo aquilo que o ambiente lhes propiciou, resistindo à idéia do “não saber” e criando novas formas de saberes e fazeres, organizando neste universo simbólico um conjunto práticas que, só considerando a expressividade da memória coletiva da comunidade é que se torna perceptível pelo profundo sentido que é capaz de dar à vida, sobretudo à vida religiosa, em determinada localidade.

A experiência devocional do povo sertanejo foi reconstruída, ou se quisermos reelaborada em um contexto de distanciamentos e aproximações, conflitos e nova percepção do tempo. Coisa comum no sertão. Aqueles que se deslocaram da distante metrópole portuguesa ou que subiram as picadas do sertão do nordeste em direção às terras do São Francisco ou ainda, desde as terras paulistas seguiram o curso da serra geral em busca de riqueza, apreenderam a absorver das diversas matrizes culturais ali estabelecidas. Beberam

nas fontes indígenas de tudo que elas poderiam oferecer de saberes e fazeres na alimentação, na arte de grafar e de celebrar a natureza e a vida religiosa através dos seus símbolos e mitos. As práticas de matriz africana foram encontrando lugar nesse universo distinto e diverso, através das capelas dedicadas a santos pretos e à formação de irmandades de pretos em alguns casos, e na celebração da vida através das festas de batuque, rezas, benzeções, prática de partear e outras diversas manifestações da vida cotidiana. A vida devocional de portugueses vindos do reino e as práticas de diversos grupos de agentes de outras regiões se congratularam numa expressiva vida religiosa de traços culturais onde a memória coletiva, a tradição e a herança familiar ou moral por afinidade ou por devoção fazem profundo sentido no rito de vida do povo sertanejo:

Determinada pela relação que o sertanejo estabelece com a terra e com a natureza, tratados como parceiros na reprodução da vida que se constitui coletivamente, viabiliza-se um *modus vivendi* que proporciona uma cosmovisão, inteira e integrada – holística – expressando-se no principal valor cultural: a solidariedade através de relações de vizinhança e compadrio.(COSTA,2006,p.74).

Considerando a geografia do poder religioso estabelecido na região, podemos considerar, a partir da divisão territorial existente no sertão do São Francisco, sendo a porção esquerda do rio pertencente à capitania e de Pernambuco e, portanto à diocese de Olinda, e a porção direita do rio pertencente à capitania da Bahia e, conseqüentemente à diocese de..., Os seguintes marcos religiosos dão suporte às ações devocionais e à vida cultural religiosa cotidiana das populações. Na localidade de Januária – antiga Brejo do Amparo – várias capelas foram instituídas e sua intensa vida religiosa já nas décadas iniciais da sua povoação, foi de certa forma, Bem dinâmica. Manuel Pires Maciel instala por volta de 1701 os marcos da igreja de Nossa Senhora do Amparo em Brejo, dando início não só a povoação, mas também, ordenando a vida cotidiana religiosa local.

São Romão – antigo Santo Antônio da Manga – Também foi outra referência não só comercial pela localização em que estava na rota do caminho entre as minas e Goiás, na direção de Paracatu. Intensa e efervescente vida religiosa teve esta localidade, sobretudo ancorada nas manifestações de matriz africana da qual algumas expressões como, o batuque, o congado, os caboclos e a festa do rosário permanecem ativas ainda hoje. A criação da paróquia de São Romão se dá no ano de 1804.

Outra importante referência é a antiga localidade do povoado/arraial de Pedra dos Angicos que teve sua primeira paróquia criada pela Lei Nº.1775,de 06 de novembro de 1866

recebendo em seguida a construção do templo – Matriz de Nossa Senhora e São José - à margem do Rio São Francisco, tornando-se cidade emancipada em 1877.

A sua extensão territorial correspondia a vasta parte do sertão, incluindo em sua jurisdição grande quantidade de povoados e distritos como o de Serra das Araras. Muitas das manifestações religiosas desta localidade encontram-se distribuídas nas várias comunidades que compõem o seu território. Além das devoções em territórios paroquiais, é comum a ocorrência de grupos de rezadores que todos os anos saem em procissão em direção ao cruzeiro (denominado pela comunidade de cruzeirinho) que fica à margem do rio, em frente a igreja matriz de São José. Algumas manifestações religiosas de devoção popular foram suprimidas na segunda metade do século passado, possivelmente com a chegada dos padres missionários alemães para a cidade.

Mais a Oeste, a localidade Paracatu passou ser referência importante, também, da vida religiosa pelas primeiras construções ali, de capelas que representassem a fê e a devoção dos recém chegados baianos e portugueses, a procura de riquezas minerais e de sesmarias a serem doadas pelo governo da capitania em meados do século XVIII. A igreja Matriz de Sant Antônio – 1730 e a Igreja do Rosário – 1744 são dois grandes marcos da vida religiosa e da povoação daquela região.

Estas localidades referenciam geograficamente nosso objeto de pesquisa na medida em que nos possibilita compreender o fluxo comercial e a fixação de grupos de pessoas interessados na região.

Augusto de Lima Júnior, analisando acerca da leva de portugueses que teriam vindo para as terras colonizadas do Brasil, afirma que:

As populações que se deslocaram em massa para o Brasil, atraídas pela fascinação do ouro foram oriundas na maior parte, do norte de Portugal, jurisdição religiosa do Arcebispado de Braga, enraizadas ancestralmente à religião cristã, elas trouxeram para a nova terra de promessa, além das pequenas imagens dos santos de sua devoção, um fervor religioso profundo, uma tocante e singela piedade, que, (...) ,nem sempre, aliava à idéia moral na vida prática.(LIMA JÚNIOR,p.87).

Não Foram poucos os revezes da vida cotidiana da sociedade colonial em todo seu estágio, sobretudo no sertão marcado pelas distâncias e pela “consolidação de uma cultura assentada em regras consensuais que normatizaram a vida dos sertanejos” (COSTA, 2006, p.74).“A religiosidade popular sertaneja transformou-se em um fenômeno social cujas transações são ao mesmo tempo morais, estéticas, religiosas e mitológicas, jurídicas e econômicas, cujo significado não pode ser descrito sob um único ponto de vista isoladamente”. (DIAS, 2015.p.71).

No caso da região de Serra das Araras, tais dimensões podem ser aplicadas com certa naturalidade, pelas características da festa de Santo Antônio. Características assumidas desde tempos bem recuados na história da mesma.

2.2 festa e festar: um espírito devocional

As festas constituem, assim, parte bem significativa de uma herança cultural (SANCHIS, 1992, p.16).

As sociedades sempre se caracterizaram pelos momentos de alegrias e celebrações coletivas, em muitos casos, em grande parte do ano. Postulou-se comumente dividir o ano em “civil” e “religioso” como forma de organizar melhor a vida cotidiana das pessoas. Assim sendo, Os ritos da vida passaram a ter ênfase nas comemorações dadas conforme o ciclo da natureza. Na Grécia, assim como no Egito ou na sociedade romana, as comunidades apreenderam a se reunir para celebrar os fartos louros da produção em um bom tempo de colheita. Nas sociedades africanas, a vida profundamente integrada à natureza possibilitou também, ativas celebrações em tempos de colheita. A vida ligada a terra, portanto, possibilitou uma cosmovisão do mundo na tentativa de buscar explicação aos fenômenos da natureza, na perspectiva das mediações, feitas por divindades, deuses e santos, numa compreensão dada a partir de possíveis dois mundos – céu e terra.

O ciclo medieval consolidou um modelo de vida camponesa onde as práticas da cultura e da religiosidade popular encontravam pleno sentido nas celebrações coletivas da vida cotidiana e do calendário, amplamente influenciados pela tessitura religiosa. Para (BAKHTIN (1993):

As festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo. Na sua base encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico. Além disso, as festividades em todas as suas fases históricas, ligaram-se a períodos de crise, de transtorno, na vida da natureza, da sociedade e do homem. A morte e a ressurreição, a alternância e a renovação constituíram sempre os aspectos marcantes da festa. (1993, p.8).

Com a evolução dos espaços urbanos, muitas das experiências camponesas foram se misturando a outras formas de crenças e representações se diluindo em novas realidades culturais.

Com a formação das novas comunidades, vilas, povoações e cidades a partir da expansão ibérica, os ritos que marcavam o imaginário medieval, pelo menos em parte, por força da tradição e da memória se estendem ao mais novo mundo e passa a influenciá-lo de forma significativa. No seio das regiões coloniais instala-se um novo modo de vida onde a reconstrução de identidades e a reorganização da vida cotidiana, só são possíveis com muita festa e partilha. Considerando a realidade brasileira, Gilberto Freire, (1998) destaca acerca da formação cultural brasileira:

A de não ter processado no puro sentido da europeização. Em vez de dura e seca, rangendo do esforço de adaptar-se a condições inteiramente estranhas, a cultura europeia se pôs em contato com a indígena, amaciada pelo óleo da mediação africana. O próprio sistema jesuítico, (...) no que logrou maior êxito no Brasil dos primeiros séculos foi na parte mística, devocional e festiva do culto católico. Na cristianização dos caboclos pela música, pelo canto, pela liturgia, pelas profissões, festas, danças religiosas, mistérios, comédias; pela distribuição de verônicas com águs-dei, que os caboclos penduravam no pescoço, de cordões, de fitas e rosários; pela adoração de relíquias do Santo Lenho e de cabeças de Onze Mil Virgens. (1998, p.52).

Freire, (1998) destaca o emaranhado cultural das trocas simbólicas, embora privilegiando bem mais os dados da cultura europeia, é inegável a contribuição da cultura indígena, também, na dança, na música, nos mistérios e nas festas, enfim, no conjunto de saberes cristalizados na tradição desses povos.

A vida que se constitui no sertão do São Francisco encontra-se, desde tempos coloniais, como que no seu ciclo “natural”, recebendo algumas influências externas, mas que não chegam a impactar de forma repentina na vida cotidiana do povo sertanejo. Um tempo com outra lógica se estende no curso linear do sertão dando um sentido mais lento e mais tardio à vida e aos ritos ali vivenciados. Os ponteiros do tempo não têm pressa e parecem circular num ritmo cadenciado de tal forma que, quase não se percebe o passar do tempo. As práticas se tornam tradição pela força da repetição inovadora de ano a ano, de geração a geração, mantendo as estruturas, de uma festa, por exemplo, quase que intactas. O sertão, marginalizado pela administração política administrativa colonial soube encontrar formas alternativas para moldar “através de suas práticas religiosas, sua própria história, repleta de pequenos espaços e acontecimentos ritualizados no cotidiano.” (DIAS, 2015, p.61).

Tratando da importância da festa religiosa no sertão norte de Minas, Dias, (2015) afirma que,

A partir da arquitetura religiosa e das festas tradicionais e seus rituais, demarcaram-se fronteiras culturais para ressignificar, no contexto cristão, componentes que agregam elementos de diversas categorias de pessoas com diferentes experiências religiosas trazidas para o sertão pelos negros, índios e padres europeus. (...), as festas religiosas adquiriram características e tornaram vidas próprias com vários significados e símbolos que são apresentados durante a execução dos ritos, reforçando a fé e a religiosidade na construção da identidade sertaneja. (p.61).

Nesse contexto de consensualidade e ritmo de vida lenta, como assegura Martins, (...), "processa-se uma homogeneização de comportamentos que propiciam, horizontalmente, relações de vizinhança e compadrio em que a solidariedade perpassa o cotidiano das pessoas". (COSTA, 2006, p.74).

A festa constitui como um dos mais importantes eventos da vida sertaneja. É no espaço do festar que se pode ver o intenso clima de alegria promovido no festejar cotidiano. É aí que a comunidade partilha "saberes, cantares, dançares, tocares, comeres, beberes e gostares." (COSTA, 2006, p.75). A religiosidade torna-se assim, um eixo fundamental para o fortalecimento não só dos laços de pertença em relação ao mundo simbólico, mas também, dos laços de afetividade e de solidariedade.

"Utilizando-se de eventos religiosos, as festas" tornam-se espaços de "encontros da população e momentos de integração. (...) chegam a constituir-se em ciclos: ciclo mariano, ciclo junino, ciclo do rosário e/ou do divino, ciclo natalino, fechando e abrindo o calendário anual de cada povoação." (COSTA, 2006, p.75). O ciclo de festas é um importante fator de coesão no sertão do São Francisco. Rica e diversa ele se apresenta com os seus símbolos e significados como as festas,

do ciclo natalino – Folia de Santos Reis, Boi de Reis, Pastorinhas; as festas de São João, Divino Espírito Santo, São Gonçalo e São Sebastião, também Santo Antônio de Serra das Araras; Bom Jesus da lapa (Bahia), quando mandam para a cidade da grande romaria de agosto, pelas águas do Velho Chico, barquinhos enfeitados de velas e com pedras. Na Folia, as casas do sertão ficam em festa. Visita da Bandeira (a peregrinação da Folia), Saudação, Canto do Presépio (...) e o agradecimento da esmola com as danças do quatro, lundu, baiana e catira. O tam-tam das caixas, o rem-rem das rabecas, volteios das violas, xeque-xeque dos reco-reco e balainhos.(...).Folião de toalha enrolada no pescoço, chapéu pendido na testa e os olhos cerrados de sono e cachaça, nos caminhos do sertão.(MELO,2013,p.33).

A festa tornou-se, portanto, uma celebração comum de se ver na região. Festa se confunde com as praticas religiosas na medida em que não se consegue mais distinguir o tempo de uma e de outra. Festa no sertão do São Francisco é festar que só faz sentido pelo seu

caráter coletivo. A comunidade se reúne para ali celebrar os ritos da vida, abraçar e se animar com chegada dos parentes e a amigos. Festa é também o espaço da devoção e da socialização das práticas de fé. É cumprir o compromisso com o santo Antônio (ou santa) devocionados, é rezar o terço repetindo a ladainha em tom introspectivo como quem comunica com o além. Ir a uma festa no sertão é participar da vida religiosa de uma comunidade. Embalados pelos traços das culturas matrizes, a comunidade vivencia o seu momento de partilha com danças cujas características nos remetem aos ritos, ritmos e sons ressignificados da cultura africana.

Não há festar sem cheiro de tempero e sem comida emanada dos saberes indígenas. Estes deixaram rica herança dos saberes e ofícios que se tornaram práticas cotidianas do povo ribeirinho do sertão do São Francisco.

A festa se constitui num espaço de resistência, sobretudo através das práticas devocionais da religiosidade popular. Vê-se ali, um universo de recriações e persistência de práticas que só tem sentido se celebradas ali mesmo, “distante” e fora das hierarquias constituídas.

No aspecto cultural a festa toma lugar do legalismo litúrgico. A vida se manifesta em sua espontaneidade. A festa coloca em questão o controle institucional. Na perspectiva de Abreu, as festas desagradavam as autoridades religiosas e civis preocupadas com a continuidade da ordem. As festas eram momentos de fugir da regra, (...). Nesta conjuntura proibir uma festa representava tentar manter o rigor da disciplina. (SOUZA, 2007, p.131).

A festa de Santo Antônio em serra das Araras possui de forma acentuada essas características. A localização do lugar da festa por si só, já representa um lócus de resistência. Formado e consolidado distante das reconhecidas povoações do sertão do São Francisco, o distrito de Serra das Araras se consolidou a partir da resistência do Santo que, insistiu em permanecer na localidade atraindo para ali, a partir de então, número expressivo de devotos que, na sua 6ª geração ainda persistem em repetir não só a jornada, mas os gestos e a rotina dos ancestrais no ciclo de festa antonina. Pessoas de todas as idades, para ali se deslocam todos os anos para cumprirem, na linearidade do tempo, a tradição ancestral, gestos e saberes devocionais herdados dos seus antepassados.

Com a mudança de pertencimento do distrito, de São Francisco para Chapada gaúcha em 1995, torna-se inegável a dinamização econômica da festa. A festa tornou-se mais viável economicamente para o distrito de Serra das Araras. A assistência dada pelo poder público do município de Chapada Gaúcha eleva a prosperidade econômica da festa. É certo que também, a distância era considerável e, portanto, grande empecilho a que o município de São Francisco desse maior assistência ao distrito. A longa jornada enfrentada pelo clero, que,

em tempos passados tomavam por empréstimo, animais que pudessem servir de transporte até o local da festa era um fator de distanciamento do referido distrito¹⁴.

2.3 Santo Antônio: um santo sertanejo nas quebradas do sertão

No mundo cristão solidificou várias práticas e modos de vivenciar a religião. A expansão do cristianismo impôs um ritmo e uma dinâmica muito próprios da fé cristã. No oriente, os hábitos da vida religiosa foram de certa forma, bem fortalecidos pelas práticas de muitos devotos que aprenderam a ressignificar o amplo campo simbólico do mundo cristão. Assim, desde os hábitos da vida religiosa nas sociedades que constituíam o império romano, passando pela rica vida artística e religiosa de Constantinopla e pelas estruturas da mentalidade teocêntrica medieval, relíquias, venerações e santos se tornaram parte comum da vida cotidiana do povo.

Com a constituição e consolidação das sociedades ibéricas sobre os alicerces da sociedade medieval, a cultura ali vivenciada se estenderia de forma a influenciar significativamente as manifestações religiosas de Portugal e a Espanha. Estas assistiram a uma verdadeira luta pela dominação cultural e por que não dizer, religiosa entre Oriente e Ocidente. Nesse processo de disputas, várias expressões culturais se fortaleceram a partir da fusão com diferentes elementos da vida religiosa. Muitas expressões e celebrações passaram a identificar os ritos da vida do povo ibérico. Com o processo de colonização a região então, passou a ser identificada como palco originário das muitas expressões, celebrações, ritos e manifestações da vida cultural que se estendeu às regiões coloniais influenciadas por Portugal e Espanha.

Um dos fortes traços dessa extensão cultural centra-se no campo religioso com influências, sobretudo, nas festas juninas e nas folias de reis que se tornaram fortes expressões do ciclo de festas no Brasil.

Outro importante elemento de influência cultural foi a inserção de inúmeras devoções a santos e santas pelas diversas regiões do Brasil, principalmente através dos jesuítas, importantes condutores da vida religiosa do reino nas regiões coloniais¹⁵.

¹⁴ Cf.: MELO, 2012; Cf.:BRAZ,1977.

¹⁵ Cf. :FERNANDES, 2013,;Cf.:AMARAL LUZ et al.,2013.

O espírito religioso português, marcadamente cristão, mas, já influenciado pelas culturas mouriscas e africanas se estendem às regiões coloniais caracterizada, sobretudo pelas práticas devocionais ligadas a santos e santas, procissões e rezas. Inúmeras devoções são trazidas para o Brasil desde o século XVI sendo as primeiras implantadas no litoral e daí para o interior, chamado sertão. Santo Antônio figura entre as devoções mais difundidas no Brasil,

pois Santo Antônio é de longe o santo que mais emprestou seu nome à toponímia brasileira, batizando freguesias, vilas e cidades sem conta. Só em Minas, até o século XIX, foram 118 localidades dedicadas ao santo de Lisboa. (...). Entre 1585 e 1650, dos 15 conventos fundados no Brasil, pelos Franciscanos, oito foram dedicados a Santo Antônio. (VAINFAS, 2003, p.31).

LIMA JÚNIOR (1978) Santo Antônio deu, pois, seu nome, a várias localidades, muitas vezes com especificação do próprio sítio onde nascera, como o caso de vários arraiais que se formaram e foram paróquias, com invocação de Santo Antônio da mouraria”.(p.88).

A devoção a Santo Antônio é uma das primeiras a serem difundidas no Brasil. “Muitos conventos igrejas e capelas tomaram Santo Antônio como orago principal, dando a capela mais antiga em que nos fala a história pátria de épocas anteriores a 1550 em Olinda, onde hoje se levanta a majestosa igreja chamada ‘Convento de Santo Antônio do Carmo’. (LIVRINHO DE SANTO ANTÔNIO, 1969,p.31) O padre Antônio Vieira foi um fervoroso divulgador do referido Santo em terras brasileiras. Muitas das suas homilias fizeram referência às práticas e à vida de Santo Antônio.

Várias são as virtudes de Santo Antônio então conhecidas, “O pregador sábio”; “Santo do pão repartido”; “santo casamenteiro”; “Restituídor das coisas perdidas”; “Glorioso taumaturgo”; “Capitão-do-mato”; “Militar de patente”. Estas e outras designações referentes foram constituídas ao longo do tempo com o sentido de elevar a importância do menino Fernando de Bulhões que tornou-se padre ao entrar na ordem dos Frades menores se tornando sacerdote em 1219 ,sendo santificado pouco mais de um ano após a sua precoce morte aos 36 anos de idade.

LOCALIDADE	PERÍODO	TÍTULO
Nordeste	1429	Capitão-do-mato
Salvador	1705	Capitão do Forte da Barra
Ouro Preto		Capitão de Infantaria
Bahia	Referência de Luiz Mott (1996)	Divino Sargento
Paraíba	1645	Tenente da artilharia
Paraíba	1709	Soldado Raso da Paraíba
Pernambuco	1717	Patrono da capitania
Rio de Janeiro	1710	Elevado de soldado a capitão
Goiás	1750	Soldado
São Paulo	1750	Capitão das tropas da Capitania.
Espírito Santo	1752	Soldado Raso
São Paulo	1771	Elevado a Coronel
Minas Gerais (Vila Rica)	1786	Capitão
Bahia	1811	Sargento Mor
Rio de Janeiro	1811	Sargento Mor

FIGURA 01¹⁶ - Títulos e patentes recebidos no Brasil: Santo Antônio militarizado.

Lima Junior (1978) referindo-se à popularidade de Santo Antônio, enumera algumas práticas comuns na trajetória de Santo Antônio.

Santo Antônio, o santo português, miraculoso e popular, na estima coletiva e nos serviços privados e públicos, só cederia lugar à Virgem Maria, cujo Divino Filho ele traz carinhosamente nos braços. Bom amigo das moças, para as quais sempre arranhou casamento de amor, inigualável para que se recuperassem cousas perdidas, devoção preventiva para que se não morresse sem sacramentos, ele auxiliava até a domar animais bravos e a amansar crianças de gênio excitável e turbulento: *‘Santo Antônio pequenino Amansador de burro brabo, Vem amansar este menino Que é levado do diabo.’* (p.88).

O pesquisador Luiz Mott, analisa alguns aspectos da vida e das ações de Santo Antônio dando-lhe a referência de capitão-do-mato. Ao considerar dentre as várias funções a que o santo é levado a ter na sociedade colonial, inclusive a de santo guerreiro, destacou que “a devoção pública a santo Antônio na América portuguesa se inicia com a construção da igreja de Santo Antônio da Barra (...) por ocasião da fundação de Salvador” (p.117),. Daí se estenderia a outras regiões, sobretudo ao sul da Bahia região que faz conexão com os sertões de Minas Gerais através do rio São Francisco, importante via de comunicação entre estas regiões. Afirma Mott (1996), que, compõe

¹⁶ Todas as figuras que compõe o texto pertencem o arquivo particular do autor.

a inspiração teológica e substrato histórico da transformação de Antônio em santo guerreiro – com numerosas patentes militares, e dentre elas, a de capitão-do-mato – liga-se exatamente a esta faceta de sua biografia ouvidada no imaginário popular contemporâneo, ofuscada que foi por sua iconografia e estatutária melíflua e efeminada. Ao se incorporar santo Antônio no serviço militar, laiaio dos interesses ora da Coroa portuguesa em sua luta contra os estrangeiros hereges, ora dos colonos do Brasil na recuperação de seus escravos fugidos ou na destruição dos quilombos, os devotos estavam simplesmente atualizando seu carisma original de pavor dos infiéis e martelo das heresias. Foi nesse processo de modernização que o santo casamenteiro se tornaria em nossa terra ‘o divino sargento, levando os exércitos ao saque e à matança, defendendo fortalezas e cidades’. (p.117).

Lima Júnior (1978) E o remédio invocado devia ser eficiente porque em todas as igrejas, capelas e oratórios públicos e privados foi obrigatória a imagem do estimável santo, que em seu altar da matriz do pilar de ouro preto, chegou a ter honras de capitão de Infantaria e recebia soldo. (p.88).

No sertão norte de Minas,

o que ainda hoje é passado de pai para filho, à moda velha de contar história e criar tradições – que pelos meados do século XIX, homens zanzando pelo mundo perdido, num lugar desprovido de gentes e coisas(...), encontram uma imagem de santo, incrustada numa loca, meio a pedras pontudas, espetadas na terra vermelha cavada pela chuva em lugar de pouca vegetação, na ponta de um platô que veio a ser chamado de Serra das Araras – (...). (MELO, 2012, p.121).

“Era o santo casamenteiro que logo ganhou um humilde altar num não menos humilde rancho de palha de buriti, a sagrada palmeira do sertão”. (MELO, 2012, p.122).

As velhas rezadeiras, mais apegadas à tradição da Igreja, (...), acharam que seria humilhação deixar o santinho naquele ranchinho tão sem propósitos, feio e triste. Decidiram e logo mandaram alguns cavaleiros levar o santo para as pedras (hoje a formosa São Francisco), a vila que já existia, com uma pequena igreja debruçada sobre o Rio Grande. (...). Ali ficou e todos admiravam, rezavam e faziam novenas.

Um dia...o susto e a gritaria geral:

- Santo Antônio sumiu!

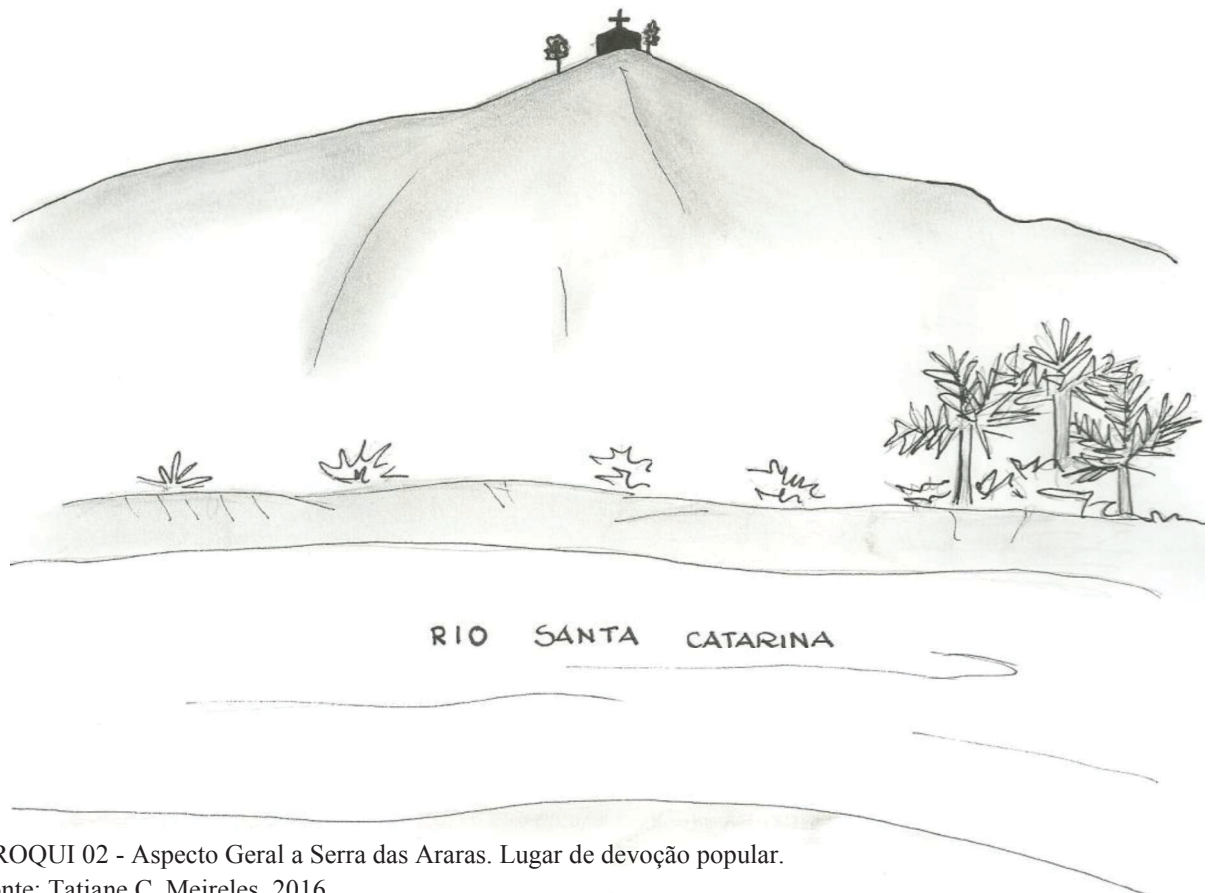
- Não foi encontrado na igreja (...). Sumiu de noite depois da reza. (MELO, 2012, p.122).

A romaria de Santo Antônio tornou-se tão popular e sagrada pelo retorno do santo ao topo da serra. A não aceitação de mudança de lugar o tornou um santo poderoso no sertão do São Francisco. Para Braz, (1977, p.439) “Santo Antônio zombou dos devotos interesseiros e dos camaristas”, pois exatamente quando se construía uma igreja na principal praça da vila para onde havia sido trazido, lugar no qual a Câmara municipal havia denominado por lei, de praça Santo Antônio em sua honra santa, Ele foge de volta à serra. “A igreja em construção foi desapropriada e demolida.[...]. Para que igreja, se Santo Antônio não quis a cidade?(p.439).

A travessia feita pelo “santinho” foi um grande evento e acentua-se na memória dos seus seguidores.

Trata-se, para os peregrinos, (*devotos*) de encontrar alguém que pisou os caminhos dos homens, conheceu a sua experiência e viveu os seus sentimentos – e ao mesmo tempo ultrapassa o quadro da sua experiência imediata e é investido de um poder que lhe permite dominar o cosmo, a existência social, a vida. Além disso manifestou várias vezes a vontade de ser de um lugar e de uma comunidade particular, graças às circunstâncias que rodeiam a aparição da sua imagem.(SANCHIS,1992,p.45).

A observação de Sanchis vai de encontro àquilo que se constituiu como escolha do santo (Antônio) vivo. Primeiro Ele escolhe aquele lugar, em seguida desafia os seus primeiros admiradores que dali o retiram e retorna para o mesmo lugar. Ele escolhe ficar naquele lugar. A distância percorrida parece ter traçado um roteiro romeiro nas entranhas do sertão do São Francisco, pois, “as estradas eram próprias tão somente para os andares, cavaleiros ou para passagem de sonolento carro de bois.(MELO,2012,p.39). Santo Antônio desafiou estar no ponto mais elevado, atravessou rios, cruzou o sertão, escapou dos seus “capturadores”, rebelou-se contra a vontade alheia e ressignificou o espaço sagrado da montanha,escolhendo por vontade própria, o seu altar natural.



CROQUI 02 - Aspecto Geral a Serra das Araras. Lugar de devoção popular.
Fonte: Tatiane C. Meireles, 2016.

Para Eliade (1991) estar no ponto mais alto é estar no centro. Sendo assim, a busca por uma representação simbólica pode extrapolar a condição meramente humana, pois, “os símbolos, os mitos e os ritos revelam sempre uma situação limite do homem, e não apenas uma situação histórica”.(p.30). A busca por uma representação mais profunda e que dê um sentido diferenciado à existência meramente humana aparece na realidade dos romeiros devotos de Santo Antônio, na medida em que ritualizam com seriedade cada momento vivido no interior da festa devocional, como todo o seu conjunto de elementos simbólicos que só fazem sentido, se vivenciados e experimentados ali, naquele *locus* sagrado. Isto parece suscitar no devoto a capacidade de ressignificar espaços e objetos que de simples, se tornam sagrados.



FIGURA 02- Devota clamando a Santo Antônio.



FIGURA 03- Capelinha no alto da serra.



FIGURA 04- Romeiro em ato devocional.

Sobre tal questão, Eliade (1991) afirma que, “As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser.”(p.8) Nesse sentido, parece haver uma realização que integra o homem, o lugar e o simbólico.

A montanha enquanto espaço sagrado, implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado, o que a torna um território de qualidade diferente para aqueles que se permitem senti-la. Essa sacralização atinge o próprio homem que procura e descobre esse lugar, transformando-se.

A montanha liga e sustenta, ao mesmo tempo, o céu e a terra, o mundo divino e o mundo dos homens. Considerando que ela ocupa o centro do mundo, o eixo, o ponto de equilíbrio aí vai encontrar o nosso mundo, o mundo daqueles que partilham da sacralização da montanha. Um grande número de mitos e crenças deriva desse centro. Atingir o topo da montanha, por exemplo, possibilita ao sujeito romper com o nível terrestre, penetrando numa região pura, divina, que transcende o mundo profano, possibilitando a esse sujeito ascender a uma condição espiritual elevada num tempo/espaço próprios¹⁷. (MENEZES COSTA, 2000, p.47).

A construção e análise da história no sertão não podem desprezar as representações e o imaginário mítico arraigado à cultura do povo, como por exemplo, histórias cristalizadas e que tornam componentes importantes da vida cotidiana, como é o caso da história de Santo Antônio, que se tornam tradição e devem ser reconhecidas como patrimônio vivo da memória individual e coletiva de uma comunidade que aprendeu a viver estabelecendo laços com o sagrado e sacralizando espaços e bens simbólicos como forma de facilitar a explicação, sobretudo e a partir do fenômeno religioso. Sentido dado à vida pela mediação de um santo que é recepcionado pela comunidade possibilitando a criação de laços de afetividade e signos contínuos de desafios dando sentido à vida devocional.



FIGURA 05- Romeiros na trilha da serra.

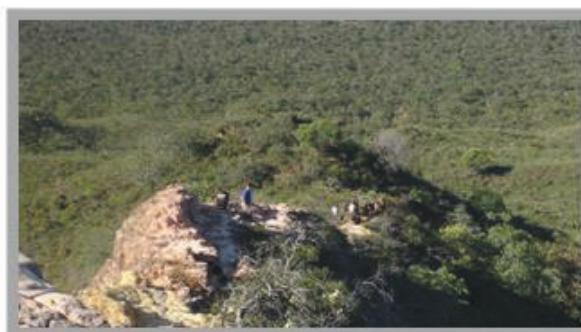


FIGURA 06- Romeiros em missão de fé.

A tese de que asseguramos é que, nesse caso, Santo Antônio em um tempo mítico fundou a sacralidade da serra (monte sagrado), tornando possível a integração do homem com a natureza divina. A subida ao monte sagrado não é uma simples busca. Ela se torna para o devoto o encontro consigo mesmo através das adversidades que a natureza impõe. Se a escolha primeira foi feita pelo Santo, logo deve ser repetido pelo devoto, num gesto de aproximação do alto, o que, em certa medida, o torna cumpridor da aliança estabelecida com o santo, pois, “atingindo o andar superior, o peregrino realiza uma ruptura de nível”

¹⁷ Cf.: ELIADE, 1991. Cap.I,PP..21-52.

(ELIADE, 1991.p.39). E é isso que dá sentido à busca do devoto, que, rompendo com o passado, renova a sua aliança com Santo Antônio na medida em que cumpre o seu estágio ritual no contexto da festa. Logo após, coloca-se de pronto para retornar para casa, mas, somente depois de ter cumprido o seu rito de fé e comunhão com o santo no lugar apropriado,

Refazendo a trilha peregrina a cada ano e, antes de tudo, reconhecendo que Santo Antônio não se acomodou diante das agruras do sertão. Enfrentou a travessia como que se colocando no perfil desafiador de atravessar o sertão numa longa jornada, os devotos romeiros tornam comum a jornada repetindo a cada ano o mesmo trajeto em honra ao santo, para cumprir o seu voto e finalizar ciclicamente a sua missão¹⁸.

Recepcionado no sertão, Santo Antônio se tornou um Santo de posses, dono de terras e gado. Conforme afirmam muitos devotos, Santo Antônio recebeu muitas doações de terras, gado, animais e outros presentes em troca de um compromisso a ser cumprido ou em agradecimento a uma graça recebida.

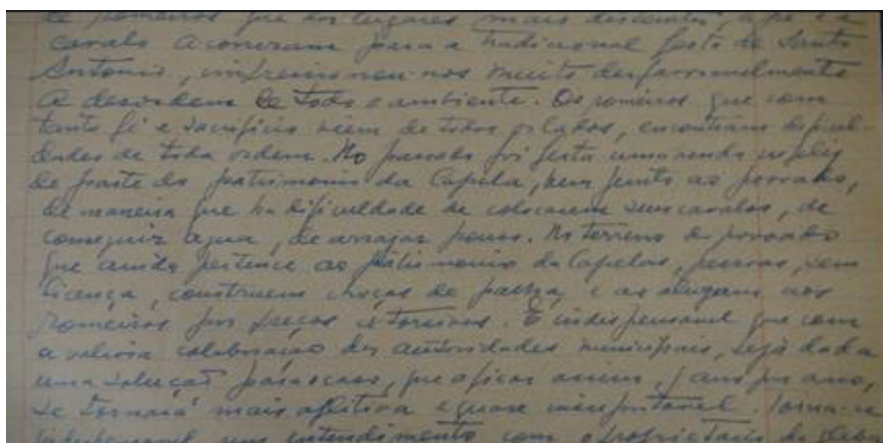


IMAGEM 01- Descrição do Livro de Tombo sobre bens da Igreja em Serra das Araras.

Fonte: Paróquia matriz de São José – São Francisco – 1954.

O conteúdo a que se refere, trata da seguinte questão:

Impressionou-nos muito desfavoravelmente a desordem de todo o ambiente. Os romeiros que com tanta fé e sacrifício vêm de todos os lados, encontram dificuldades de toda ordem. No passado foi feita uma venda infeliz de parte do patrimônio da capela, bem junto ao povoado, de maneira que há dificuldade de colocarem seus cavalos, de conseguir água, de arranjar pouso. No terreno do povoado que ainda pertence ao patrimônio da capela, pessoas sem licença, constuem choças de palha e as alugam aos romeiros por preços extorsivos. (1954).

¹⁸ O “cumprimento da missão”, nesse caso, é visto pelos devotos como um ato obrigatório deixado por deus e herdado dos ancestrais, não podendo, em hipótese alguma, deixar de cumpri-la. Por isso referem com naturalidade que, a missão de cumprir o seu rito na festa anual foi uma dádiva dada por deus, uma obrigação que de tão satisfatória, torna-se o maior evento da vida desses devotos.

O conteúdo trata dos conflitos comuns na história da festa. Algumas pessoas se apropriavam das terras ou lotes da Igreja, ou melhor, de Santo Antônio, e os alugavam aos romeiros como forma de se beneficiarem economicamente. Tal atitude demonstra que a instituição não tinha controle sobre os seus bens, o que facilitava a ação de espertos atravessadores antecipando as negociações que, certamente gerariam lucro para Santo Antônio. Vale lembrar que a reclamação é ainda, o fato de serem extamente as terras mais próximas da capela, o que de certa forma, acomodaria melhor aos romeiros menos favorecidos economicamente, já que além de não poder alugar os espaços, teriam dificuldades com o pasto para seus animais e com o uso da água para a semana de permanência na festa. Buscar água no rio era algo bem comum no contexto da festa. Porém, quanto mais distante do rio mais difícil seria conseguir água. Muitos buscavam água em latas d'água e as vendia aos romeiros nos acampamentos.

“Por escritura particular de 1871, Nicácio Pereira dos Reis, André Pereira da Cunha e Januária dos Santos, haviam doado à capela de Santo Antônio, meia légua de terras, com área calculada de 200 alqueires”(BRAZ,1977,p.340).

Alias, a terra de Santo Antônio era grande, a doação da terra de Santo Antônio era grande. Quando eu vim pra cá já não era mais, o povo já tinha tomado um bocado dele né, que ele não podia falar nada. E gado, inclusive as pessoas mais velhas, aqui mesmo [...] de lá da Catarina tinha o curral de Santo Antônio onde prendia o gado né. (G.J.M., 2015).

Santo Antônio do sertão não é um santo casamenteiro, como antes fora. O problema do sertão situa-se bem mais na dura realidade de um povo que, historicamente, acostumou a criar suas formas de resistência e de resignificação como forma de mediar com a vida as dificuldades que a rusticidade sertaneja impõe.

No passado, em décadas anteriores a quantidade de casamentos batismos e crismas era bastante elevada. Nos dias de hoje acontece minimamente casamento e batismos. Há inclusive casos de famílias inteiras que se casaram e/ou foram batizados no período da festa. As centenas ou dezenas de casamentos registrados em décadas anteriores já não ocorrem mais.

E.P.N., devota que se tornou moradora do distrito depois prometer e cumprir promessa a Santo Antônio em razão da cura de um dos filhos, explica que,

Antigamente no início se contava aqui 20 e tantos casamentos, 30 e tantos batizados, era uma roda. Fazia lá dentro da Igreja aquela roda e batizava tudo em conjunto, sabe! E casamento não dava conta. Também era casado na roda também, e, era muito e muito casamento. Ai, depois, quando começou a surgir *as capela* nas

comunidades, então facilitou mais os pais batizarem os filhos e fazer os casamentos lá. Então hoje aqui, na época da festa é muito pouco o batizado e muito pouco o casamento, mas porque já fazem na redondeza, na região e nas capelinhas. (2015).

Nas observações da devota de Santo Antônio, a descentralização das comunidades religiosas, a formação de outras comunidades que acabaram por fazer parte da composição paroquial no entorno da região é um fator determinante na redução da quantidade de batismos e casamentos celebrados durante a festa. Embora haja de fato, certa descentralização das atividades religiosas na região que passou a pertencer ao município de Chapada Gaúcha, as mudanças ainda são muito lentas. A expansão da Igreja Católica através da formação de paróquias não consegue cobrir pelas ações do clero, toda vasta extensão territorial desse sertão noroeste. O que em grande medida, motiva a manutenção de fortes laços da tradição constituída no contexto da religiosidade popular, permitindo a que novas gerações recebam por herança, compromissos devocionais inscritos na experiência religiosa coletiva da comunidade, sobretudo no interior da romaria, lugar de permanência de saberes, de expressões da vida cotidiana e de memória.

Tradição e mudanças são marcas da vida devocional na festa de santo Antônio. Ainda que haja a referência de gerações familiares tradicionalmente manterem as romarias devocionais há cerca de dois séculos, não se pode descuidar das mudanças sinalizadas pelo tempo influenciando as gerações seguintes. Até mesmo a própria Igreja procura meios de se adaptar às novas realidades da festa, imposta pelo contexto sociocultural de cada geração. Para Brito(2013) e Sanchis(1992), não há tradição que não tenha sofrido rupturas. As alterações podem se apresentar como sutis ou não, dadas as especificidades locais.

Nos livros de tombo da paróquia matriz de São José, na antiga cidade sede do distrito de Serra das Araras, encontram-se registros importantes e detalhados do dia a dia dos ritos da festa de Santo Antônio. Não é difícil perceber as transformações ocorridas, sobretudo na dimensão religiosa. Em dias de festa chegava-se a celebrar cerca de 250 casamentos. Hoje porém, quase não ocorre casamentos durante os festejos de Santo Antônio. O conteúdo do documento abaixo nos permite tal observação.

dia 13. prossegui viagem até Serra das Araras onde se encontra
 a maior romaria em nossa diocese: naquele local
 festa de encontra-se pessoas de todos os municípios vizinhos e
 Santo também de muitas cidades mineiras. Eis o número de batizados
 Antônio casamentos e comunhões ocorridos este ano - comunhões: 2.200 -
 batizados 450; casamentos 85. A renda foi de Cr\$ 15.000,00.
 Festas
 realizadas Dia 16 foi celebrada a festa de "Corpo de Deus".
 na dia 19 - festa do Divino - foi abrihantada com o cortejo
 matutino e procissão do imperador - procissão - prática.

IAMGEM 02- Descrição do Livro de Tombo sobre casamentos e batizados em Serra das Araras.

Fonte: Paróquia Matriz de São José – São Francisco, 1954.

Os registros feitos no livro de Tombo¹⁹ da paróquia São José na cidade de São Francisco, mostra a grande mudança ocorrida em termos quantitativos nas celebrações de batismos e casamentos feitos durante a festa de Santo Antônio. Transcrevemos aqui o conteúdo da página do documento:

Prossegui viagem até Serra das Araras onde se encontra a maior romaria em nossa
 diocese: naquele local encontra-se pessoas de todos os municípios vizinhos e
 também de muitas cidades mineiras. Eis o número de batizados, casamento e
 comunhões ocorridos este ano – comunhões: 2.200; batizados: 450; casamentos: 85. A
 renda foi de Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros) (LIVRO DE TOMBO, 1954, p.)

É possível encontrar registros como este ainda na primeira metade do século XX. Estes registros fornecem importante dados sobre a referida festa, que pode facilitar as análises de pesquisadores que desejam fornecer dados históricos numa pesquisa sobre religiosidade.

¹⁹ A paróquia Matriz de São José em São Francisco foi a primeira a registrar os acontecimentos da festa de Santo Antônio em Serra das Araras. É possível encontrar nos arquivos paroquiais, não muitas, mas importantes informações documentadas pelo clero católico enquanto a comunidade de Serra das Araras pertencia à circunscrição paroquial de São Francisco.

2.4 A romaria de santo Antônio: tradição, herança e memória ancestral

Gerações após gerações foram conservando, carinhosamente, a tradição dos antepassados. E assim chegou até nós a emocionante história que deu origem ao culto e à adoração dos serranos (...) à imagem de Santo Antônio da Serra das Araras. (BRAZ, 1977, p.438).

Falar da romaria enquanto espaço de memória e que portanto, assegura a tradição herdada dos pais, avós e outros parentes se tornando tradição (familiar) significa se estender no tempo, na direção do passado e não ousar fazer um recorte que não considere a ancestralidade numa região de pouca escola mas de múltiplos e profundos saberes, sobretudo no campo religioso.

Romaria é uma tradição no mundo cristão ligado por causa de fé, à Cúria Romana, centro convergente do poder religioso cristão católico. Faz-se referência a Roma, sede da Igreja Católica Apostólica Romana. É uma manifestação popular que pode ser feita por grupos de diversas pessoas ou grupos menores ou por caminheiros que, mesmo sozinhos, partem em visita a um lugar santo para cumprir o seu voto de fé. A romaria caracteriza-se por ter no seu meio quem queira pagar promessa, agradecer ao santo ou santa de devoção, pedir graça ou mesmo por cumprimento de devoção muitas vezes familiar.

No mundo cristão, já em tempos antigos as peregrinações de fé tornaram-se atos comuns na vida cotidiana das pessoas simples que viam nessa missão uma grande possibilidade em ver os seus desejos respondidos a partir dos favores espirituais estabelecidos.

As romarias se estabeleceram no Brasil a partir do mundo ibérico com a expansão da coroa portuguesa. A romaria constitui como um dos mais importantes elementos componentes do projeto colonizador. É um ritual capaz de agregar grande número de pessoas a enfrentar grandes desafios, comumente andando a longas distâncias para cumprirem seus votos. As romarias se tornaram tradicionais no mundo português pela efervescência da vida religiosa do povo ibérico constituída no seio das estruturas medievais. Muitos convertidos ao cristianismo, vindos da elite, solucionavam um grande receio da hierarquia eclesiástica cristã, o de estabelecimento do poder. Por outro lado a hierarquia eclesiástica,

Interessava-se especialmente pelo problema das massas rurais e da sua religião específica. Entre os dois existe, no entanto, uma continuidade profunda, a de um esforço integrador, cultural e social, tendo em vista a organização a instauração e organização, (...), de uma nova civilização. É este esforço que dará significação, (...), à institucionalização das romarias, como manifestações populares, regulamentadas pela instância religiosa oficial da autoridade. (SANCHIS, 1992, p.65).

Para Sanchis (1992) a romaria portuguesa tem seus fundamentos ainda na antiguidade com a influência do Império romano no Ocidente. Contudo, a vida cotidiana rural é a que se apresenta como um importante aspecto de afirmação da cultura popular. Pois, “as romarias portuguesas são, no entanto, a maior parte das vezes rurais; quer tenham por sede uma ermida quer constituam, senão a festa do patrono, pelo menos a festa (ou uma das festas) principais de uma aldeia”. (p.39). As romarias são classificadas por este autor em dois tipos; a que se coloca em meio a uma região mais vasta influenciando diferentes realidades culturais e a que em âmbito regional consegue recepcionar a toda a vizinhança. A romaria de Santo Antônio em Serra das Araras se assemelha a esta última proposição pelas características regionais que a mesma apresenta. “A romaria regional é a festa de todos, e todos chamarão ‘nosso’ ao santo patrono a quem ela é dedicada”. (p.40).

O essencial é que toda a romaria constitui um ajuntamento, um encontro e um momento de vida em comum: quer troca recorrente de visitas, quer multiconvergência, expressão, expressão de uma unidade regional, (...), abolição de barreiras políticas e símbolo fugaz de fraternização. Estes ‘reencontros’, por vezes institucionalizados, são ocasião de toda a espécie de trocas culturais, comerciais, agonísticas. (p.40).

Esta e outras práticas de manifestação popular foram transportadas para as regiões coloniais sendo adequadas ao modo de vida dos grupos sociais em formação.

Para Câmara Cascudo (1972) os portugueses são os responsáveis pela presença da romaria no Brasil. A efervescência da vida religiosa da Península ibérica teria tido os seus desdobramentos, também, através das romarias. A recepção da romaria se dá também, no sertão do São Francisco, sobretudo, através da devoção a Santo Antônio no distrito de Serra das Araras, pequena povoação distante das áreas urbanas da região.

Os centros de romaria caracteristicamente se situam distante para maioria dos romeiros, o que de certa forma, tem uma representação fundamental na busca do cumprimento da promessa. Salvo exceções (...) a romaria tem por sede um santuário ‘no campo’, (...), por vezes a vários quilômetros de distância ou mesmo num sítio isolado de qualquer aglomeração “(SANCHIS, 1992, p.40). As travessias inóspitas são como desafio para o devoto romeiro

que, diante de tamanhos empecilhos vê grandes possibilidades de estabelecer uma profunda relação de fé autorizada pelo santo devocionado. Romaria é também, o momento de entrega pessoal de muitas pessoas que sacrificam suas vontades, seus medos, seus membros físicos e suas preocupações na certeza de serem atendidas durante o rito de fé e devoção. Um devoto expressa sua fidelidade, afirmando:

Inclusive, eu mesmo é assim, eu visito o Santo e quando é no dia treze de tarde eu vou na igreja e faço meu agradecimento de Santo Antonio, agradeço ele *de eu* ter ido e *tá* com saúde e peço ele *pra mim* ter uma boa viagem de volta e me dar força, *pra mim* tornar ir no ano que vem e agradeço ele.(A.M.V.,2015).

Descrevendo o sacrifício em favor do filho, E.P.N. (2015) explica que, entrar no Santuário de joelhos foi um ato reconhecido por Santo Antônio. Afirmo ela:

Eu mesma já entrei. Meu filho,[...] quando ele tinha 2 anos [...],um_carneiro [...],bateu muito na cabeça dele,[...]deu mancha na cabeça [...]. o médico passou Gardenal pra ele durante 1 ano. Ai, após 1 ano [...] ainda tinha um pouquinho de mancha.Ai_eu tornei a dar o remédio e pedi Santo Antônio que se acabasse aquilo e meu filho não tivesse problema nenhum eu viria a pé aos pés dele e entraria da porta principal até o altar. E eu vim.....! Vim a pé. O menino veio comigo a pé também, sabe! E chegou aqui eu entrei da porta principal até o altar e lá rezamos a ladainha e entreguei pra Santo Antônio a promessa. (E.P.N.,2015).

Tratando do caráter da representação cultural no Brasil, a romaria se coloca no teatro cênico da fé, segundo KARNAL, (1998). Par este autor “o processo de ‘conquista espiritual’ da América” se deu sob outros parâmetros, o que de certa forma, fez aumentar o paradoxo “da conciliação e da confrontação, da permanência e da mudança”. (p.30).

Assim, a análise da Representação Religiosa na Conquista da América reveste-se de importância enorme tanto na compreensão das estruturas catequéticas e na montagem do sistema colonial como na própria dilatação das possibilidades de análise da Representação Religiosa. (p.31).

O projeto colonizador portanto, também na direção da região norte e Minas Gerais no sertão do São Francisco serviu para dilatar geograficamente o caráter das representações e reafirmar as práticas do catolicismo, pois,

Com mais força a partir do século XVI, cresce a identificação do catolicismo com o que o diferencia de outros cristianismos. O católico não é mais, apenas, o que aceita o cerne da religião: a criação do mundo, o amor de Deus, a queda do homem, a Encarnação e Redenção. O Católico passa a ser, cada vez mais, quem aceita a autoridade do papa, o que venera santos, o que incorpora a transubstanciação na Eucaristia, as indulgências, as novenas e procissões, (...), e tantos outros elementos. (KARNAL, 2008, p. 58).

Não foi comum a instituição de romarias no sertão norte de Minas, porém, é comum a ocorrência das procissões por todas as vilas e povoados e distritos. Mesmo nas cidades é comum ver procissões pelas paróquias distribuídas no espaço urbano.

A romaria de Santo Antônio consolidou-se no sertão do São Francisco a partir de meados de 1840 como atesta Gardner (1974) segundo o pesquisador e folclorista João Naves de Melo (2012), constituindo ao longo do tempo uma tradição de devotos e de romeiros que apreenderam a conviver com as heranças do passado devocional, consolidadas na continuidade assumida das práticas e/ou compromissos votivos com Santo Antônio. Assim expressa M.F.S., “Maria Romeira” como é conhecida, ao falar da sua devoção e do seu compromisso em manter a romaria de Santo Antônio, que organiza há décadas.

Olha, a minha relação com Santo Antônio, porque, quando eu me entendi por gente meus avós já contavam a história de Santo Antônio, de ir até a Serra das Araras visitar Santo Antônio, pagar promessa, e eu já cresci naquele.... entusiasmo da história deles né! E quando eu comecei, fiz promessa e consegui a graça, [...]. Então eu tenho uma devoção a Santo Antônio porque pra mim ele já me concedeu tanta graça bonita né! Então por isso, enquanto eu der conta de organizar a turma,...! (M.F.S., 2015).

A romeira afirma ainda, que, não temeu em assumir a responsabilidade romaria que deveria prosseguir sob sua orientação. “Assumi o compromisso. Ele me reforçou e muito. Cada ano que eu vou é mais uma experiência de vida, é mais um conhecimento da graça de Santo Antônio”. (M.F.S., 2015). Na fala sustentada pela devota, percebe-se o quanto a prática anual da romaria parece possibilitar a renovação dos laços de afetividade com o Santo, renovação do ciclo de vida através do encontro com o taumaturgo. Encontro capaz de, segundo os devotos, renovar as forças e as esperanças, para que mais um ciclo se complete e se possa voltar no ano seguinte para dar vivas novamente.

Conforme, Brasiliano Braz (1977) memorialista São - franciscano que se dedicou a intensa pesquisa sobre a cultura regional, “Hoje, milhares de romeiros, até de outros Estados, se prostram contritos aos pés de Santo Antônio, pedindo lenitivo para os seus males ou cumprindo promessas feitas em momentos de aflição.” (BRAZ, 1977, p.438).

2.5-Romeiros e devotos no sertão do São Francisco.

Já fiz viagem de romeiro. Foram dois dias para chegar ao povoado de Serra das Araras, onde singela igrejinha guarda, até hoje, a imagem de Santo Antônio encontrado no alto da serra, ali na frente do povoado. (MELO,2012,p.40).

A experiência da romaria no norte de Minas tem como referência a romaria de Santo Antônio na localidade de Serra das Araras. Desenvolveu-se no distrito e influenciou todas as populações do seu entorno. Assumindo a característica comum de um centro romeiro, o distrito fim dos romeiros situa-se distante das principais povoações da região. Ainda assim, atrai todos os anos, milhares de romeiros devotos, festeiros e consumidores dos costumeiros artigos vendidos na feira durante o ciclo da festa. Muitos antigos romeiros exerciam o comércio enquanto a família inteira participava da vida religiosa programada no período dos festejos. Acostumou-se assim, a repetir a longa e dura jornada, saindo-se das diversas cidades, vilas e povoados da região fomentando o ciclo de celebrações antoninas.

A viagem de romeiro não tinha pressa. Era sair para chegar, quando desse, pois de tudo ia nos teréns do comboio. Davam de apear numa vereda bonita, armava-se o acampamento: a fogueira era ajeitada e os espetos logo cobertos de nacos de carne, geralmente (naquele tempo) de dois pelos: punha-se a bebericar pinga, enquanto o violão plangia melodiosos acordes que subiam às palmas dos buritis para sacudir o sertão. (MELO, 2012, p.40).

Muitos sertanejos, atraídos pela fé, pela história de vida de Santo Antônio e pela esperança em dias melhores se colocam em missão devocional influenciando, sobretudo os seus descendentes, que, dotados da experiência daquilo que se constitui num ato de repetição e de compromisso moral – a romaria – acabam assumindo o compromisso de dar continuidade e estabelecer a manutenção das práticas já cristalizadas na memória da família e/ou da comunidade. Nesse sentido, a fala de M.P.S. (2015) é relevante quando ela explica que, “[...] tinha Geraldão de cabeça dourada. Então, quando eu conheci, ele já fazia essa romaria aqui todo ano na Serra, de a pé. [...]. Então depois ele morreu aí a mulher dele não quis continuar aí me pediu se eu queria continuar, aí...! Eu continuei e até nesse ano, eu ainda quero, com a graça de Deus.” (M.P.S.,2015).

Cabe distinguir aqui, que, nem todos os romeiros se assumem como devotos ao passo que, nem todos os devotos se colocam como romeiros. Há grupos grandes e pequenos de romeiros assim como há romeiros que assumem esse perfil sem se inscreverem em qualquer grupo de romeiros. Estes preferem de forma mais solitária, cumprir anualmente o rito de deslocamento a pé ou de transporte veicular. Há outros que se inscrevem em um grupo mais numeroso, mas, se dizem apenas incentivados por amigos ou familiares, não tendo compromisso devocional a ser experimentado. Ser romeiro, portanto, não é condição para o exercício e o compromisso devocional. Os organizadores e líderes de grupos romeiros têm plena consciência desta realidade. Importante salientar que isto não compromete a coesão do grupo. Todos os passos da programação são seguidos por todos por já saberem do que é acordado pela organização do grupo.

Os romeiros [...] geralmente viajam em grupos formados por pessoas que se conhecem, vizinhos e parentes, de modo que a peregrinação estende para o espaço sagrado as relações que preexistem em suas comunidades de origem. (STEIL, 1996).

Quase sempre as romarias são lideradas por mulheres com algum envolvimento na vida religiosa da comunidade. Outras vezes, são coordenadas por casais, comumente agentes religiosos paroquiais. Os preparativos para concretização da programação quase sempre iniciam no primeiro trimestre do ano visando ajustar a logística do percurso a ser feito até o Santuário. Itens como a quantidade de alimentos já é devidamente calculado pelo grupo elegendo em seguida as pessoas que ficarão responsáveis pela cozinha durante a romaria. Veículos de apoio são colocados à disposição do grupo para assistência no trajeto. Veículo para transporte de suprimentos e bagagem também é colocado à disposição para transporte de barracas, fogões, e toda a estrutura material que o grupo necessitar. Com as facilidades dos tempos atuais, muitos grupos encontrando formas de facilitar a vida durante a longa travessia levam botijões a gás, geradores de energia, freezer para acomodar alimentos e bebidas e pequeno tanques com água para uso diário do grupo.

As novas possibilidades de certo conforto ou comodidade deixaram para trás o uso da lamparina a óleo de mamona ou de querosene, assim como as antigas bruacas que perderam espaço para as bolsas modernas acolchoadas e com zíper. Os colchões artesanais cederam lugar para os colchonetes e boa parte da bebida quente degustada durante o trajeto, como é comum no sertão, sobretudo em noites frias, foi substituída pela bebida gelada. “Porque quando nós começamos a gente tinha que levar a candeia, comprar o querosene levar as candeias, que faz aquele pavio né, e molha. Então era isso que *nós usava* na estrada né. E

hoje já tem o aladim, a gente já leva o Aladim²⁰”. (M.P.S., 2015). As vias que ligam ao distrito desde a direção leste sempre se tornaram cenário importante no contexto da festa por ser via de passagem obrigatória à maioria dos romeiros que para ali se deslocam de carro de boi, a cavalo, a pé, enfim, muita gente se ajeitando em pousos nas margens ao longo da estrada

Muitas foram as transformações ocorridas no cotidiano das romarias ao longo da estrada romeira que liga as populações do braço direito do rio São Francisco e saem em direção à Serra das Araras

O carro de boi foi substituído pelo veículo automotor, cabendo para os dias atuais a adaptação do velho carro artesanal de madeiras com rodas de pneu emborrachado. Algumas comunidades mais próximas ainda ousam, nos dias atuais, fazerem o trajeto em caravanas de carro de boi (carroção adaptado com rodas de caminhão), como forma de manter a tradição dos pais e avós que no passado, assim se organizavam em romaria até o distrito de Serra das Araras.

2.5.1 Tradição alimentar nas romarias de Santo Antônio

A alimentação e o modo alimentar sempre se apresentaram como fortes expressividades da cultura do povo sertanejo. Embora a cultura alimentar reserve estimada relevância à tradição de um povo, ainda sim, esta temática tem sido pouco contemplada como referência de pesquisa. As práticas diversas, os hábitos e o que se alimenta tem tornado objeto de pesquisa de alguns poucos pesquisadores somente.

Nesta subseção o objetivo é apresentar a cultura alimentar como parte das festividades religiosas. No sertão não há festa sem comida. A comida é parte do festar de um

²⁰ Aladim é um tipo de lâmpada ou lamparina antiga acesa com um fio de algodão embebido em óleo de mamona, azeite ou querosene. Na atualidade o aladim se tornou bem mais uma peça de ornamentação.



FIGURA 07- Fogão a lenha, improvisado.



FIGURA 08- Conzinha dos romeiros.

grupo de pessoas em quaisquer ocasiões. Ela possibilita a aproximação, a coesão e as brincadeiras entre o grupo. Não se concebe no sertão do São Francisco festa religiosa sem comida, sem biscoito peta, sem biscoito ginete, sem bolo de fubá, sem paçoca de carne seca (ou carne de sol). Portanto, falar na cultura alimentar no contexto da festa de Santo Antônio é falar de uma forte expressão simbólica, dentro do rito romeiro.

A culinária sertaneja também faz parte do contexto de comemorações devocionais de Santo Antônio. Esta prática acompanha os romeiros em toda a sua trajetória de ida e volta e de permanência na festa devocional.

Muitos romeiros ainda conservam modos antigos de preparar e fazer os alimentos. Os dias que antecedem a saída para a festa de Santo Antônio, famílias inteiras preparam o forno para assar bolos e biscoitos dos mais variados tipos e gostos para o consumo nos pousos e no acampamento estabelecido no distrito da Serra. “Durante este tempo partilham entre si os alimentos que são cozidos em fogões a lenha, improvisados na beira da estrada, nos acampamentos e nas rancharias”.(STEIL,1996,p.69).

A variedade de produtos utilizados na alimentação durante os festejos demonstra a maneira de os sertanejos se organizarem para as refeições e lanches, que, são sempre tomados coletivamente e em partilha entre si (membros de uma mesma família) e até mesmo entre vizinhos e amigos. Revelando a prática tradicional da mãe durante as romarias, E.P.N. (2015), diz: “mãe fazia aquele monte de biscoito, fazia paçoca socada no pilão que era a carne de gado seca e socada com farinha no pilão e vai dar uma paçoca. E nos pousos fazia arroz, [...]. E fazia café, fazia chá, Galinha. Fazia farofa de galinha também”. (2015).



FIGURA 09 - Cozinha ao ar livre no pouso.



FIGURA 10- Romeiro preparando frango.

O feijão é componente fundamental nas cozinhas romeiras por sustentar melhor e por combinar facilmente com outros alimentos como a farinha, o toucinho e outras variedades de carnes. Fazendo memória do cotidiano de uma romaria, Melo (2012) que, era “No tombar do sol, os pousos à beira das veredas, onde se armava a tenda da cozinha, levantando-se o *poiá*²¹ ou fincando forquilhas (...) em que logo se colocava a panela, de fundo preto, cascuda, o que era comum (...)”. (p.39). Muitos grupos de romeiros preferem fazer pouso no início da tarde quando o sol já está com temperatura mais elevada. Ali no pouso os homens armam o fogão e prepara a lenha para o cozimento dos alimentos. As mulheres preparam os alimentos que servirão à refeição do dia.



FIGURA 11- Cozinha improvisada.



FIGURA 12- Carne de sol secando para o almoço.

A carne seca é um dos principais alimentos dos romeiros. Tradicional na culinária sertaneja, a carne seca pela facilidade de armazenamento e de conservação é componente que, assim como a farinha, não pode faltar no prato dos romeiros, sobretudo porque podem ser

²¹ Poiá é um tipo de fogão improvisado pelos romeiros no qual se usa forquilhas de pau verde para sustentar as panelas acima das chamas de fogo.

transformados em paçoca de carne de sol. Este alimento pode ser armazenado e consumido durante dias. A farinha de mandioca, que tem transformação e uso a partir das práticas culinárias indígenas, tornou-se um dos principais alimentos do sertanejo. É comum encontrar nos sítios e fazendas da região as casas de farinha, lugar onde se prepara que levada ao forno é torrada e armazenada para consumo, troca ou para venda em feiras semanais.

Extraída da mandioca, a farinha juntamente com a goma, a tapioca e a puba se transformam em importantes alimentos da culinária regional. Daí se obtém uma variedade de biscoitos e bolos que podem ser consumidos durante todo o trajeto de ida e volta da romaria. O peixe seco com abóbora, preparado pelos romeiros e a rapadura também feita de forma artesanal são dois ingredientes característicos da culinária norte - mineira que tem o seu lugar no conjunto de suprimento alimentar nas travessias remeiras.

A cachaça, bebida brasileira que ganhou ao longo do tempo as mais variadas formas de fazer é item que não falta aos romeiros. A bebida é tradicionalmente partilhada entre os romeiros nos momentos de confraternização e descanso no pouso, ao longo da caminhada. Em noites frias a cachaça é consumida em maior quantidade por causar a sensação de aquecimento dando certo equilíbrio entre a temperatura corporal e o clima frio das noites sertanejas.

Outros produtos não alimentares, como o óleo de mamona que servia para acender o fogo e manter as lamparinas acesas, assim como o querosene deixaram de ser usados em função dos recursos modernos empregados no dia-a-dia dos romeiros.

III CAPÍTULO

ROMEIROS E DEVOTOS: GUARDIÕES DA MEMÓRIA RELIGIOSA

O que distingue o historiador da religião de um simples historiador é que ele lida com fatos que, embora históricos, revelam um comportamento que vai muito além dos comportamentos históricos do ser humano. (ELIADE, 1991, p.29).

Propomos para o quarto capítulo, analisar de forma mais detalhada, as características da festa de devoção a Santo Antônio, expondo acerca da relevância do ofício das rezadeiras e rezadores, os seus saberes adquiridos ao longo do tempo. Outra seção tratará da dinâmica do turismo religioso e a dimensão cultural da festa e da religiosidade no pequeno distrito. A variedade de imagens devocionais constituídas ao longo da festa e registradas durante a pesquisa, também serão analisadas no sentido de identificar e caracterizar o perfil imagético da festa e dos romeiros:

3.1 história, memória, saberes e ofício religioso

A região norte de Minas Gerais se apresenta enquanto um rico e deslumbrante mosaico de representações, sustentados no grande cenário da vida religiosa. As expressões da religiosidade popular, bem como o conjunto diversificado de saberes e ofícios praticados pela população sertaneja da região se diluem numa multiplicidade de práticas cotidianas extremamente enriquecedoras da cultura regional apresentando as caracterizações de um modo de vida que aprendeu a criar mecanismos de resistência em relação ao distanciamento imposto pela geografia e postulou o seu modo muito próprio de vivenciar a sua fé e celebrar a sua devoção. Situações assim, aparecem, por exemplo, na fala de devotos e devotas romeiros(as) como P.M.V., que, mesmo morando há cerca de cem quilômetros do Santuário

de Santo Antônio, nunca se intimidou ou desanimou com a distância, perfazendo anualmente a rota sagrada de forma destemida.

Eu peguei com ele, peguei calculo de fazer as coisas e sarei, falei agora quando eu sarei da cabeça mesmo e tava boazinha. Falei, João (*esposo*) *cê* não sabe de uma coisa, eu tenho que ir na serra de a pé levando as coisas na cabeça e ele falou, se vira! (risos) foi você quem fez a promessa! Pois eu fui, até a panelinha que eu tenho ela até hoje, é de ferro, é pesada. Eu pus na trouxa, levei uma coberta com forro e um forro de plástico... e fui com a roupa do corpo, não levei roupa pra trocar. Levei café levei rapadura... levei rapadura, levei tudo! Ai ajuntei *um cado* de gente. Ai, um disse, eu vou! Outro disse, eu vou! A gente *ajuntou* aqui, era mais de dez pessoas. (P.M.V., 2015).

Aos 85 anos e com mais de 50 anos de rotina anual em romaria para a Serra das Araras, P.M.V. (2015) é grande influenciadora das gerações sucessórias da família. Conta com alegria as experiências da longa trajetória de romeira e das memórias dos avós, ainda romeiros e comerciantes, além dos seus pais que também eram devotos de Santo Antônio e sempre se deslocavam para a Serra no período da festa devocional dedicada ao santo Luso-brasileiro.

Nesse extenso sertão onde o espírito coletivo faz muito sentido, (as pessoas aprenderam a fabricar seus próprios instrumentos de trabalho e de festa utilizando-se dos recursos materiais mais próximos) as pessoas aprenderam a tratar as doenças comuns utilizando-se da ervaria natural da região e/ou levá-las e apresentar ao Santo, confiando na recepção a ser dada pelo taumaturgo, criando assim, uma relação de compromisso que deverá ser cumprida ciclicamente pelo devoto. O meio natural transformou-se em escola de saberes e fazeres para muitos que se tornaram mestres de importantes ofícios para o dia-a-dia no sertão. A observação, a obediência e a herança acabaram por produzir, a partir do seio familiar, no modo de vida norte mineiro, verdadeiros guardiões dos saberes e da memória nas diversas comunidades que compõem a região. Assim, muitas senhoras se tornaram parteiras, benzedeiras e rezadeiras. Donas, portanto, de um conjunto de conhecimentos acumulados ao longo da vida. Quase sempre estes conhecimentos foram herdados dos pais ou dos avós, quando não, dos vizinhos.

Referindo-se à orientação paterna para curar um mal no seio, e guiar-se pela fé e devoção a Santo Antônio, P.M.V., recorda que, quando amamentava, disse ela,

Esse peito ficou *pra qui* assim...! E veio a furo, *rebentou*, mas antes de arrebentar e eu fui lá (*na cidade*) pra ver se arrumava um remédio, chegou lá papai tava lá. Falou, minha filha! não mexe com isso não! doutor vai cortar o peito seu...! *Cê* vai morrer, volte e põem *pacho* nesse peito que *Cê* sara! E foi o que aconteceu né! Mas nisso, eu levei Tony (o filho) pra consultar. *Nós ficou* na casa de um velho que ele chamava até, Adão (...). E *nós ficou* lá, porque papai tava lá né! Ai! ele falou, olhe minha filha

não leva esse menino mais no doutor não! Cê volta e rapa uma goiaba do lado que o sol sai e todo dia você enche a mãozinha dele de rapa de goiaba e põem numa água e põem pra serenar de madrugada. Cê levanta, cõa a água e adoça e dá ele. Ele chama é Antonio? Eu falei, é! Pois é !santo Antonio vai ajudar ele, que ele nunca mais sofre essa doença. Pois foi o remédio! Então ele me ensinou o remédio já pegando com santo Antônio e eu mais com fê fiquei né! [...] ele nunca sofreu mais. Ele nunca soube, nunca contei ele por isso. [...] Eu falei, pois se santo Antonio ajudar que ele não sofre mais nunca, é pra ele vim na serra todo ano e *rezá* uma ladainha meio dia, e soltar meia dúzia de foguete! ... Ele nunca sofreu mais! (P.M.V., 2015).

Esta experiência passada de pai para filha se estendeu ao neto através da mãe, que repassou ao filho, Antônio, o compromisso de estar no Santuário, anualmente para rezar a ladainha e dar vivas a Santo Antônio, sempre ao meio dia do dia 13 de junho. Compromisso que foi tomado e é cumprido com muita seriedade devocional pelo romeiro. Conforme afirma A.M.V., como é conhecido na região, a promessa que sua mãe fizera e o incentivo do pai para ir à Serra prestar culto, o levou a responsabilizar-se pela continuidade devocional. Explica o devoto que, quanto à devoção, quando,

Eu era pequeno ainda e mãe fez uma promessa pra mim, pra Santo Antonio, mas eu era bem pequeno, que eu ainda não guentava ir, na serra assim pra ter aquela *divução* mesmo né! Ai quando eu cresci mais um pouco ai pai “*pegou*” pagando a passagem *pra mim* ir, quando inteirou uns cinco anos que eu ia, ai eu tomei aquilo, [...] pra mim ... a caminhada minha era aquela, então peguei indo, visitar Santo Antonio, trabalhava, ficava preocupado pra arranjar dinheiro pra mim ir, mas naquele mesmo instante eu ajeitava *facim*. Santo Antonio me dava aquela força que eu ia, e ajeitava Ai, [...] eu saía daqui de pé pra ir na jibóia (comunidade próximo) fui 18 anos pegando carro pra ir, [...] que ia era de pau de arara. Pra começo de viagem de serra ia de a cavalo, ia de pé..! Mãe mesmo já foi dois anos de acavalo e foi um ano de pé. E eu, só ia de caminhão de pau de arara. (A.M.V., 2015).

O ofício de romeiro devoto de Santo Antônio é para Antônio um compromisso que mudou a sua vida. É um ato dotado de grande responsabilidade e deve ser cumprido conforme combinado, nesse caso, pelos pais, com os pais e com o santo devocionado. Assim, apreender os pequenos ofícios de um devoto, não constitui dificuldades porque é, antes de tudo, um compromisso que deve ultrapassar as limitações impostas ou as motivações negativas que possam surgir, sejam elas econômicas ou físicas. Para este devoto, tudo é possível para quem exerce a prática devocional a Santo Antônio.

Se senhor Santo Antonio me ajudar, vai *interar* 55 anos que eu vou! É! 55, mas a *divução* minha com Santo Antonio eu vou contar pro senhor aqui é! É assim! Eu saio daqui, com a roupa que eu saio daqui eu visito o Santo! Assisto uma missa, depois é que eu tiro a roupa, tomo banho e troco de roupa [...]. (A.M.V., 2015).

Está explícita nesta fala, a referência à tradição de ao chegar ao Santuário, primeiro ato é visitar o Santo, cumprir os ritos iniciais de agradecimento e sentir-se

recepcionado pelo taumaturgo. Tudo o mais, deve ficar para o momento posterior. A vontade própria torna-se secundária nessa relação devocional. É preciso fazer a vontade ou cumprir o compromisso com o santo e, só posteriormente se entregar aos momentos devocionais da festa.



FIGURA 13- Romeira relembando a jornada.



FIGURA 14- Romeiro cumprindo votos.

Na figura treze, a romeira faz memória de quando se deslocou à Serra das Araras à pé, como romeira para pagar promessa em favor de seu filho, A. M. V. (figura 14). Lembra ela da trouxa de panos que levou nas costas para se proteger do frio durante os dias de caminhada até ao Santuário de Santo Antônio. Na figura catorze, A. M. V. se ajoelha no Santuário, diante de Santo Antônio para rezar a Ladainha junto com a sua esposa que o ajuda lendo as preces. Ao deixar o Santuário, o devoto dá vivas a Santo Antônio com tiros de foguete, assim como orientara o seu pai, ainda quando começava a fazer as suas primeiras visitas devocionais. Exatamente ao meio dia este ato se repete há mais de 50 anos.

Estas e outras práticas já são parte integrante de jovens romeiros que compõem a família de verve devocional, já atingindo a sexta geração que, de ano em ano, repete os saberes e ofícios que lhes são repassados como herança de fé e devoção a Santo Antônio, sem imposição e sem escola. É o aprendizado natural que só pode ser reelaborado a partir dos laços de partilha e de confiança gerados na coletividade, sobretudo familiar.

Estrutura básicas das gerações de romeiros na festa de Santo Antônio no distrito de Serra das Araras em Chapada Gaúcha/ MG²².

²² As datas sugeridas representam apenas uma aproximação básica entre as gerações familiares, considerando que há jovens e adolescentes que acompanham as famílias durante a romaria.

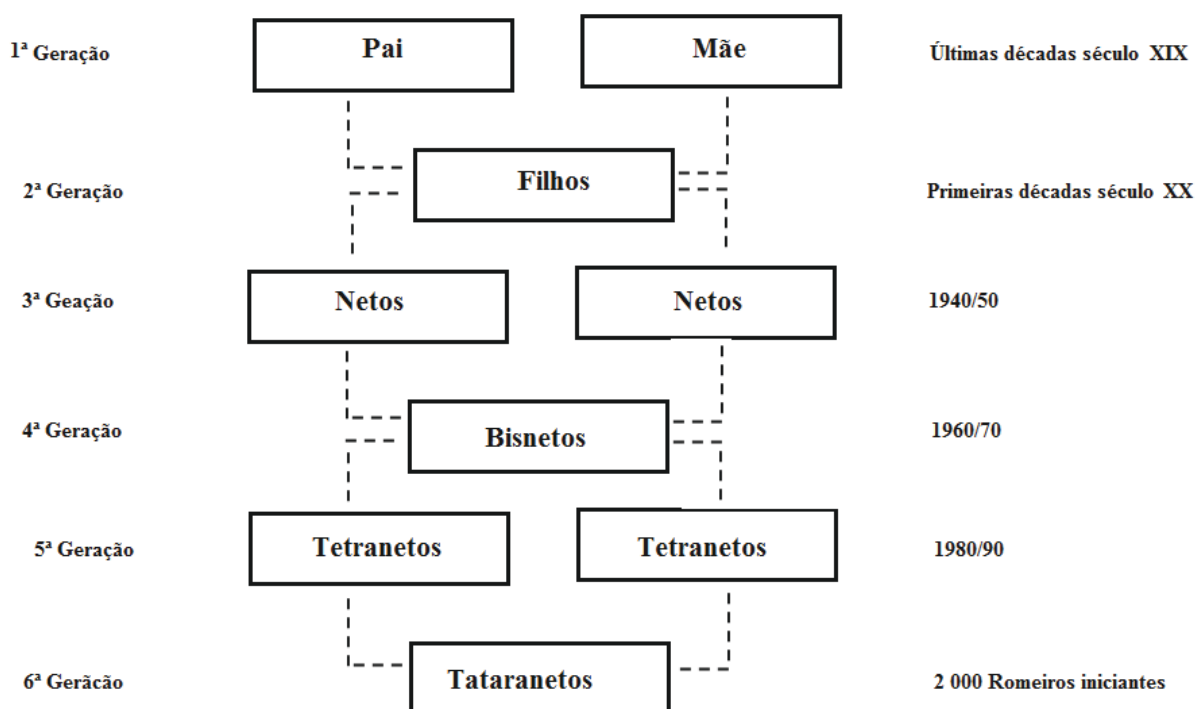


FIGURA 15 - Estrutura das gerações familiares envolvidas na festa desde o século XIX.

Outros aprenderam repetir com sutileza e a ressignificar na prática, os mais variados ritos devocionais, ladainhas e orações na lida diária das celebrações e do ciclo religioso celebrativo e festivo do catolicismo. Esta prática herdada pode ser considerada, conforme Alexandre Parafita, como tradição oral, ou seja:

É a transmissão de saberes feita oralmente, pelo povo, de geração em geração, (...), de pais para filhos ou de avós para netos. Estes saberes tanto podem ser os usos e costumes da comunidade, como podem ser os contos populares, as lendas, os mitos, e muitos outros textos que o povo guarda na memória (provérbios, orações, lengalengas, advinhas, cançãoeiros, romanceiros, etc.). Também são conhecidos como patrimônio oral ou patrimônio imaterial. Através deles cada povo marca a sua diferença e encontra-se com as suas raízes, isto é, revela e assume a sua identidade cultural. (2015, s/p).

Caracteristicamente, estes saberes não são descritos ou lidos, mas memorizados e repetidos por aqueles que se tornaram referência importante na re-atualização da vida da comunidade. “Nesse sentido, a memória constitui elemento de significativa importância” (FUNES, 1996, p.468) na visitação do passado que compõe e fortalece a tradição da comunidade aprofundando não só o sentimento de pertença sobre determinado bem ou saber, mas também fortalecendo os laços afetivos e, portanto identitários. Pode-se inferir, portanto que este conhecimento adquirido constitui a: “História que está presente na memória dos mais velhos, bons narradores da saga de seus antepassados, que permitem resgatar um passado nem

sempre revelado nos documentos escritos. Uma memória que é referencial ao mesmo tempo de ancestralidade e de identidade”. (FUNES. In: J.C. Reis, 1996, p.467 –),



FIGURA 16 - Missa campal.



FIGURA 17- Romeira rezando o terço.

O saber relacionado às práticas religiosas demanda anos de observação e repetição de ritos que envolvem a comunidade. É comum ouvir de muitos devotos a referência aos avós ou aos pais quanto ao aprendizado das práticas devocionais, rezas, cânticos, ritos, contos e outras experiências e conhecimentos que tornam importante ofício no conjunto de bens que poderíamos chamar de patrimônio cultural dado no campo da oralidade, portanto, pela tradição e pela herança, sobretudo familiar. “A primeira vez que eu fui foi com meu pai.[...].Depois disso foi que veio minha fé em Santo Antônio”.(P.M.V.,2015). A afirmação da devota indica a importância da referência paterna ou materna na manutenção da tradição devocional incentivada e/ou apreendida, como diz A.C.S.: “Eu tenho a devoção em Santo Antônio, mas o que eu sei, aprendi com aquelas mais velhas. [...].como Maria Nova, a velha cega que tinha aqui... mas aquela *veia* fazia milagre, até! Viu![...] De *divucação*, de oração de Santo Antônio ela sabia tudo.” (2015). O respeito e a consideração aos mais velhos, como é comum de se dizer no sertão, faz com que a nova geração deposite toda a confiança naquilo que os mais velhos possuem de conhecimento, já reelaborado e editado pelos anos de vida. Este conhecimento herdado pela via da oralidade torna-se, em muitos casos, patrimônio cultural gerado e sustentado no seio familiar.

As práticas religiosas também possuem os seus mestres, profundos conhecedores dos ritos, dos sentidos e da eficácia dos mesmos numa sociedade que partilha de forma profundamente coletiva, sentimentos, práticas e símbolos de fé. Nesse sentido, as orações, as ladainhas, ritos de benção e de partejar, incelenças, orações em latim rústico (apreendido de ouvido), enfim, constituem importante conjunto patrimonial que assegura tradição e identidade a uma comunidade.

Para que uma tradição permaneça é preciso transmiti-la, e a figura dos mestres é fundamental nesse processo. A transmissão pode ocorrer de várias formas, mas a transmissão oral é fator principal para a manutenção de muitas tradições presentes no Brasil e em Minas Gerais, (...) (INSTITUTO ESTADUAL DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS, 2014 ,p.47).

No caso da festa de santo Antônio a permanência da tradição, ou de detalhes que nos remetem a uma compreensão elementar da mesma é registro que só pode ser visitado através dos mestres e mestras rezadores e rezadeiras que pela extensão da memória, nos traz o passado através dos seus relatos e inquietações fazendo-nos mergulhar na história da tradição devocional de santo Antônio em Serra das Araras. Tradição que se torna patrimônio a referenciar as práticas da cultura religiosa da comunidade.

Em complemento à noção de patrimônio material, o patrimônio imaterial compreende o conjunto dos saberes, fazeres, lugares, conhecimentos, sonoridades e práticas culturais de referência para uma comunidade. Resumindo, bens cujo valor não reside essencialmente em sua materialidade, mas no processo, nas formas de sua constituição e no valor atribuído por uma comunidade às suas expressões e aos sentidos que ela pode gerar para compreensão da cultura. (LACERDA, et. al. ,2015,p.21).

Lacerda (2015) destaca a força das representações daquilo que pela sua relevância numa comunidade, dá sentido à vida e colabora na formação cultural e na tradição de determinado grupo que na sua forma mais singela de permanência, estabelece a manutenção das suas praticas como forma de repetir inovando, o passado como lugar de memória ancestral.

A identidade cultural religiosa de determinado grupo expressa-se por meio daquilo que se reconhece enquanto patrimônio, qual seja o conjunto de práticas, expressões e saberes que podem ser identificados.

Os pressupostos de identidade e referencialidade deram a tônica aos processos de patrimônio, sobretudo àqueles que se referiam ao patrimônio imaterial. As ênfases que caracterizam os momentos destacados estão diretamente relacionadas às duas principais classes de patrimonialização cultural: cultura material e cultura imaterial. (...) há pressões sociais para reconhecimento da produção cultural popular e de marcos referenciais (...) a compreensão de aspectos relacionados à imaterialidade da cultura patrimonial só se oficializa, de fato, no século XXI. (...) É um momento de incorporação à noção de patrimônio histórico de aspectos processuais da cultura, como saberes e fazeres, componentes da cultura popular brasileira em sua diversidade. (LACERDA; et. al.,2015,p.13).

A identidade e a tradição da população de Serra das Araras e das comunidades, vilas e povoados envolvidas com festa de Santo Antônio se expressam das mais variadas formas e os saberes aí constituídos são parte fundamental da vida cotidiana. Nesse sentido a religiosidade se destaca enquanto um campo cultural capaz de agregar grande diversidade de

conhecimentos e práticas coletivas que se tornam rituais quando da esperada repetição inovada durante o ciclo da devoção antonina. Para Maria Ângela Vilhena, (2015), “As práticas rituais veiculam conhecimentos, valores, crenças, princípios comportamentais importantes para que o grupo ou sociedade não entrem em processos de desagregação”. (p.515).

A trezena de santo Antônio, por exemplo, se tornou uma das mais importantes expressões da festa religiosa. Alguns devotos conseguem rezá-la em latim (rústico) ou latim apreendido de ouvido com os pais, avós ou com padres missionários que estiveram por algum tempo na localidade, em épocas anteriores.

O trabalho com a memória justifica a nossa abordagem, por considerar que, conforme Halbwachs (1990, p.72):

A memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais eles é composta. Não é por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que ela esquece uma quantidade tão grande de acontecimento e de antigas figuras. É porque os grupos que dela guardavam lembranças desaparecera. (p.58).

A memória então estabelece uma ponte entre o passado e o presente de forma a dar sentido na continuidade da tradição vivida pela comunidade e dando solidez aos laços sagrados capazes de unir o homem à vida local.

Os vários personagens, agentes da vida religiosa de Serra das Araras, compõem o que poderíamos chamar de uma biblioteca mental da comunidade por assegurarem para a posteridade muitas histórias e memórias da tradicional festa de Santo Antônio. Estas memórias se alargam no cotidiano da localidade girando sempre em torno do ciclo festivo antonino na memória das feiras e do diversificado comércio, dos casamentos festivos que hoje já não são mais referência e nem constituem de forma direta a providência a ser colocada sob a responsabilidade de Santo Antônio.

A memória exerce um papel considerável na manutenção das relações culturais religiosas da festa de Santo Antônio, pois, ela permite a reedição das diversas práticas que compõem o tecido estruturado da festa porque conserva a história de vida dos agentes devotos que por sua vez, recorrem imediatamente ao passado vivido na comunidade para atualizar a sua história devocional inovando a cada ano cada detalhe do rito devocional. Se na Idade Média, como afirma Le Goff, (1990, p.390, Unicamp) a memória fundava-se bem mais na oralidade que propriamente na escrita, para além do tempo histórico e sedimentado na tradição do povo sertanejo, a memória persiste como um importante elo condutor da história

de vida e da adesão de devotos e romeiros na festa de Santo Antônio em Serra das Araras. As especificidades culturais e regionais não nos permitem fazer, por vezes, qualquer analogia com clássicas proposições ou outras tipologias classificatórias, sob pena de fazer leituras equivocadas e fora da realidade norte-mineira. Porém, nos permite visualizar de um ponto relativamente privilegiado, o processo histórico e as rupturas ou transgressões possíveis nesse espaço de contradições e resistências.

Nesse sentido, a festa de Santo Antônio constitui enquanto um importante lugar de memória onde os devotos reafirmam a sua fé e renovam o seu encontro com o “santo vivo” depois de perfazer ritualmente a trilha centenária que conduz ao povoado, tanto quanto seus ancestrais o faziam. A memória torna-se assim,

um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, (...). A memória (...), é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo oral (...) que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1990.p.410).

Diferentemente do que postulam alguns pesquisadores, a tradição oral não necessariamente deve conduzir ao processo da escrita, “porque lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela.”. Este comprometimento reafirma então, a “herança de conhecimentos, (...), pacientemente transmitidos de boca a ouvido. (...). Essa herança ainda não se perdeu” e no sertão, “reside na memória da última geração” depositária, portanto, dos saberes e do ofício costumeiros, dos devotos de Santo Antônio. (BRITO, 2013, p.486).

Diante da importância da relação entre a oralidade e a memória como elementos constitutivos do patrimônio local, Brito,(2013) afirma ainda que:

A oralidade transmite ao mesmo tempo o patrimônio cultural de uma geração para outra dentro de determinado grupo e constitui novas formas de solidariedade, de saberes e de fazeres. Por ela, as práticas e normas são reproduzidas ao longo das gerações, e ao mesmo tempo os costumes lentamente diversificados. (p.495).

É assim que muitas famílias asseguram a tradição devocional a santo Antônio e as romarias ao distrito de Serra das Araras. Comumente citam os pais e/ou avós quando tratam da herança romeira de mais de um século de existência. P.M.V. (2015), assinala para um forte laço de herança na medida em que cita as gerações familiares no processo devocional. Para esta romeira de mais de 50 anos de romaria e, portanto de devoção a Santo Antônio.

Entre esses povos, sempre foi mais importante preservar e transmitir o saber/fazer e os conhecimentos necessários para produzir o objeto, do que conservar ou colecionar o objeto em si. Deste modo, as pessoas que detêm o conhecimento, preservam e transmitem as tradições e são mais importantes do que as coisas que corporificam essas tradições. Por exemplo: um prédio parcialmente destruído, (...), pode ser reconstruído (...). Já o patrimônio imaterial, constituído de conhecimentos de pessoas, pode desaparecer completamente caso não haja a transmissão e/ou o registro desse conhecimento. (UNICEF, Brasília: REGADAS, 2006, p.13).

Quando perguntados sobre a ancestralidade e sobre a sucessão das práticas religiosas devocionais, os romeiros são enfáticos em citar os avós, os pais, os filhos e em muitos casos, os netos e bisnetos. Muitos agrupamentos de romeiros já se encontram na sexta geração de caminhada devocional dedicada a Santo Antônio. Todos fazem questão de afirmar a importância da influência dos pais e a necessidade e preocupação em passar a liderança de sucessão da romaria para os filhos e netos. Famílias inteiras se organizam todos os anos para continuarem a jornada feita antes por membros da família, mantendo assim, a tradição e reificando a memória dos seus antepassados.

3.2 travessias de fé: imagens devocionais no sertão

O cruzamento entre a imagem fotográfica e a história se dá a partir do estatuto técnico das fotografias e seus sentidos de autenticidade e prova, que as transformam em testemunhas oculares de fatos. [...]. A evidência histórica e a imagem são constituídas por investimentos de sentido, e a fotografia pode ser um indício ou documento para se produzir história; [...]. (MAUAD; LOPES, 2012).

O respeito do devoto para com o compromisso dos seus antepassados os impele a seguir os ritos da devoção à Santo Antônio de forma que um simples devoto torna-se um cumpridor dos deveres da fé, um herdeiro “natural” de uma trajetória peregrina de décadas e em muitos casos de mais de um século de tradição. Tradição que quer persistir sob os auspícios devocionais daqueles que não temem a longa travessia e desafiam as vias sacralizadas do sertão para celebrarem o grande encontro com o “santo vivo” que os espera

todos os anos no instalado Santuário de Serra das Araras e por extensão, no cume da Serra, espaço já sacramentado na memória dos devotos.

Nesse contexto, as imagens constituem em importantes documentos de leitura de um fato, de um objeto, de um evento, de um lugar; enfim, são capazes de nos auxiliar na interpretação da história pelos detalhes que assegura enquanto documento, possibilitando-nos compreender a força e o significado de objetos e lugares, nesse caso, fundamentais ao entendimento das expressões devocionais no contexto da festa de Santo Antônio.



FIGURA 18 - Romeira em momento de oração e conversa com o santo.



FIGURA19 - Símbolos devocionais: pão e imagem de Santo Antonio.

Para Vovelle (1991) o uso de imagens numa análise investigativa constitui numa investigação mais elaborada. Nesse caso, “Essas tentativas [...] de uma abordagem à procura de suas técnicas conduzem cada vez mais, nos últimos anos, à busca de uma semiologia apropriada à iconografia histórica. (p.69). O uso de imagem iconográfica em trabalhos de pesquisa é algo recente, mas, capaz de nos auxiliar na interpretação de um determinado objeto na medida em que ela se torna portadora de sentido no contexto em estão inseridas. Importante salientar, que “o documento figurativo mantém seu lugar ao lado dos documentos oral e escrito”. (p.68). Este conjunto tipológico documental pode tornar mais rico em informações o conteúdo proposto para análise.

A valorização e profundidade interpretativa de práticas fundadas e vivenciadas no campo religioso podem e devem ser buscadas pelo pesquisador da religião, considerando os métodos apropriados e a trajetória histórica da fotografia como documento monumento²³. “A história deixou de ser definida pelo surgimento da escrita linear e ampliou seus sentidos para compreender que os olhos que vêem registram em imagens suas experiências visuais”.(MAUAD;LOPES,2012, p.264). Esse visual se torna fonte de informação por conter um conjunto diverso de informações sociais e culturais podendo se estender à interpretação a partir de vários campos do saber.

A representação fotográfica teve o seu sentido ampliado ao longo do século XX, sobretudo na a partir da segunda metade deste século. Autores como, Sabine Kriebel(2007), Walter Benjamim(2008), Roland Barthes(1990), se colocam como grandes definidores do uso da imagem iconográfica,a fotografia a partir de uma abordagem crítica e histórica pelo lugar que a mesma assume na história de vida das pessoas.(MAUAD;LOPES,2012).

“No Brasil as reflexões sobre a fotografia tem um caráter interdisciplinar”.(p.267) O seu uso se amplia em vários tipos de trabalhos de representação crítica da imagem ligada ou não a alguma ideologia de estado ou em trabalhos de pesquisa interdisciplinar, sobretudo, através da produção de teses e dissertações, possibilitando ultrapassar a representação meramente ilustrativa do objeto em questão²⁴.

No contexto tal qual se refere, a imagem religiosa²⁵ tem sido amplamente explorada nos tempos atuais. “Quase todos fazem uso diário de fotografia, seja como ilustrações, auxílios à memória ou como substitutos de objetos descritivos através dela”.

²³ Cf. LE GOFF, 1985; Cf. VOVELLE, 1991.

²⁴ Cf.: MAUAD; LOPES, 2013; Cf.: VOVELLE, 1991.

²⁵ Em face da possibilidade de uma afirmação das expressões: imagem política, imagem cultural, imagem liberal, etc. fazem aqui, referência à imagem religiosa ou devocional como forma de se referir e conseqüentemente, comunicar com o leitor, através das mesmas.

(GASKEL, 1992). Desde arquivos familiares, jornalísticos, turísticos ou até mesmo através de pesquisas teórica e metodologicamente mais elaboradas, busca-se na atualidade comunicar com lugares, expressões, enfim, aquilo que pode constituir a cultura material de um bem ou lugar²⁶.

Abrindo mão de técnicas específicas tal qual se podem referenciar com certo rigor o uso da fotografia, mas sim de forma livre e aleatória conforme o objeto e o que a ele está correlacionado, apresentamos nesta sessão do texto aquilo que constitui como um referencial importante no campo religioso, na medida em que pode apresentar ao leitor enquanto um aspecto facilitador de interpretação do objeto de pesquisa aqui apresentado, em íntima conexão com o texto escrito e apresentando elementos específicos do lugar social em que a tradição religiosa e as práticas devocionais na festa de Santo Antônio, se assentam. Neste caso, a fotografia se relaciona diretamente e profundamente com a história religiosa do distrito de Serra das Araras e mais ainda, com a história de vida e devoção de milhares de romeiros que encenam todos os anos, a paisagem simbólica, social e religiosa do sertão do São Francisco, recorrentemente nos meses de junho.

Para Vovelle (1991) num espaço de efervescência religiosa e de rica paisagem imagética, “se podem obter ricas informações quanto às formas de vida religiosa” podendo conseqüentemente, tratar o conteúdo imagético não mais enquanto uma imagem caricatural. (p.79). Nesse sentido o mosaico abaixo apresenta conteúdos variados que só fazem sentido no contexto da festa de Santo Antônio.

Ainda pela manhã, muitos romeiros em início de sua jornada, enfrentam a travessia do rio São Francisco. Esta jornada centenária, torna-se marcante para muitos devotos que, ao repetirem o trajeto anualmente, só reconhecem esse feito em honra dos pais e avós que por muitos anos desbravaram a mesma rota romeira à pé, em lombo de burro ou em carro de boi.

²⁶ Cf. GASKEL, 1991; Cf. MENESES, 2013; Cf. VOVELLE, 1991.



FIGURA 20- Romeiros em travessia do rio



FIGURA 21-Romeiros embarcando na balsa



FIGURA 22 - Grupo de romeiros em caminhada.

A estrada romeira é cheia de desafios. Mas não intimida os milhares de romeiros que a enfrentam destemidamente por cerca de 5 dias de caminhada.

São bem distintos os vários grupos de romeiros que deslocam para o Santuário na semana de festa devocional. Há grupos que seguem em comitiva montados a cavalos com carro guia levando suprimentos e barracas para a os dias de permanência no distrito.

Então eles iam a cavalo e o padre não ia só. Quando ia essas montarias o padre ia, e ia aquela quantidade de gente acompanhando o padre De lá do lugarejo vinha também uma porção de cavaleiros encontrar com o padre aqui pela (estrada).(A.H.M.V., 2015), (grifo nosso).

Há grupos formados por poucas pessoas, geralmente membros de uma mesma família que fazem paradas curtas ao longo da jornada e retornam rapidamente para casa , após cumprirem a promessa devida a Santo Antônio.



FIGURA 23 - Carro de boi: símbolo na romaria Antônio.



FIGURA 24 -Romeiros jovens cumprindo de Santo promessa.

É comum a existência de jovens envolvidos nas romarias. Muitos deles fazem votos que são cumpridos desde a saída do grupo até a chegada ao Santuário. Alguns seguem boa parte do trajeto, descalços, usando alguns paramentos ou vestidos com roupas confeccionadas especialmente para serem usadas durante o trajeto da romaria.



FIGURA 25- Comitiva de romeiros em procissão.



FIGURA 26 - Romeiros recebendo as bênçãos.



FIGURA 27 - Carro de boi em volta do Santuário.

Embora não sendo mais tão comum nos dias atuais, as comitivas de romeiros que usam o carro de boi ainda existem e, geralmente fazem parte de uma tradição familiar. Poucos grupos de romeiros têm utilizado o carro de boi para deslocamento até a localidade da festa. Alguns grupos de romeiros que moram mais distantes da localidade, conseguem transportar os carros de bois e os bois, que são armados e preparados somente para o ritual de chegada, dando as 3 voltas em torno do Santuário e para a procissão dos carreiros que, são recepcionados pelo público no largo do Santuário.



FIGURA 28 - Duas gerações de romeiros



FIGURA 29 - Chegada de romeiros ao Santuário

A tradicional festa de Santo Antônio constitui também como espaço encontro de gerações. Pequenos romeiros são colocados em peregrinação, por incentivo dos pais e aprendendo desde cedo a lidar com os ritos e símbolos da romaria.

A chegada dos romeiros necessariamente passa pelo rito das voltas em torno do Santuário. Conforme afirmam os romeiros de mais idade as 3 voltas representam a fé na Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo.

Já na chegada, os romeiros se preparam para a visitação ao Santuário. Muitos devotos preparam ritualmente o seu sacrifício para a entrada triunfal e o encontro com o santo vivo. Muitos se emocionam ao se depararem com Santo Antônio, ali, exposto para recepcioná-los e, em sinal de retidão se ajoelham e fazem, como muitos romeiros gostam de dizer, a entrega da sua caminhada ou agradecem ao santo pelas graças recebidas.



FIGURA 30 - Romeiros recepcionados por Santo Antonio.



FIGURA 31- Cumprimento de promessa.

Este se constitui num dos mais importantes momentos para os romeiros. A vida de participação na festa religiosa só se dá, depois da entrada no Santuário e da conversa interpessoal com Santo Antônio. Após a consolidação deste momento é que os romeiros, costumeiramente vão cuidar da sua rotina nos acampamentos para seguir a programação dos dias festivos de orações e práticas devocionais. Muitos ainda conservam o hábito de ir ao rio Catarina logo após a entrada no Santuário, para banharem e se num gesto ritual de purificação.



FIGURA 32 - Jovens cumprindo promessas para os pais.



FIGURA 33 - Encontro com o Santo da serra

Este é outro importante momento experienciado pelos devotos. O objetivo de muitos depois de chegar ao distrito é seguir a trilha romeira em direção ao monte sagrado da serra das Araras. Ali, de joelhos diante da capelinha, símbolo sagrado que dá proteção e

morada a Santo Antônio, os devotos consolidam a sua promessa cumprindo deus votos num ritual que quase sempre traz algum símbolo, o terço, velas, foguetes, bilhetes com mensagens de pedidos ou agradecimentos e imagens de santos devocionados em casa pela família. Estes podem ser levados até o cume sagrado da serra, morada de Santo Antônio, para consagração, sendo levados de volta para o altar familiar após cumprimento dos votos. A consagração estabelecida ali, por Santo Antônio, segundo afirmam os devotos, inovam as forças e restabelece a paz e a tranquilidade no lar.

As velas pela sua representação simbólica, ao serem acesas, servem para iluminar os caminhos de todos aqueles envolvidos no cumprimento da promessa. Há devotos que chegam a acender uma caixa inteira de velas na porta frontal da capelinha, depois de se dedicar a um momento de oração.

Voltar-se para o Santuário Dalí mesmo, do alto da serra é um gesto complementar que se concretiza com uma salva de três tiros de foguete em honra a Santo Antônio. Após dar viva pelo estouro dos foguetes os devotos se retiram em descida à íngreme e escorregadia serra.

A festa de santo Antônio possui as suas especificidades. O distrito é composto por uma população rural que desenvolve uma economia de subsistência pela força do trabalho na roça e pelo extrativismo vegetal. Não é comum, assim como acontece em Serra das Araras, o envolvimento de toda a população com os festejos. A semana de festa é o único período do ano em que a população consegue obter um recurso financeiro, além do cotidiano comercial de produtos nas feiras locais.

O aspecto dos casebres representa esse envolvimento. As casas já são planejadas com uma grande janela que fica fechada o ano inteiro, sendo aberta, em sentido vertical, somente nos dias de festa. A sala da casa se transforma em bar e/ou restaurante com a abertura da janela, que em muitos casos fica aberta por longos períodos, sendo fechadas somente na madrugada depois das comemorações noturnas da festa.

Os aspectos gerais apresentados nestas imagens correspondem à participação e envolvimento da população de Serra das Araras com a festa. Pode-se encontrar de tudo um pouco. Uma variedade de comidas e bebidas que ali são consumidos diariamente. Outros produtos como, banho quente, banho frio e camas são oferecidos ao público instalado no distrito durante os dias de festa.



FIGURA 34 - Venda de banho quente ou frio.



FIGURA 35 - Comercio somente durante a festa.



FIGURA 36- Moradia adaptada para comercio.



FIGURA 37- Comercio coberto com palhas de buriti.

O rio Santa Catarina²⁷ por exemplo, se configura como praia no sopé da serra das araras cortando a verde vegetação que compõe o cerrado local. Para ter acesso ao rio é preciso atravessar um pequeno e límpido curso de água que atravessa as bases firmes dos buritizais. Ali existe por força da natureza um extenso e raro conjunto de buritizais difícil de ser encontrado em outro local. Andando alguns metros chega-se ao Catarina. As suas margens ostentam rica vereda sobre uma vasta extensão de areia umedecida e de todo seu tortuoso curso protegido por elevadas rochas de vegetação rala, mas constante.

²⁷ O rio Santa Catarina é comumente chamado pelos habitantes da região de rio Catarina ou rio Catirina.



FIGURA 38 - Romeiros em busca do banho Sagrado.



FIGURA 39 - Romeiros no Rio Catarina.

O rio é um dos maiores símbolos para os devotos por que ali se dá a complementação de uma jornada de compromissos daqueles que se harmonizam com Santo Antônio. Os devotos romeiros têm o rio como símbolo de ostentação da fé e da devoção dizendo que, é exatamente ali, que se completa o primeiro dia de romaria.

Ao chegar ao Santuário, os devotos têm o seu primeiro contato com Santo Antônio através da imagem que fica exposta na entrada do Santuário. Ao agradecer ao Santo pelo cumprimento da longa e dura jornada os devotos seguem para o rio da Catarina aonde vão se lavar, tomar banho nas suas águas sagradas. Para muitos romeiros, o banho ou o contato com as águas desse rio é capaz de purificar o corpo de enfermidades e do peso da culpa ou de males comuns aos homens.



FIGURA 40 - Romeiros cumprindo o rito devocional no rio Catarina.

Diariamente milhares de devotos se deslocam para o rio. Não é difícil encontrar muitos senhores e senhoras de meia idade que lá se vão apenas para sentir de perto o frescor das águas desse rio. Muitos apenas molham os pés num gesto simbólico de contato de purificador.



FIGURA 41 - Comitiva de romeiros.



FIGURA 42 - Grupo reduzido de romeiros.

3.3 Cleros e devoto: a afirmação da religiosidade

Ta distante né! É só ele, o padre, é representante de Deus e eu sou ninguém. Não! se ele é um representante de Deus, [...], então ele tinha que ta onde estão os filhos dele. (M. T. F., 2015).

A religiosidade sertaneja é um misto de práticas infindáveis de sabedoria e de resistência que se concretizam no ciclo das comemorações devocionais em Serra das Araras durante os festejos dedicados a Santo Antônio. As transformações, porém, tornam-se inevitáveis. Ora a instituição católica impõe suas regras tentando dominar/domesticar os cristãos devotos, ora os devotos criam e recriam estratégias para assumir os laços de continuidade das suas práticas devocionais.

Como enfatiza G.J.M. a trezena foi modificada no seu ritmo. Não é mais realizada antes das missas. Foi incluída na celebração e somente acontece incorporada á missa. Aquele cuidado com isso de conservar [...]. A trezena mesmo, quando Padre Vicente chegava aqui

[...] ele ficava encantado com aquilo. Quando veio ai [...] uns *Padre mais novo*, ai a coisa mudou. Veio umas Freiras que já eram pessoas de outro costume né. (2015).

Essa atitude parece tirar a originalidade da oração da trezena e consequentemente tira também. A espontaneidade dos devotos que, antes estavam livres para, na sua autonomia de leigos, conduzirem pela própria experiência e sabedoria o rito da trezena. Devotos que há anos estavam acostumados à originalidade da reza e à condução do rito, ficaram submetidos ao rito romano.

Alguns devotos discordam com certa veemência da prática “imposta” e se afastam da igreja com certa mágoa. Porém, para a igreja torna-se mais prática a incorporação. Na realidade a trezena não é mais rezada. O discurso da incorporação desta à missa não passa de um imbróglio. A comunidade de devotos, embora guardando certo silêncio, prontamente apresenta as suas angústias quando perguntada sobre a mudança. A conveniência da Igreja tirou a espontaneidade dos devotos. O que se percebe é que o aprendizado de anos fora retirado do dia-a-dia dos devotos de Santo Antônio. A prática da religiosidade popular repetida a cada ano por M.F.S., T.F.R., G.J.M. e tantos outros, fora substituída pela celebração centralizada e fria do terço e da missa centrados na figura do padre e que nada dizem da vivência daquelas pessoas quando cumpridas de cima para baixo, sem a espontaneidade contagiante das formas populares de expressar e celebrar a vida pela fé, pela oração e pela devoção.

Enquanto o rito romano “duro” e “frio” apenas celebra parte a parte aquilo que está nos manuais católicos, não se assemelha ao fervor devocional dos milhares de cristãos que peregrinam com entusiasmo para um grande encontro com Santo Antônio.

Nesse sentido, não é difícil compreender porque o encontro com o santo é bem mais importante para o devoto romeiro. O Santo parece dar retorno fervoroso às causas do povo sofrido do sertão, que, numa linguagem simples consegue se comunicar com o Santo de Pádua tornado agora, um santo sertanejo.

Enquanto a igreja continua apresentando um cristo distante da realidade dessas pessoas elas se voltam para o santo vivo cumprindo todo um rito de devoção onde o santo ocupa um lugar especial. Para o devoto, não basta tê-lo num altar familiar em um canto especial da casa, na sala ou no quarto. É preciso cumprir o rito sacrificial, tocar no santo, se ajoelhar diante dele, dar a esmola como forma de agradecimento.

A linguagem do clero parece tão somente cumprir um rito numa repetição fria e cotidiana dos gestos sacrificiais que vem do alto e retornam para o além.



FIGURA 43- Devotos no interior do Santuário.



FIGURA 44 - Romeiros no rito de chegada.

A comunidade faz questão de reverenciar o Santo, tocar e agradecer-lo enquanto o cristo no centro do altar aguarda a aproximação que não acontece. Talvez o coloque muito acima e distante do povo simples e caminheiro que acompanha a romaria durante dias de sol a sol para a grande festa.

O que se percebe é que o rito romano encontra-se muito distante da linguagem e da vivência dos devotos do sertão. Os devotos são muito fervorosos durante a sua jornada romeira. Durante o percurso, festejam, contam causos, tocam viola, fazem churrasco, dançam, partilham tudo num só festar. Porém, ao chegarem ao distrito religioso, o formato “duro” do rito romano não consegue recepcioná-los bem nas suas mais variadas formas de expressão religiosa popular. “A presença dos benditos, devoções e promessas” práticas tão comuns no sertão do São Francisco ainda são acentuadamente rejeitadas pela instituição católica²⁸.

Perguntados sobre a importância da missa na vida de cada um logo respondem que a missa não diz respeito a eles. Em grande medida porque o clero não consegue falar “Na linguagem do povo, do romeiro né, porque a maioria dos romeiros aqui é gente humilde que mora nas redondezas, gente pobre...” _que, mesmo diante da distância e da inospitalidade desse sertão, “Vem pela fé! Aquela coisa assim, vou lá nos pés de Santo Antônio. Por isso! Mas a linguagem de quem tá lá é muito distante, é muito diferente. Tem que aprender a falar a língua do povo, pra o povo.”(M.T.F., 2015).

O encontro com o santo é o momento mais esperado pelo romeiro que, ao chegar no Santuário, primeiro reverencia a Santo Antônio. “È o encontro com santo Antonio. [...]. Nós viemos por causa de Santo Antonio, de nossa fé, [...], a gente vai à igreja, a gente reza, [...], dentro do nosso limite.” (M.T.F., 2015).

²⁸ Cf.: SOUZA, 2007, p44-45.



FIGURA 45- Devoção e clamor a Santo Antonio.

O santo parece estar sempre à espera dos seus admiradores que o saúdam, o tocam e o reverenciam de joelhos dobrados em sinal de submissão e devoção. Além de lhe entregar os dotes ou a esmola em forma de pequenos valores em dinheiro, animais e outros tipos de bens. Conversando o devoto, Zé do Burro²⁹ (2015) ele afirma que nos quase 20 anos de romaria ininterrupto, sempre trás a sua doação a Santo Antônio. Explica ele que a sua doação é feita em frango, que cuida o ano inteiro especialmente para Santo Antônio. Esta prática, afirma ele, já era comum com os seus avós, que repassaram o compromisso aos seus pais que, não podendo mais deslocar em romaria, o orientaria a assumir a missão que já era praticada pelo avô. Zé do Burro se responsabiliza pela manutenção da tradição. Alega ainda já ter doado um cavalo a Santo Antônio em ocasião anterior como gesto de agradecimento.

²⁹ Personagem “folclórico” no interior da festa, Zé do burro é um carroceiro que há cerca de 20 anos desloca da cidade de Campo Azul, viajando por cerca de oito a dez dias (ida e volta) de carroça para manter a tradição que começou com seus avós, passando pelos seus pais. Segundo o devoto, a missão foi herdada do pai que lhe designara o compromisso de continuar a promessa todos os anos, deslocando para a Serra das Araras.

Para STEIL(1996) A esmola está integrada no sistema de ritos do culto[...]. Os romeiros geralmente trazem uma certa quantia de dinheiro trocado na sua menor unidade,[...] para colocá-la aos pés das imagens dos santos[...]. Como o ato religioso, a esmola tem um sentido em si mesmo, enquanto estabelece em elo entre o doador e seu destinatário que remete sempre ao próprio Jesus, na medida em que este, no evangelho, se identifica com os pobres. (p.72).

A igreja ainda não conseguiu traduzir em suas práticas a vivência religiosa do povo do sertão. A linguagem por vezes adestradora da instituição ainda tem centrado suas ações no fazer do clero, centro dos ritos estabelecidos e que por vezes, tenta intervir de forma drástica, modificando aspectos importantes da tradição vivida pelos devotos de forma coletiva. “ O Padre conseguiu acabar com elas. O padre que veio pra ai derrubou um bocado das nossas tradições daqui”. (G.J.M., 2015).

Tornou-se comum ouvir de muitos devotos em várias comunidade do norte de Minas, casos de devassas patrimoniais impostas em nome da modernização de templos religiosos e da logística clerical. Cruzeiros perderam seu lugar historicamente sagrado por terem sido mudados de lugar ou substituídos por vontade alheia. Fachadas de capelas e igrejas sofreram intervenções sem nenhuma orientação técnica, histórica e artística ou até mesmo sem ouvir a comunidade portadora da memória do bem ou do lugar sagrado. Altares foram totalmente modificados sem considerar o espaço de memória da comunidade. Retábulos ricos em forma e arte cederam lugar a altares modernos contendo grandes cruzes ao fundo, fixadas na parede. É bem verdade, também, que muitos grupos religiosos foram cerceados do direito de entrar em igrejas por discordar muitas vezes da ação clerical. Muitos destes grupos ainda sofrem nos dias de hoje, intervenções que querem se colocar como soberanas diante de uma tradição e da vontade da coletividade.

Se, parte da “Igreja do sertão renasceu das cinzas e tomou novo vigor” entrando renovadamente na festa, por outro lado, “a insistência na radicalização e burocratização da fé levará cada vez mais os fiéis para longe da religião institucionalizada”, como assegura Souza,(2007).

Para este autor:

A Igreja tem um grande desafio, isto é, estabelecer uma postura dialogal que valorize a espiritualidade do povo. Faz-se necessário vencer a idéia de que o povo é sempre ‘ignorante’ e que o mesmo não tem uma postura crítica diante da fé. A Igreja deverá tomar consciência de que não vivemos mais na Idade Média e que as experiências democráticas amadureceram os homens e mulheres do nosso tempo. Torna-se necessária uma tomada de consciência de que a arrogância já não é mais a carta de apresentação no mundo pós-moderno. (SOUZA, 2007, p.207).

Nas palavras de Souza (2007) fica explícito o quanto a instituição precisa se confraternizar com os devotos, fiéis e romeiros. Pois geralmente “Padre, eles não aceitam palpite né, é só o deles né”. (G.J.M., 2015). De forma autônoma estes aprendem a dar sentido aos seus ritos de fé e devoção. Tem uma postura muitas vezes silenciosa, mas crítica diante da realidade que se lhes impõe. Criam mecanismos de resistência e fortalecem os laços afetivos da comunidade. Fogem das águas bentas do clero para se banhar nas águas sagradas do rio Catarina. Dá diretamente a sua esmola ao santo devocionado, ajoelha diante do santo e fala diretamente com Ele sem mediação sacerdotal, reza em latim rústico a trezena. Nós temos uma rezadeira que é a Dona Antônia. [...] Eu não sei como aprendeu, “[...] ela faz a frente e agente segue”(E.P.N. ,2015). Os rezadores são respeitados na comunidade enquanto guardiões de um saber que faz profundo sentido ali, naquele lugar. “é uma tradição que passa de pai pra filho né”. (G.J.M. ,2015). As novas gerações aderem aos ritos ditados por estes portadores da memória religiosa por querer estabelecer a manutenção de ofícios e saberes que se tornam heranças de fé.

3.3.1 Característica da programação da festa de Santo Antônio – 2015



Romaria no Santuário Diocesano de Santo Antônio - 2015
Distrito de Serra das Araras - Chapada Gaúcha - MG

FESTA DE SANTO ANTÔNIO

DIA 31/05/15 A 12/06/15

19:00h - Santa Missa com Trezena

04/06/15
19:00 - Santa Missa com Procissão do Santíssimo
07:00 - Santa Missa
19:00 - Santa Missa
07/06/15
07:00 - Santa Missa
19:00 - Santa Missa
10/06/15
07:00 - Angelus
08:30 - Santa missa
18:00 - Tríduo - Terço das Famílias
19:00 - Santa Missa
11/06/15
07:00 - Angelus
08:30 - Santa missa
18:00 - Tríduo - Pastoral Familiar
19:00 - Santa Missa
12/06/15
07:00 - Angelus
08:30 - Santa Missa com Batizados
14:00 - Casamentos
18:00 - Tríduo - Pastoral do Sagrado Coração de Jesus
19:00 - Santa Missa
13/06/15
07:00 - Angelus
08:30 - Santa Missa
14:00 - Batizados
18:00 - Procissão com Imagem do Padroeiro
19:00 - Santa Missa
14/06/15
06:00 - Missa de Despedida dos Romeiros a Santo Antônio

Realização: Conselho Paroquial
Santuário Diocesano de Santo Antônio de Serra das Araras

Apoio:

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

PMG - Comissão Municipal de Santuário Cultural de Chapada Gaúcha - MG

OBS:
*As confissões serão a partir do dia 08/06/15
*As cavalgadas serão dia 11/06/15 às 10:00h
E dia 12/06/15 das 10:00h até o meio dia.

FIGURA 46- Programação da festa de Santo Antônio – 2015.

Todos os anos são lançados como divulgação dois panfletos dos festejos de Santo Antônio. Um diz respeito à programação da festa em que os shows e outras performances tentam atrair um número maior de pessoas com o intuito de que esse público estabeleça também, uma relação de consumo no contexto da festa, diante da variedade de produtos e serviços que ali, são apresentados.

Outro panfleto tem o objetivo de divulgar a programação religiosa estabelecida pela Igreja. Nela constam dados de uma programação totalmente orientada e determinada pelo clero, embora haja reuniões com representantes da comunidade ou pastorais para consolidação da mesma.

No primeiro indicativo da programação – “Santa missa com trezena” – forjou-se a trezena no âmbito da missa. Os tradicionais rezadores já não ocupam o seu lugar, conforme esta programação, para a reza coletiva que sempre acontecia nos dias antecedentes ao dia de Santo Antônio. Observando os momentos que antecedem à missa, que era usado pelos devotos num gesto coletivo de orações e rezas bem mais espontâneas, percebe-se que foi substituído pelo “tríduo”. No meio popular, o tríduo é apenas uma expressão que os devotos não conseguem expressar ou significar, uma linguagem, portanto, bem distante daquilo a que os devotos estão acostumados. Embora mantendo certo silêncio, grande parte dos devotos não concorda com a retirada da trezena da programação, mas continuam participando de toda a programação. Alguns, com menor intensidade.

As adaptações da programação religiosa são acompanhadas normalmente, pelos devotos de mais idade ou pelos pagadores ou cumpridores de promessa pelo interesse mais próximo nas celebrações das missas e nas procissões ao longo da semana de festa devocional.

3.4 Inventariando a festa devocional: rito e ritual, bens materiais e imateriais, associados à festa devocional de Santo Antônio em Serra das Araras.

O breve inventário³⁰ aqui apresentado embora não constituindo num espaço de análise, a ausência de crítica formal, não diminui a relevância do mesmo, pois este, tem o objetivo de apresentar ao leitor parte dos elementos que compõem o objeto central desta tese. Esta sessão torna-se particularmente representativa, por possibilitar conhecer de forma mais detalhada elementos simbólicos, materiais e imateriais que compõem o universo simbólico de devotos e romeiros no contexto da festa de Santo Antônio em Serra das Araras/MG. Bens que se tornam patrimônio cultural religioso pela força da tradição devocional ali existente.

Verifica-se melhor, assim, a dialética necessária entre, de um lado, as operações de inventário ou de coleta e, de outro, as hipóteses fecundantes que lhes podem dar vida. Não há ruptura nesse nível, ao contrário, continuidade entre as análises [...] e as demais reflexões [...] como testemunho da mentalidade coletiva. (VOVELLE, 1991, p.81).

³⁰ O inventário de bens religiosos constitui numa importante identificação e descrição dos bens associados ao objeto de pesquisa. A busca por bens materiais e imateriais é uma experiência descrita por VOVILLE (1991) na sua jornada por comunidades distantes e em antigas povoações na França, como forma de reunir informações que pudessem dar pistas sobre a história de vida das comunidades e facilitar a interpretação da história.

A partir do que expões Vovelle, (1991), este breve inventário, portanto quer comunicar indicativos específicos de bens materiais e imateriais que comunicam uma história de devoção através da cultura material, do ofício e de saberes que dão sentido ao lugar – Serra das Araras.

3.4.1 A trezena:

Orações feitas em louvor a Santo Antônio. Prática iniciada por volta de 1617 em Bolonha na Itália quando uma senhora desejosa de ter filho recorreu ao santo de Pádua implorando a que ele atendesse a sua súplica. Aparecendo em sonho o santo a orientou a ir à capela durante nove terças-feiras seguidas para comungar.

Nascida, porém, a criança tinha os membros deformados. Tendo sido levada ao altar de Santo Antônio a mesma fora curada da deformidade. Persistiu assim, a novena de Santo Antônio. Porém, posteriormente, considerando a data da morte do Santo – 13 de junho de 1231 acrescentaram-se mais três terças-feiras como forma de fazer memória da morte do Santo.

Nos dias atuais, a trezena é rezada também, de forma coletiva iniciando-se no primeiro dia do mês de junho. No dia 13 de junho é rezada a última trezena com o encerramento da festa. “A gente começava no dia primeiro”. Por ordem do padre e por causa da quantidade de pessoas na festa “a gente começava uns dias antes, no dia 27 de maio para terminar antes do dia 13. Depois, a gente viu que a gente tem que começar dia primeiro pra terminar dia 13”. (G.J.M., 2015). Aqui, o que se percebe é a tentativa de conciliar o tradicional rito da trezena no contexto da festa. Porém, a quantidade de romeiros chegando ao Santuário e o espírito festivo do momento possibilitou mudança nos dias de oração. Não concordando com a proposição, os devotos assumem retornar as orações aos dias que tradicionalmente já era realizada.

3.4.2 *Ladainha:*

Prece litúrgica estruturada em frases curtas comumente remetidas a deus, a Jesus Cristo, a Nossa Senhora ou aos santos e santas como forma de lamento, invocações e respostas repetidas.

A ladainha é uma das mais populares formas de oração das comunidades sertanejas. “Tem um tom. É uma tradição que passa de pai pra filho né!” G.J.M. (2015). É ensinada pelos mais velhos às gerações seguintes. Estas apreendem de ouvidos podendo rezá-la em várias ocasiões.

Há também no sertão a prática comum, mas que cada vez mais vem perdendo a adesão de sucessores na sua manutenção. É a ladainha rezada em latim (rústico), também aprendido de ouvidos e que, com muito cuidado é guardada pelas quase sempre por rezadeiras. Estas orações geralmente são feitas em momentos de celebrações bem particulares de cada comunidade. Na festa de Santo Antônio em Serra das Araras, a ladainha é rezada ou cantada em latim durante a trezena de Santo Antônio pelas rezadeiras mais antigas da comunidade. Conforme atesta G.J.M. (2015) “A ladainha cantada, que é a que até hoje conserva ainda, a ladainha em latim [...], ela ta meio aportuguesada, meio misturada né. [...], essa é a que elas cantam” no Santuário no período da festa.

Para aqueles que se encontra em travessia romeira pela estrada, começa a rezar a trezena em casa, continua a reza pela estrada e encerra com a chegada ao Santuário. “Eu faço a trezena, mas eu começo aqui (em casa) dia primeiro. [...] eu vou à missa todo dia. Agora, dia 6 (em diante) eu já rezo no pouso” em função da romaria que sai no dia seis de junho para a Serra das Araras. (M.F.S., 2015)

3.4.3 *Responso:*

Em Latim significa resposta. Forma de oração em que se procura por objetos perdidos ou cura de enfermidades. O responsório de Santo Antônio tornou-se um dos mais famosos e conhecidos na cultura religiosa popular.

Tendo surgido ainda na Idade Média, foi muito praticado em Portugal se estendendo às regiões coloniais. No Brasil se difundiu por várias regiões sendo que, muitas das palavras “mágicas” ou dizeres são conhecimentos guardados por rezadores, rezadeiras e parteiras já de idade bem avançada, tornando assim, patrimônio religioso e grandemente enriquecedor da memória coletiva de muitas comunidades de devotos.

3.4.4 A imagem de Santo Antônio:

A imagem de Santo Antônio foi tombada pelo município de Chapada Gaúcha como Bem móvel, conforme decreto n.09/2001 – Lei municipal 0241 de 05 de abril de 2001.

Para muitos devotos a imagem verdadeira fica guardada na casa paroquial e, só é colocada no Santuário em dias de festa. Para outros, a imagem é buscada no monte sagrado e ao final da festa a imagem – o santo – é levado de volta ao seu lugar escolhido, a capelinha no topo da serra.

O certo é que, tudo a quilo que pode se constituir como uma fusão de história e mito na construção de um imaginário devocional em torno de um santo ou santa, tornou-se algo comum na vida dos devotos de Santo Antônio. Na medida em que o mito se confunde com a história isto se torna parte da história da vida de cada um devoto romeiro que vive a experiência de fé em Serra das araras.

Na memória de E.P.N. (2015), há a sustentação de uma verdadeira tradição contada. Como expressa ela:

Nossa....! de ouvi assim o aparecimento de Santo Antônio.... ! Eles falam que foi um vaqueiro né, *campenhano* em volta em cima da serra e achou essa imagem, lá em cima da Serra, ai o vaqueiro trouxe a imagem pra casa dele, quando foi no outro dia a imagem estava lá de volta. Assim é o conto dele né. Ai eles achavam que tinham de fazer uma capela, ai diz que fizeram aqui uma casinha de palha e botou ele ai. Ai, ele não ficou. Levaram ele pra São Francisco, disse que veio embora também. Ai, nessa época já tinha um padre, o padre Joelino, lá em São Francisco que já vinha [...] celebrar aqui na época. Ai, foi que fez uma capelinha mais organizada e ai ele ficou. Assim é o comentário dele. (E.P.N., 2015).

Melo (2012), descreve acerca da questão a partir dos contos e recontos ouvidos de gerações de romeiros que alimentaram e alimentam a história da trajetória e da recepção a Santo Antônio no sertão do São Francisco, dizendo que,

Os moradores da vila, os do pequeno ajuntamento e gente da região, logo acudiram ao local, e não levou tempo para subirem uma igrejinha branca onde a pequena imagem foi entronizada. Igreja pronta, todos em procissão, três voltas deram em torno dela, entoando vivas, (...): todos os romeiros, quando chegam à Serra, repetem esse gesto de fé. (p.123).

A imagem se confunde com o Santo na forma de expressar, porque para o devoto a representação é verdadeiramente de um santo vivo. Nesse caso, pode-se dizer que Santo Antônio foi um santo em que 3 distintas capelas foram propostas para abrigá-lo. A primeira, a ser construída em São Francisco fora recusada pelo Santo, que retornou à serra e, ali, no meio de uma vila, de não mais que dez casas simples de palha, fora construída em sua honra uma capela de palha de buriti, arbusto abundante na região e útil na construção de casebres. Preferindo fazer estada no topo da serra, uma capelinha foi erguida para abrigo do “santinho” no ponto mais elevado da serra.

3.4.5 O mastro:

No dia 12 de junho é celebrada a missa, em seguida faz-se a procissão em torno do Santuário seguindo pela rua do cruzeiro, contornando o cruzeiro existente no meio da rua, que fica na parte lateral do Santuário. A bandeira de Santo Antônio é carregada durante a procissão, enquanto o mastro fica ornamentado aguardando a chegada da bandeira. Ao final do rito que se repete a cada ano, dá-se a levatada do mastro após fixar no seu cume a bandeira ornamentada pelo casal de mordomo. Velas, fogos e orações complementam o rito final do erguimento da imagem de Santo Antônio. Ato que parece aproximar céu e terra numa intercessão do santo aos devotos e fiéis que ali repetem o ciclo a cada ano, inovando suas recitações devocionais e aprofundando os laços de fé e aproximação com Santo Antônio. A derrubada do mastro acontece doze dias depois. Após a derrubada do mastro segue-se o rito de adentrar à igreja e cantar a ladainha de Santo Antônio.

Referindo ao rito associado ao mastro, G.J.M., expressa que, quanto à bandeira, o casal de mordomos já sabedor do seu compromisso, retira a bandeira, do interior do Santuário, para arrumar/enfeitar. Logo após a reza da trezena na última missa celebrada na festa, “a gente convidava uma folia de Reis que é uma tradição aqui, dava aquelas 3 voltas na Igreja com ela, aí parava lá na frente da Igreja onde punha ela no mastro e levantara”. Na decida do

mastro, "Convida o povo, vai pra lá, solta foguete, derruba o mastro, leva a bandeira lá pra dentro da Igreja e reza a outra ladainha em agradecimento, e guarda ela lá, *pro* outro ano." (2015). Manifestação recorrente no sertão do São Francisco, a folia de Reis é componente importante nas celebrações religiosas o ano inteiro. G.J.M (2015) refere-se a tal fato no passado, já que pouco tem participado dos festejos nos últimos anos em função das mudanças feitas pelo clero no rito tradicional da festa. Para o devoto, as mudanças interferem de forma negativa por querer mudar aquilo que já está constituído e consolidado na memória dos devotos.

3.4.6 A organização da festa:

A festa de Santo Antônio se tornou um grande evento. Em tempos anteriores não havia padres instalados no distrito de Serra das Araras. Os próprios devotos é que organizavam a festa até que o padre, deslocando a cavalo de São Francisco e seguindo por cerca de 100 quilômetros de jornada até chegar à vila, chegasse para orientar os ajustes necessários aos andamento dos festejos.

Com o novo reordenamento paroquial e a mudança de sede municipal do distrito de Serra das Araras, de São Francisco para Chapada Gaúcha, a proximidade em relação a este município facilitou a estruturação dos vários aspectos ligados aos festejos.

A estrutura paroquial passou a ser sede referencial do toda orientação religiosa da comunidade. Ela parece centralizar as ações de toda organização da festa.

A estruturação econômica da festa ganhou nova dinâmica com a permanência por maior tempo na localidade, de muitos comerciantes saídos de Salvador e de Goiás, por exemplo. Outras instituições passaram ter papel importante no contexto das comemorações devocionais. As famílias passaram a se organizar em melhores condições para recebe os romeiros vindos de todas as partes.

Muitos devotos chegam ainda no início do mês de junho e se instalam no distrito para participarem da trezena e de outras atividades cotidianas em torno da festa. Outros, preferem chegar nos dias que antecedem ao dia 13, dia de Santo Antônio, para cumprir os seus votos de fé.

A romaria constitui um elemento externo ao distrito. Embora a comunidade se prepare para recebê-los a Igreja não tem esquema de recepção para a grande quantidade de romeiros que para ali se deslocam todos os anos. As romarias se colocam como autônomas com organização e programação próprias. Não seguem nenhum rito, a não ser a missa, preparado pela igreja nos dias de festa.

O levantamento do mastro e a procissão da bandeira de Santo Antônio parecem não ocupar lugar central no contexto da festa. Como afirma G.J.M., referindo-se aos festeiros e mordomos:

Nunca teve *os festeiro*. Mesmo até agora, as ultimas (*festas*), era só pra ter mais o nome. Agora de uns anos pra cá, é que começou. *Eles começou* participar dentro da Igreja, ajudar a fazer alguma coisa. [...], antes, a obrigação deles era só ir lá levar umas velas soltar uns foguete e ajudar o povo a rezar. Não fazia nada a mais que isso não. (2015).

Pode até fazer sentido e é até compreensivo a relativa inexpressividade do levantamento do mastro. Numa região onde os devotos se apegaram ao lugar sagrado da montanha não se pode estranhar que os devotos se sintam mais à vontade para encontrar com o santo no alo da serra. Mesmo diante de tantos obstáculos naturais existentes na estrada peregrina, caminho que conduz ao topo sagrado da serra.

Há a representação das figuras do,

- a) *Mordomo*: formado por um casal; responsável pela retirada da bandeira 13 dias depois do seu levantamento com a reza da ladainha. Mordomo e porta bandeira são responsáveis pela bandeira).
- b) *Festeiro*: três casais; que também atuam ao longo da programação da igreja, não havendo ações especiais para os dias de festa.
- c) *Noiteiros*: dois casais que são responsáveis pela organização da noite de festa, como referência para a comunidade.

3.4.7 Carro de boi:

O carro de boi é uma das importantes referências quando se trata das romarias. Em tempos passados o carro de boi foi o meio de transporte terrestre mais importante para as

populações sertanejas. Ele possibilitava o transporte de famílias inteiras, transportava produtos para o comércio, fazia a carga de instrumentos pesados de uma fazenda à outra, carregava mourões para cerca, transportava engenhos e outros equipamentos que chegavam de barco ou navio, da barranca do rio até as fazendas, e também, transportava os suprimentos para o sustento das famílias de romeiros e produtos a serem negociados durante a festa. Durante cerca de 5 a 10 dias de viagem rasgando o sertão, vários carros de boi seguiam em direção ao Distrito de Serra das Araras guiado muitas vezes por bois tomados por empréstimo a alguns fazendeiros para a longa jornada. Ainda hoje o carro de boi (tornado carroção) faz o percurso, é bem verdade, com as devidas adaptações.

Em função da evolução das vias de acesso que deixaram de ser trilhas ou picadas para serem estradas de rodagem tornou-se impossível transitar pelas mesmas, estando os carros equipados com rodas de madeira e/ou rodas de aço. Foram adaptadas aos carros de boi as rodas de carro para que as estradas sofram menos impactos destrutivos o que por sua vez também, torna mais confortável o longo trecho a ser deslocado. “As coisas de alimentação, as coisas vinha tudo em cima do carro de boi”. (G.J.M., 2015). O carro de boi serve, como no passado, ainda hoje, para acomodar os romeiros que nas noites frias de Serra das Araras se alojam embaixo da sua mesa ou assoalho depois de cercá-lo formando uma parede de pano para se proteger dos insetos e do vento frio.

3.4.8 O Santuário:

A antiga capela, da qual se tem muito mais imagens na memória dos moradores, devotos e romeiros tornou-se Santuário em 2011. O primeiro Santuário instalado no sertão do São Francisco fez com que os olhares da Diocese de Januária e da Prefeitura de Chapada Gaúcha, sede do município, se voltassem para o distrito de Serra das Araras pelas possibilidades de se ter ali, entre outras coisas, de um fortuito aglomerado comercial religioso. “Serra agora da igrejinha elevada à hierarquia de Santuário Diocesano de Santo Antônio” (MELO 2012, p.126). Embora a proposta fosse de manutenção cuidadosa no seu entorno, o que se percebe é a interdição desorientada por parte do município e da Igreja, modificando aspectos que, por sua caracterização se tornaram importantes espaços que determinaram o lugar da antiga capela, bem como o seu entorno, num espaço de memória, por guardar muito das imagens vividas pelos devotos, sobretudo os devotos do lugar Serra das Araras.

Para G.J.M. (2015), o Santuário sofreu muitas modificações “porque a igreja ficou completamente diferente”. Muitos devotos reclamam da modernização de muitos espaços. As mudanças impostas nem sempre consideram a memória do lugar.

3.4.9 O Largo do Santuário de Santo Antônio:

O Largo do Santuário de Santo Antônio foi transformado ao longo do tempo em um espaço de sagração aos devotos de Santo Antônio. Desde a pequena capela ali construída o largo se tornou o lugar de importante referência. Possuindo mais espaço frontal o Santuário tornou-se situado de forma a permitir melhor visão somente de frente. Diferente de muitos templos religiosos, o Santuário de Santo Antônio está voltado para a parte externa do distrito de Serra das Araras, na direção sul/norte. Porém, a sua cúpula central volta-se para o alto da serra das araras, local onde teria sido encontrada a imagem de Santo Antônio.

A serra tem seu topo voltada para o distrito de forma que , estando no cimo é possível visualizar todo o povoado formado em torno do santuário. Em Honra ao Santo, portanto, a capela ficara voltada para a sua morada principal. O largo possui dois distintos espaços separados por uma via que contorna todo o santuário. Nela, os devotos completam a sua jornada ritual dando 3 voltas como forma de reverências a Santíssima Trindade. Ao retornar para casa, muitos repetem o mesmo rito como forma de despedida esperando ou se comprometendo retornar no ano seguinte.

O largo é também o lugar da espera, o lugar de passagem, o lugar da observação, lugar de promessa, mas que também sofreu transformações na sua estruturação, como afirma G.J.M. (2015). “E a praça e as casinhas que *tinha* em volta ai, eles ainda pediram né, que se fosse reformar fizesse deixando a fachada né, mas o povo não concordou, perdeu tudo...!”, porque o largo é também o lugar de disputa comercial entre a Igreja e os camelôs, comerciantes que se instalam no distrito apenas no período da festa.



FIGURA 47- Milhares de romeiros durante a celebração.

A missa campal acontece ali mesmo, em um palco estendido de frente para o Santuário com milhares de devotos reunidos sob o sol forte como é comum no sertão, para assistir e participar da grande evento que é a celebração eucarística, geralmente dirigida pelo bispo da Diocese.

3.4.10 A Serra das Araras:

A serra das araras conhecida assim por servir de abrigo às araras que reproduzem por entre a vegetação que completa a sua paisagem natural. Serra “plana e comprida cravada de buracos e escarpas avermelhadas, com seus ninhos ocos de araras” (MELO, 2012, p.126). Ao contrário do que se imagina, o topo da serra é um lugar plano e arborizado. É possível caminhar por horas sobre o grande rochedo apreciando a bela paisagem que o cerca. Sobre o rochedo se vê com maior definição o rio da Catarina e as praias que formam no seu entorno entre a rica vegetação, com destaque para os elevados conjuntos de buritizais que compõem as veredas que se formam no entorno do elevado da serra. Subir ao topo é um desafio para muitos devotos romeiros que gostam de narrar a experiência. Oh! Essa imagem que tem la,[...], só senti amor, aquela alegria, aquela satisfação de Santo Antônio ter me ajudado, que eu fui até la, até alcancei o teto da terra. (T.F.R. ,2015). Para este devoto, morador de distrito, existem 3 motivos e épocas para os devotos de Santo Antônio deslocarem até o topo da serra: durante os festejo antonino de junho, na sexta-feira da paixão e no natal.



FIGURA 48- Devotos em jornada na Serra.



FIGURA 49- Missão cumprida na Serra.

A Serra das Araras é também o distrito que, tradicionalmente mantém a forma artesanal nos usos e costumes de construir e proteger os casebres. “Era tudo casa de palha, aquelas barracas de palha. [...]. As pessoas moravam ali naquelas casas *barriada* assim de barro e enchimento. [...]. Aquelas chochas de palha”. M.F.S., (2015). Em muitos casos, a extensão da casa com enchimento e cobertura de palha de buriti é somente para dar abrigo aos romeiros que ficam ali durante os festejos. O distrito possui algumas pequenas localidades anexadas que, em tempos de festa, convergem para ali, se envolvendo com as comemorações devocionais.

3.4.11 As Romarias:

As romarias compõem um conjunto devocional despertado na região noroeste de Minas Gerais influenciando várias comunidades do entorno da Serra das Araras. Há cerca de duzentos anos deslocam-se para a localidade de mesmo nome, várias pessoas que se tornaram devotas muitas vezes por herança dos avós e/ou dos pais que já faziam esse percurso ao longo do século XIX, deslocando a pé, a cavalo ou carro de boi e depois em caminhões paus-de-arara. Vários grupos de pessoas se deslocam para o distrito à pé todos os anos. Há aqueles que seguem solitários, há grupos menores e outros grupos de romeiros com 20, 30, 40 e 50 pessoas em média, coordenados por um agente com experiência e que geralmente recebeu a missão de continuar a romaria, seja dada por um membro da família ou não.

Os primeiros registros da romaria de devoção a Santo Antônio é dada pelo viajante George Gardner. Segundo o pesquisador João Naves de Mello ele teria registrado movimentação de devotos por volta de 1840, quando em travessia pela região numa missão

naturista. Relata Melo (2012) que após a fuga do santinho (Santo Antônio) para a Serra, depois de capturado, atraiu o retorno do seu capturador, por nome Tanázio, que,

Foi acompanhado por um *magote* de gente: a cavalo, a pé, de carro de boi, na sua volta para o sertão de onde havia retirado o santinho em imagem. Todos queriam ver o santinho lá no pé da serra. Começou assim a grande romaria de Santo Antônio da Serra das Araras. Romaria da qual teve conhecimento o cientista viajante George Gardner, que em 12 de junho de 1840, na fazenda Rio Claro, noroeste de Minas ‘encontrou uma velha com o filho que em viagem de cinco dias dali iria cumprir promessa de Santo Antônio da Serradas Araras’. (p.123).

Ao narrar a história do santo, Melo (2012) faz questão de manter as expressões regionais na sua narrativa, pois, elas dão sentido à forma de pensar e de viver do sertanejo. M.F.S., (2015), “revisitando a memória lembra que “ainda naquele tempo o povo ia de pé, levando no cabresto o cavalo, animal de carga, e as pessoas caminhando levando as sacolas nas costas, [...], depois vinham os carros de boi e depois começou a *vim os paus-de-arara né*”.

Estas são algumas das formas de fazer memória da romaria e festa de Santo Antônio. Embora não reclamem da praticidade em se organizar uma romaria nos dias atuais, os romeiros comumente tratam com certo saudosismo das romarias em tempos passados.

3.4.12 Rio da Catarina:

O rio da Catarina ou (praia da Catarina) que como tantos outros, nasce na própria região da Serra das Araras. Quanto à origem do nome, Mello (2012) referencia descrevendo que, “ali na região, saindo também das abas da Serra das Araras, se estende uma formosa vereda, de águas puras e cristalinas, adornadas de praias brancas como algodão, a Catarina – Catirina, para o sertanejo. Manuel Pires (*Maciel*), o pai de Domingos (*Alves Ferreira Maciel*) era casado com uma princesa índia, mulher de rara beleza que atendia pelo nome de Catarina”,(p.88), razão pela qual o rio recebeu este nome.



FIGURA 50- O banho como parte do rito.



FIGURA 51 - Nova geração de romeiros.

O rio tem grande força simbólica na vida dos devotos e romeiros de Santo Antônio. Historicamente, para os devotos as águas sagradas do rio servem para purificar o corpo e dar a leveza necessária após cumprimento de uma etapa do seu rito no distrito. Após a chegada o devoto entra no Santuário faz a sua prece de agradecimento, se ajoelha diante da imagem de Santo Antônio e em seguida, desloca para o rio para em suas águas lavar o corpo nu, “banho dos pelados” (MELO, 2012, p.126). Só depois do contato com as águas sagradas do Catarina o devoto de vê na condição de tomar seu banho normalmente no alojamento ou acampamento do grupo, sentindo-se pronto para de fato, substituir a roupa que usou durante a trajetória romeira.

Sentindo-se purificado e atendido por Santo Antônio e pelas santas águas ele/ela se sente pronto para dar continuidade ao ritual e aos momentos de oração e participação nas sessões seguintes da festa.

3.4.13 Rio feio:

Situado na parte leste do distrito de Serra das Araras o Rio Feio corta a parte sul do Distrito formando no seu entorno belas veredas com elevados coqueirais de buriti. Suas águas frias e de tonalidade escura servem historicamente aos devotos e festeiros que, ali permanecem durante a festa de Santo Antônio. Muitos se alojam no seu entorno, outros se servem dos banhos matinais ou em fim de tarde. “Ali um poço escuro, escondido no meio de moitas de capim e cercado de algas verde-sumo, borbulha cristalina água – é a fonte principal de um belo ribeiro”. (MELO, 2012, p.88). O seu curso normal segue as trincheiras veredeiras para desaguar no rio Catarina.

A referência ao rio como feio, se deve, segundo T.F.R., pelo fato de que “era um córrego assim, *pequenezim*, estreito, [...] *mais* que também, [...], os *porão* chegava ser azul de fundo. Era da cabeceira na baía. Faz barra na Catarina. Era aqueles porãozão, aquele lago assim... escuro”, (2015), considerado feio, portanto nas suas características rochosas.

3.4.14 Cruzeiro:

O antigo cruzeiro objeto de devoção e que faz parte do conjunto do patrimônio religioso do Distrito de Serra das Araras está situado ao centro da rua do cruzeiro, lado direito do Santuário de Santo Antônio. O cruzeiro é um marco da religiosidade local. Dalí sai todos os anos nos meses de março a procissão da Santa Cruz que segue até a serra das araras em oração, num rito que objetiva visitar a Santo Antônio no alto da Serra. Conforme depoimentos o cruzeiro representa a memória do que seria uma antiga capela, para outros, porém, o local seria o marco de onde existia um cemitério que, com o tempo, deu lugar a construção de casas. O mesmo encontra-se fixado ao centro da rua.

A necessidade de urbanização e calçamento levou ao deslocamento do cruzeiro para o eixo central da rua, já que o mesmo encontrava-se mais à direita impedindo que a via fosse usada em duas mãos de direção. A mudança não agradou aos devotos. Os mesmos são de opinião que o cruzeiro permanecesse no mesmo lugar e que não se fixasse na sua base massa de concreto como ocorreu em comum acordo entre poder público local e Igreja Católica, como afirmam os devotos moradores do distrito.

3.4.15 Acampamento:

Os acampamentos são uma característica marcante na estrutura, no visual e no cotidiano da festa de Santo Antônio em Serra das Araras. Ainda na antiguidade da festa os romeiros usavam de muita criatividade para se alojarem nas noites de festejos. Os pequenos casebres da vila não comportavam grande quantidade de pessoas por isso, os romeiros não

podiam ser recepcionados nas poucas e rústicas moradas sertanejas, e, “Quando não tinha luz era com a vela, [...] a candeia de querosene né”. (M.F.S., 2015).

Cuidavam os romeiros, de fazer barracas de lona ou mais comum na região, barracos de palha de buriti. Assim, depois de alugarem um espaço, quase sempre um quintal os romeiros tratavam de fincar forquilhas e atravessar vigas em vara verde para preparar a cobertura em palha de buriti retirada nas cercanias da vila. Outros usavam o carro de boi como sustentação à estrutura montada para abrigar o grupo na semana de festa.

Os romeiros se alojam em barraquinhas de lona ou tendas levantadas aproveitando as carroçarias dos caminhões ou debaixo das mesas de carro de boi. Nas noites frias de junho centenas de fogueiras eram acesas e em torno delas os romeiros se reuniam para contar causos, catirar, assar carne e tocar modas de viola, até chegar o sono. (MELO, 2012, p.124).

A considerar os recursos disponíveis na atualidade, não se pode dizer que a realidade centenária de pousar no distrito durante a o período de festa, tenha mudado de forma significativa. Tradicionalmente os diversos grupos de romeiros ainda se acomodam pelos quintais das casas, que são alugados para este fim. Alguns moradores alugam suas casas, outros alugam somente quartos, outros o banheiro. “[...] a maioria do povo daqui aluga a frente da casa e, *muitos sai* da casa e aluga a casa também”. (G.J.M., 2015). E há banho frio e banho quente, é só pagar uns trocados. Grupos maiores alugam no entorno da vila lotes mais extensos para abrigar toda a estrutura que consiste em barracas para descanso e cozinhas estruturadas para todo o grupo.



FIGURA 52 - Acampamento publico.



FIGURA 53- Acampamento particular.

Aluga-se também, pasto para os animais que ficarão à disposição nos dias de festas para desfiles, passeios e procissões.

O acampamento geral que oferece banho público abriga milhares de romeiros que estendem as suas tendas e se alojam de forma coletiva em grandes e pequenas barracas que servem de proteção a toda família ou grupo de romeiros. Muitos deles, sobretudo os que não se consideram devotos, preferem ficar no próprio acampamento vivendo dias festivos com muita comida, churrasco e bebidas.

3.4.16 Estrada romeira e vias adjacentes:

A estrada que dá acesso ao distrito de Serra das Araras seguindo-se a travessia do rio São Francisco, saindo da MG-202 constitui-se na principal artéria que liga o pequeno povoado a todas as inúmeras localidades do sertão e de outros estados. Em tempos passados a via servia de passagem apenas como picada na travessia do sertão do São Francisco para a sua parte noroeste na direção do vale do urucuia, até chegar à divisa do estado de Minas Gerais com a região Centro-oeste (Brasília e Goiás). Sendo que a região noroeste pertencia ao território da Comarca de pedras de cima – antiga denominação - posteriormente veio a se tornar a cidade de São Francisco. Com a emancipação de outras localidades foi-se desmembrando do território de São Francisco, principalmente os distritos localizados do lado direito do rio.

Pelo menos até o Século XIX não se conhecia a existência de importante festa devocional que conseguisse atrair tantos devotos de outras localidades e a distâncias consideráveis em todo o norte de Minas. As vilas e povoados possuíam as suas respectivas devoções, muitas delas incentivadas por padres jesuítas e Capuchinhos que em missão, difundiram na região práticas catolicistas que com o tempo se mesclaram ao modo de vida do povo sertanejo. Estes mesmos sertanejos que com o tempo aprenderam a reelaborar de forma magistral o seu modo de vida nas distantes povoações do sertão.

Muitas das povoações estabelecidas herdaram dos indígenas o modo de vida consolidado através de práticas de alimentação, de transporte e de falar e de celebrar a vida. Mais tarde juntaria a estas práticas, os fundamentos culturais de matriz africana a partir da formação de fazendas em toda região, a partir do Século XVIII e consequentemente, do uso da mão-de-obra escrava.

A efervescência das manifestações portuguesas, já misturadas na metrópole, toma forma de acordo com a vida no sertão. Assim, a devoção a Santo Antônio, como outras

diversas vão ganhando características bem peculiares à vida distante da metrópole. Não se sabe porque, mas, a devoção a Santo Antônio tornou-se desde o Século XIX a de maior enlevo. Não só por fazer surgir gerações de romeiros, mas, por ter uma história de origem de certa forma, distante das grandes povoações e se manter até os dias atuais.

A história do santo se confunde com a trajetória de idas e vindas de alguns bravos homens do sertão que faziam as travessias inóspitas a pé ou a cavalo, metidos durante dias nas entranhas desse sertão desde São Francisco ao sertão do urucuia passando pela região de Serra das Araras.

Conforme a retirada do santo e consequentemente o seu retorno ao lugar de origem, a estrada que liga o município de São Francisco a Serra das Araras, passou a ser a estrada contemplada como principal via de acesso das romarias. É a estrada para a qual convergem todas as outras romarias do norte e do noroeste de Minas.



FIGURA 54 - Romeiros chegando ao distrito.



FIGURA 55 - Romeiro preparando os animais.

Por esta antiga trilha, hoje estrada, os devotos aprenderam a ir a busca dos milagres e das graças a serem dadas por Santo Antônio. As primeiras gerações de romeiros devotos deslocavam-se com as famílias inteiras a pé para saudarem a Santo Antônio. “De primeiro, as jornadas eram a pé, a cavalo, carro de bois. Dias e dias caminhando meio a veredas e gerais inóspitos.” (MELO, 2012, p.123). Os animais e os carros de boi levavam todo o suprimento que abastecia a toda a família nos dias de romaria e nos dias de festas durante a estada na pequena vila de Serra das Araras. Por muito tempo este foi o transporte de muitas gerações de romeiros. Os dias de romaria variavam de acordo com a distância a ser percorrida. Em média 100 km, considerando a travessia do rio São Francisco. Outros grupos seguem por distâncias menores outros por distâncias maiores, são cerca de cinco dias pela

estrada sertão adentro. Outras diversas vias existentes levam os romeiros à mesma estrada romeira já que da parte leste é a única via que leva ao distrito de Serra das Araras. Assim, a via se tornou de grande importância para os romeiros, tornou-se estrada tirando de cena a grande quantidade de carros de boi que trilhavam indo e vindo em período de festa.

Com o advento da estrada de rodagem, o veículo passou a assumir de forma mais eficaz o transporte de bens materiais e de pessoas. O pau-de-arara, caminhão adaptado, passou a fazer o transporte de romeiros e dos suprimentos pela estrada romeira. Muitos devotos que não conseguiriam viajar por longa jornada à pé passaram a desfrutar do transporte motorizado. Outros tantos, mantendo a tradição dos seus antepassados continuaram a fazer a jornada em grupos maiores de pessoas.

Muitas romarias se consolidaram a partir da tradição familiar dos avós em repetir a sua ida anualmente a festa de Santo Antônio. Poucos, ainda são os que mantêm a tradição de seguir romaria com carro de boi considerando as devidas adaptações (hoje adaptado com rodas de caminhão) por não poder circular em vias públicas com rodas originais. A distância também, é um fator a se considerar, sendo que , apenas as localidades mais próximas ao distrito que abriga o Santuário, ainda seguem em caravanas de carros de boi . O certo é que todo o movimento que parte das bordas do sertão do São Francisco, necessariamente trafega pela estrada romeira desde as primeiras levadas de romeiros.

Estradas que como tudo, sofreu mudanças impostas pela condição moderna de vida.

Para Melo (2012),

O tempo passou e as estradas não são as mesmas, mesmo as vicinais, (...). Antanho eram apenas duas de uso dos carros movidos a motor; as outras, todas cavaleiras ou trilhas de carro de bois. Hoje são tantas que parecem veias riscando o sertão. Tem delas que chegam a passar sobre as outras em muitos pontos – veias brancas entrelaçadas no verde capim de raiz. Pode-se ir a um determinado lugar viajando por dois ou mais ramais (...). Não se vê mais por elas o carro de bois que ficou sumido aos pequenos trabalhos nas fazendas – só por ali mesmo, de perto. (p.40).

vai rasgando sertão para o Urucuia, passando por Pintópolis e Bonito, por onde corriam, antes, cavaleiros, (...), carro de bois e tropas de mulas. (p.41).

É estrada de não acabar, (...) onde antes só se conhecia luz, aforante a do sol, a das candeias alimentadas pelo óleo de mamona (azeite, diziam), com pavio trançado de algodão; depois, muito depois, pelo querosene. (p.41).

A estrada torna-se assim um bem grande valor para a memória de muitas famílias de romeiros que há quase duzentos anos trafegam por aquela via para cumprir a sua missão devocional realizando a manutenção da tradição, no caso de muitos, sendo a sexta geração de romeiros.

3.4.17 Trilha peregrina

A trilha peregrina da Serra das Araras constitui-se numa trilha inóspita e, portanto, de difícil acesso. Não possui sinalização adequada nem rotas estruturadas. É preciso ter fôlego, resistência e persistência para atravessar a trilha com tantos pontos íngremes e escorregadios. A terra solta e as estreitas picadas oferecem perigo aos devotos e romeiros que se aventuram a seguir a pé por um período de aproximadamente uma hora e meia por uma trilha que se eleva a centenas de metros de altitude pela serra, razão pela qual, muitos devotos, embora despertando o desejo de fazer o percurso, desistem por perceberem que não conseguirão fazer a rota.



FIGURA 56- Início da trilha peregrina.



FIGURA 57- Trilha inóspita da Serra.

No meio do caminho uma gruta natural e com inúmeras inscrições parietais é bem visível na base de um paredão de toá, matéria prima que, como a areia e as rochas, compõem o grande e extenso cânion da serra das araras. Em seguida, um oratório natural, escavado na base da rocha quase invisível pela localização, embora em um paredão frontal, abriga uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida, certamente deixada ali por um devoto que não conseguiu escalar a serra até o topo.

Em todo o percurso é possível ouvir salvas de tiros de foguetes ou gritos ecoados por aqueles que conseguiram chegar ao ponto mais elevado da serra. Os fogos representam um viva a deus e a Santo Antônio pelo cumprimento da promessa e por ter suportado o

sacrifício da peregrinação. Os 3 tiros, assim como as três voltas no Santuário representam a Santíssima Trindade, conforme a prática catolicista.

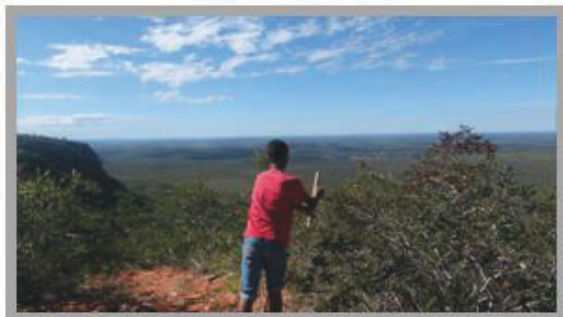


FIGURA 58- Tiros em honra ao Santo.



FIGURA 59- Romeiro agradece ao Santo.

Para se chegar ao topo é preciso subir de mãos dadas a outros, pois o penhasco não oferece lugar para segurar e fazer uma travessia com segurança. Quanto mais se aproxima da parte mais elevada do mirante, mais inóspitas são as passagens. A paisagem vai se abrindo quando a serra se torna mais íngreme, mais distante da povoação e em um ponto mais elevado a paisagem da grande reserva natural vai ficando mais surpreendente pela elevação existente. Crianças, jovens e adultos não se sentem amedrontados pela realidade perigosa da travessia. Dizem estar movidos pela fé e pelo desejo em cumprir a sua missão simbolicamente contratual com Santo Antônio. Leva velas para acender na minúscula capela de Santo Antônio, de cerca de meio metro de altura instalada no topo da serra com uma pequena imagem de Santo Antônio em seu interior, tendo um terço envolvido sobre o pescoço. Ali, na parte mais elevada, os devotos ajoelham, agradecem e rezam em frente a capela em sinal de devoção ao santo. Alguns chegam a levar e acender uma caixa inteira de velas, em seguida volta-se para o Santuário e soltam rojões de foguete, normalmente 3 rojões como símbolo de cumprimento da promessa feita a Santo Antônio. Muitos não se contêm e choram diante do oratório que chamam carinhosamente de capelinha.



FIGURA 60- Espaço sagrado no alto da serra.



FIGURA 61- Cumprimento de votos.

Do lado esquerdo do oratório de Santo Antônio há outro pequeno oratório, de cerca de 20 cm de altura abrigando um pequenina imagem de Nossa Senhora Aparecida. Em frente a ambas, uma cruz de aproximadamente 2 metros de altura, compõe o cenário mais elevado do espaço sagrado do lugar. A cruz fixada ali representa o sacrifício de um grupo de devotos que peregrinara com a mesma até o local e a fixara no topo da serra em sinal de cumprimento do sacrifício dedicado, em honra a Santo Antônio.

Sem demora os devotos se colocam em retirada fazendo o mesmo percurso de volta. Atravessando o mesmo penhasco, correndo os mesmos riscos. Não é difícil perceber a satisfação e a alegria daqueles que conseguem escalar a serra e consolidar o seu encontro com o santo. Estar no topo é a glória para aqueles que conseguem atravessar inóspita rota peregrina.

Considerações finais

A pesquisa orientada sob o tema “Heranças de fé no sertão do São Francisco: devotos e romeiros na tradicional festa de Santo Antônio em Serra das Araras – MG”, de forma geral, propôs entender aspectos culturais específicos no interior da festa de Santo Antônio, a partir das romarias. Retomando os passos iniciais da pesquisa, é salutar fazermos um pouco de memória sobre o cenário observado antes e durante a festa devocional.

Confesso que não foi fácil entender como a semana de festa era e ainda é, naquela região, transformada num pequeno calendário sagrado, específico dentro calendário oficial do ano e como funcionam os dias em que os devotos se colocam, em nome da fé, à disposição para se retirar em direção ao Santuário de Santo Antônio. Sem que os compromissos da vida cotidiana seja algum empecilho, a substituição e renovação do tempo começa a acontecer com a partida de muitas famílias e membros de pequenas comunidades rurais que saem em romaria, geralmente, depois de terem rezado a novena ou a trezena de casa em casa com os vizinhos. Entre os preparativos para a festa há muito trabalho e negociação. Porcos na engorda, gado sendo abatido, casas de farinha a todo vapor, forno de barro aquecido para assamento de biscoitos variados, tachos de garapa de cana em fervura sobre as brasas ardentes dos tradicionais e rústicos fogões a lenha, para se transformar em rapadura e carne de sol estendida no varal para ir ao pilão e se transformar na tradicional paçoca. É a garantia do alimento a toda a família, vizinhos e amigos romeiros, durante os dias de festa.

As famílias preparam a paçoca de carne seca, embalam a rapadura e ensacam a farinha de mandioca. Este é um envolvimento comum em dias que antecedem a saída dos devotos. Os suprimentos por vezes são trocados entre as famílias num gesto coletivo, como é comum no sertão sem muros. As pequenas cidades têm o seu movimento reduzido consideravelmente nos dias de festa na Serra das Araras. Nas comunidades rurais as propriedades ficam sob a tutela de um membro da família que se responsabiliza pela guarda do lugar até que todos retornem da festa.

Crianças, jovens e agentes religiosos de mais idade fazem a travessia do rio São Francisco à noite ou pela manhã, bem cedo. Alguns passam antes pela Igreja matriz de São José, e numa oração coletiva se despedem da cidade por alguns dias. Aos que saem à noite, a caminhada segue noite adentro com breve parada para o café da manhã e parada para almoço

e descanso no pouso à beira da estrada. Aos que saem pela manhã, a parada se dá pelas 13 ou 14 horas para almoço e descanso, com previsão de continuidade na madrugada seguinte.

Não há privilégio por elevada idade. Romeiros de 85 anos, de 70 anos se misturam aos iniciantes crianças ou adolescentes numa mesma jornada. Todos são iguais, independente da idade. Todos fazem a mesma rota à pé. Assim, gerações se misturam, transmitem e absorvem os conhecimentos que, só são possíveis de adquirir, enquanto membro de uma coletividade que participa diretamente dos saberes e fazeres religiosos. Disciplina, ética, terço, ladainhas, ângelus, memórias, tudo se vive no interior de uma romaria. É assim a rotina romeira em travessia. As preocupações com os problemas ou com os que ficaram são transformadas em rezas que servem para acalantar e confortar os aflitos em nome de Santo Antônio, como afirma os romeiros mais experientes. “Santo Antônio sempre ajuda. É só confiar”.

Este é o cenário dado pelo contexto da festa de Santo Antônio e pelos romeiros a ela ligados pela devoção. O acompanhamento aos romeiros por dois anos seguidos pela estrada do sertão, foi um percurso que possibilitou verificar especificidades importantes nas romarias no norte de Minas. O necessário acompanhamento e estudo etnográfico se colocaram como algo de extrema relevância, pela necessidade de levantamento de dados sobre as características das romarias e o perfil dos romeiros, já que não encontramos nenhuma pesquisa sistematizada que pudesse fornecer elementos iniciais de análise. Guiado pela possibilidade de verificar no ambiente da romaria, um espaço de saberes onde a tradição faz muito sentido pela força da herança familiar assumida pelas gerações seguintes, acredita-se ter feito trilhas nesse campo de pesquisa a encorajar aqueles que desejam entender de forma sistematizada o universo simbólico da festa de Santo Antônio.

Embora convivendo no espaço da festa com diversos e distintos grupos de romeiros, optamos por acompanhar os romeiros “barranqueiros”, ou “ribeirinhos” como são chamados aqueles saídos das bordas do rio São Francisco. O trabalho de campo se apresentou como motivador por ter encontrado ali, um conjunto de informações, símbolos e significados passíveis de se transformarem em objeto de pesquisa.

Acredita-se que, esta pesquisa só pode ser vista com um sentido impulsionador por não representar um fim, mas, o começo de uma jornada de pesquisa na medida em que a coleta inicial de dados nos impele a trabalhar na construção de um banco de dados sobre a referida festa. Os levantamentos feitos até aqui não podem servir como meros arquivos pessoais, para limitado e restrito acessos.

Tendo avançado um pouco até aqui com importantes dados sobre a festa, coletados no percurso da pesquisa, pretende-se, portanto dar continuidade às buscas de pesquisa, tornando concretas as muitas hipóteses que podem ainda ser lançadas sobre a festa de Santo Antônio.

Na constituição inicial desta pesquisa foram coletados aproximadamente 20 horas de áudio, 300 páginas de entrevistas transcritas, 400 vídeos de curta duração de audiovisual e 2.700 fotografias, contemplando o cenário da festa desde a organização e preparação dos romeiros, a travessia para o local da festa até o retorno para casa depois da festa devocional.

Utilizando se de parte desses registros a tese configurou-se inicialmente a título introdutório, apresentando um conjunto de autores que tratam do problema da Ciência da Religião. O objeto religião, as possibilidades de análise e possíveis problemas de pesquisa e abordagem.

No primeiro capítulo foi apresentado uma análise de forma mais abrangente do campo religioso na tentativa entender os laços constitutivos do catolicismo nos sertões do Brasil para a partir daí, identificar as especificidades da cultura religiosa sertaneja. Os desafios e perspectivas da pesquisa com a religiosidade no contexto do sertão. Para melhor compreender o universo da pesquisa fez-se um recorte geográfico apresentando e caracterizando o objeto de pesquisa no contexto do sertão do São Francisco.

No segundo capítulo, construiu-se um cenário a partir do diversificado catolicismo ibérico e sua influência na forma de cultivar e festejar a religiosidade. Seus desdobramentos no sertão do São Francisco a partir da proposta de colonização referencialmente portuguesa. A romaria se coloca como eixo referencial na medida em que é apresentada sob o aspecto da tradição, da herança e da memória ancestral dos devotos que, de geração em geração colaboram na manutenção da devoção e das romarias de Santo Antônio em Serra das Araras. Renovam-se os votos iniciados com as gerações passadas.

Destacou-se também, neste capítulo sobre a importância não só da festa, mas da tradição alimentar nos grupos familiares e nas reuniões festivas dos romeiros, coisa que faz parte da vida cotidiana e da tradição alimentar no sertão do São Francisco.

No terceiro capítulo destacou-se a importância da preservação da memória na manutenção dos saberes religiosos. Os ofícios religiosos são conhecimentos guardados por devotos que ao longo da vida, tiveram fortes e contínuas experiências com a expressão religiosa. Apreenderam muito do que os padres e os mais velhos ensinaram, tornando-se um acervo humano capaz de gerar permanências no interior de uma coletividade, por longos

períodos. A nossa questão de pesquisa, qual seja, a busca do entendimento acerca de como se dá a manutenção da tradição romeira pode ser melhor compreendida neste terceiro capítulo.

As imagens produzidas durante o trabalho de campo constituíram-se em importantes fontes de análise por revelar muito das práticas devocionais, dos objetos e dos lugares de devoção.

Este trabalho de pesquisa é um mapa inicial de uma festa que, embora centenária, não se constituiu ainda como um espaço de pesquisa sistematizado. Até por ser talvez o primeiro trabalho a tentar sistematizar parte do que compõe simbolicamente a festa de Santo Antônio, é comum, como outros tantos trabalhos, que apresente as suas fragilidades. Reconhecemos que, diante da riqueza de dados e da possibilidade de interferência como pesquisador, o cenário pode apresentar armadilhas diversas se não se definir logo de início, de forma bem clara, o objeto a receber tratamento de pesquisa.

Dentre muitas possibilidades, estivemos em fase de conflito quanto à definição do objeto, certamente pela multiplicidade de eventos ali existentes, capaz de atrair e confundir o pesquisador relativamente ansioso. A partir da experiência com esta pesquisa, passei conhecer melhor meus limites como pesquisador e a dosar de forma mais definida, concreta e centrada a busca por informações de maneira mais objetiva e proveitosa. Passei a entender melhor o meu tempo e meu ritmo entre as leituras e a escrita.

Entre todas as ambições de pesquisador, diante de um rico campo de pesquisa e de abundantes fontes para análise, o que deve ficar para a sequência de pesquisas, deve ser, de fato, o espírito colaboracional na produção de sentido e de conhecimento sobre determinado fenômeno.

REFERÊNCIAS

ABUMANSSUR, Edin Sued. (Org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003.

ABUMANSUR, Edin Sued. Ciência da religião aplicada ao turismo. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2013.p.615-625.

AMORIM, José Roberto de. **Viagens às antigas igrejas de Minas**. São Paulo: Scortecci, 2003.

ALBERTI, Verena, **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de Poder e relações sociais na prática missionária no Rio de Janeiro colonial. In: FERNANDES, Eunícia. (Org.). **A Companhia de Jesus na América**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013. Pp.95-114.

ALMEIDA BARBOSA, Waldemar de. **Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

ALMEIDA, Juliana Gisi Martins de. **60/70: as fotografias, os artistas e seus discursos**. Curitiba: JGMA, 2015.

AMARAL, Leila. **Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. São Paulo: Vozes, 2000.

AMARAL LUZ, Guilherme et al. **Ordem Crítica: a América Portuguesa nas “fronteiras” do século XVIII**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

AGNOLIN, Adone. **História das religiões: perspectiva histórico-comparativa**. São Paulo: Paulinas, 2013.

AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil: aspectos históricos**. Petrópolis: Vozes, 1978.

AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil - terceira época 1930-1964**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARBOSA, Wilson do Nascimento. **O Historiador e o fato histórico: um diálogo através da fonte**. Revista caminhos da história. Montes Claros – Unimontes: v.4, n.4, p.7-37, 1999.

BARBOSA, Carla Cristina (Org.). **Sertão: identidade e religiosidade**. Montes Claros: Unimontes, 2009.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; 1987.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERTELLI, Luiz Gonzaga. **Santo Antônio: o evangelizador**. São Paulo: Academia cristã de letras, 2006.

BLOC, Marc. **Apologia da História ou Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BLOC, Marc. **Os Reis Taumaturgos: o poder sobrenatural do poder régio**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

BOFF, Leonardo, **Igreja, carisma e poder**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

BORGES, Cristina. **Umbanda Sertaneja: cultura e religiosidade no sertão norte-mineiro**. Montes Claros: Unimontes, 2011.

BOTELHO NETO, João. **Fragments da História: a pecuária até a metade do século XIX**. São Francisco: Gráfica Santo Antônio, s/d.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, O Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1983.

BRAZ, Brasiliano. **São Francisco nos caminhos da história**. São Francisco, 1977.

BRITO, Ênio José da Costa. Tradições religiosas entre a oralidade e o conhecimento do letramento. In: USARSKI, Frank; PASSOS, João Décio. (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2013. PP.485-498.

BRUNEAU. Thomas, **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: história e imagem. São Paulo: Edusc, 2004.

BURKE, Peter. **O Que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

BURKE, Peter. A História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter. (Org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. P.327-348.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral e tradição escrita**. São Paulo: Parábola, 2011.

CAETANO, Rafela. **Devoção e fé** – Santo Antônio. São Paulo: DOMO72, n.2; Ano I

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. **Proposições para o patrimônio cultural**. 2.ed.Rio de Janeiro:Lumen júris,2015.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e Ciências da Religião**: polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.

CANDIDO, Antônio. **Parceiros do rio bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Editora 34, 2001.

CARNEIRO. Marina de F. Brandão, **O regionalismo mineiro**. Caderno geográfico. V. 1, n. 3, outubro, Unimontes, 1999.

CARVALHO, José Jorge de. **Religião como sistema simbólico**:uma atualização. Brasília: UnB, 2000.

CASTRO, José Luiz de. **A Organização da Igreja Católica de Goiás 1726 - 1824**. Goiás: UCG, 2002.

CASTRO, Júlia.;OLIVEIRA,Gabriel de.Os vãos gerais da Serra das Araras.

CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

COELHO, Maria Helena da Cruz. O paradigma religioso e social da morte dos santos. **Da alta Idade média a undecentos**. MACEDO, José Rivair. (Org.). Porto Alegre: Vidrágua, 2011.

COSTA, João Batista de A.; OLIVEIRA, Cláudia Luz de..(Orgs.). **Cerrado, gerais, sertão:** comunidades tradicionais nos sertões roseanos. Montes Claros: Unimontes, 2012.

COSTA, João Batista de Almeida. Cultura sertaneja: a conjunção de lógicas diferenciadas. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro. [et.al] **Trabalho, cultura e sociedade no norte/nordeste de Minas:** considerações a partir das Ciências Sociais. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997. p.77-97.

COSTA, João Batista. [et.al]. **Grande Sertão:** veredas e seus ecossistemas. Revista: Desenvolvimento Social. Montes Claros. v.1-jan./jun. 2008. P.63-77.

CRUZ, Eduardo Rodrigues. Ciências naturais, religião e teologia. In: USARSKI, Frank; PASSOS, João Décio. (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: paulinas, 2013. pp.115-128.

DA VIDE, D. Sebastião Monteiro. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia.** São Paulo: Typografia 2 de Dezembro, 1853.

DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense, 2000. PP.76-85; 131-147; 183-194.

DEL PRIORE, Mary. **Religião e religiosidade no Brasil colonial.** São Paulo: Ática, 1997.

DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. **A Religião:** o seminário de Capri. São Paulo: Estação Liberdade. 2000.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho. **A devoção do povo português a nossa Senhora dos Tempos Modernos.** Revista da faculdade de letras. S/d.

DIAS, Jânio Marques. **Em busca da religiosidade sertaneja:** fé e cultura no sertão dos Gerais. Montes Claros: Unimontes, 2015.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano -** a essência da religião. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos:** ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: **Novos domínios da história.** CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. P.169-186.

FERREIRA. Antônio Carlos Lemos. **Introdução da devoção a Santo Antônio em Juiz de Fora:** do Morro da Boiada a Vila do Paraibuna (1741-1850). UFJF: Dissertação de mestrado, 2006. pp.118.

FERNANDES, Eunícia. (Org.). **A Companhia de Jesus na América**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros do bom Jesus: uma introdução às religiões populares**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FONSECA, Cláudia Damasceno. **Arraiais e Vilas D'EL Rei: espaço e poder nas Minas setecentistas**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FRANCO JÚNIOR, Hilário, **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo, ed. Brasiliense, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.

FROZONI, Giuliana. **Vamos todos visitar a Lapa do Bom Jesus: o itinerário da romaria a partir dos benditos cantados pelos romeiros do Bom Jesus da Lapa – BA**. São Paulo: PUC/SP (Mestrado em Ciência da Religião), 2014, pp.277.

FUNES, Eurípedes A. Nasci nas matas, nunca tive senhor: história e memória dos mocambos do baixo Amazonas. In: REIS, J.J.; GOMES, Flávio dos S. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996. pp.467-497.

GALLI, Sidinei. **A Cruz, a Espada e a Sociedade Medieval Portuguesa**. São Paulo: Editora Arte & Ciência/UNIP, 1997.

GASPAR, M. Mauricio. **No sertão de Minas**. Bélgica: Abadia Du Parc, 1902.

GASPAR, M. Maurício. **Trente années d'apostolat ao Brésil**. Bélgica: Abadia Du Parc, 1930.

GASKELL, Ivan. **História das imagens**. BURKE, Peter. (Org.). A Escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. P.237-271.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas - Uma Descrição densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GOMES, Francisco José Silva. **Cristandade medieval e cristandade colonial**.

GOMES, Núbia P. ; PEREIRA, Edmilson de A. **Mundo encaixado:** significações a cultura popular. Belo Horizonte: Mazza, 1995.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

HAMPATÈ BÀ, Amadou. A Tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **Metodologia e pré-história da África.** Brasília: UNESCO, 2010. Pp. 181-218.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HOCK, Klaus, **Introdução à Ciência da Religião.** São Paulo: Loyola, 2010.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro – 1550 – 1800.** 2,Ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

IBAMA. **Plano de Manejo – Parque Nacional Grande Sertão Veredas.** Brasília, 2003.

IVO, Isnara Pereira. O ouro de boa pinta e a abertura das Minas da Bahia: sertões conectados, adaptabilidade e trânsitos culturais no século XVIII. In: PAIVA, Eduardo F.; [et.al]. **Escravidão, mestiçagens e identidades culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2010. p.139-163.

INVENTÁRIO Cultural do rio São Francisco. Belo Horizonte: Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2015.

IZIDORIO, Maria do Socorro. **Santo rio São Francisco:** religiosidade popular na sacralidade do rio São Francisco no imaginário dos pescadores do sertão dos Gerais. Dissertação de mestrado. São Paulo, 2010. pp. 2013.

JESUS, Alysson Luiz Freitas de. **No sertão das Minas:** Escravidão, violência e liberdade (1830-1888). São Paulo: Annablume, 2007.

KARNAL, Leandro. **O Teatro da fé:** representação religiosa no Brasil e no México do século XVI. São Paulo: Hucitec, 1998.

KUHNEN, Alceu. **As Origens da Igreja no Brasil 1500 a 1552.** São Paulo: Edusc, 2005.

LIMA, Lana Lage da Gama et. al. (Orgs). **História e Religião.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

LACERDA, Aroldo Dias... [et al.]. **-Patrimônio Cultural em Oficinas:** atividades em contextos escolares. 1.ed. Belo Horizonte, Fino Traço, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1990.

LIMA VASCONCELLOS, Pedro. Metodologia de estudos das “escrituras” no campo da Ciência da Religião. In: USARSKI, Frank; PASSOS, João Décio. (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: paulinas, 2013. PP.469-484.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **A Capitania das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

LIVRINHO de Santo Antônio. Salvador: Mensageiro, 1968.

LOPES, Camilo A. Silva.;COSTA, João B. de Almeida. Decifrando os símbolos rituais: as bandeiras dos santos e o processo de ocupação e territorialização em Santa Rosa de Lima/MG. **Argumentos**: revista do departamento de Ciências Sociais da Unimontes. Montes Claros: Unimontes, 2009, v.3, n. 1, p.29-52.

MACEDO, Emiliano Unzer. **Religiosidade popular brasileira colonial**: um retrato sincrético. Revista Ágora, Vitória, n. 7, 2008.

MACEDO, José Rivair. Sobre a Idade Média residual no Brasil. In: MACEDO, J. R. (Org.). **A Idade Média portuguesa e o Brasil**: reminiscências, transformações, ressignificações. Porto Alegre: Vidrágua, 2011.

MANGI, Ana Cristina Calábria Vicente, [et al].Os objetos e as heranças culturais contam histórias:um projeto interdisciplinar.Departamento de História do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro: **Encontros**, ano 11; n.21,2013.PP.132-146.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Cia. Das letras, 2001.

MARQUES DIAS, Jânio. **Em Busca da religiosidade sertaneja**: fé e cultura no sertão dos gerais. Montes Claros: unimontes, 2015.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o Reinado do Rosário no Jatobá.Belo Horizonte: Mazza,1997.

MAUAD, Ana Maria.;LOPES, Marcos F. de Brum.História e fotografia.In:**Novos domínios da história**. CARDOSO, Ciro F.;VAINFAS, Ronaldo. Rio de Janeiro: Elsevier,2012.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify,2003.

MELO, João Naves de. **Do cerrado às barrancas do rio São Francisco**. São Francisco: Gráfica Santo Antônio, 2012.

MENDES PINTO, Paulo. **Ciência da Religião aplicada ao patrimônio cultural**. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Fank.(Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2013.p.639-661.

MENEZES COSTA, Vera Lúcia de. **Esportes de Aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário**. São Paulo: Nanole, 2000.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **História e imagem: iconografia/iconologia e além**. In: Novos domínios da história. CARDOSO, Ciro F.;VAINFAS, Ronaldo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. P.243-262.

MENDONÇA, Manuela. Os regimentos de procissões do corpus Christi no Portugal medieval. In: MACEDO, J. R. (Org.). **A Idade Média portuguesa e o Brasil: reminiscências, transformações, ressignificações**. Porto Alegre: Vidrágua, 2011.

MASSENZIO, Marcello. **A História das Religiões na Cultura Moderna**. São Paulo: Hedra, 2005.

MATA, Sérgio da. **História e Religião**.Belo Horizonte:Autêntica, 2010.

MELLO, Oliveira. **A Igreja de Paracatu: nos caminhos da história**. Paracatu: edição da mitra diocesana, 2005.

MONTES, Maria Lúcia. **As Figuras do Sagrado: entre o público e o privado**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

MORAES FILHO, Mello de.**Festas e tradições populares do Brasil**.Belo Horizonte:Itatiaia, 1999.

MOTT, Luis. Santo Antônio, o divino capitão-do-mato.In:REIS, J.J.; GOMES, Flávio dos S. **Liberdade por um fio:história dos quilombos no Brasil**.São Paulo:Cia. Das Letras,1996.

OLIVEIRA FILHO, Otaviano. Resistência identitária a configuração etnocultural da comunidade sertaneja norte - mineira no processo histórico de Minas Gerais. **Revista UFG**, ano VIII, nº2 – Dez/2006, PP.38-45.

OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. **A peregrinação e seus enigmas: o desvendamento no encontro do devoto com o “santo vivo” rumo ao santuário de São Francisco do Canindé**. (Tese de doutorado em Ciência da Religião). São Paulo: PUCSP, 2011. pp.186.

PALÁCIO, Carlos. **Deslocamentos da teologia: mutações do cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2001.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Laudo Antropológico** – identidade étnica Xakriabá. Bahia: UFBA, 1987.

PEQUENO **Devocionário de Santo Antônio**. Rio de Janeiro: O Mensageiro de Santo Antônio, 2005.

PEREIRA, José Carlos. **Os Ritos de passagem no catolicismo**: cerimônias de inclusão e sociabilidade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

PEREIRA, Antônio Emílio . **Memorial Januária**: terra, rios e gente. Belo Horizonte: Mazza, 2004.

PEREIRA, Pedro. **Peregrinos**: um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História cultural**. São Paulo: Autêntica, 2012.

PESSOA, Jadir de Moraes. Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Kelps, 2009.

PETRUSKI, Maura Regina. **Julho chegou... E a festa também**: Sant'Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961). Tese de doutorado, 2008. *Disponível em:* <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/17503/doutorado.pdf?Sequence_> *Acesso em: 15 de maio 2014.*

PRADO, Maria Lígia Prado. **A Formação das Nações latino-americanas**. São Paulo: Atual, 1994.

PIRES, Semeão Ribeiro. **Serra Geral**: diamantes, garimpeiros e escravos. Belo Horizonte: Guatiara, 2001.

PIRES, Semeão Ribeiro. **Raízes de Minas**. Belo Horizonte: Minas Gráfica, 1979.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

SANTANA, Ursulina Maria Silva. **Ôôô de casa... Ôôô de fora...**: as cozinhas em Grande Sertão: veredas e a partilha do alimento como hierofania nos gestos sertanejos. PUS/SP (Tese de doutorado em Ciência da Religião) 2014, PP.112.

SANTIAGO, Selma. **Gestão da Cultura para desenvolvimento de cidades**. Brasília: Logos 3, 2013.

SILVA DIAS, Renato da. Na África eu nasci, no Brasil eu me criei: a evangelização dos escravos nas Minas de ouro. In: PAIVA, Eduardo F.; IVO, Isnara P. (Orgs.). **Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas**. Belo Horizonte, 2008. p.293-310.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo**. Publicações Dom Quixote, Lisboa 1992.

SCHIMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média**. São Paulo: EDUSC, 2007.

SENA, Custódia Selma. **Interpretações dualistas do Brasil**. Goiás: UFG, 2003.

SCARBOSA, Mario; GIOVANNINI, Luigi. **Um Santo para cada dia**. São Paulo: Paulus, 1983.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da lapa – BA**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Franscino Oliveira. **Sub umbra alarum tuarum: história da criação e organização da diocese de Montes Claros – 1903 – 1943**. Belo Horizonte: FUMARC, 2005.

SOARES, Afonso Maria Ligório. A teologia em diálogo com a Ciência da Religião. In: USARSKI, Frank (Org.). **O Espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007. Pp.281-306.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, Romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. IFRN editora, Natal, 2013.

SOUZA, Antônio Alvimar. **A igreja entrou renovadamente na festa: igreja e carisma no sertão de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Fumarc, 2007.

SOUZA, Marina de Mello e. Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro. **Tempo**. v.6;n.11,jul.2001.UFF,Rio de Janeiro.pp..171-188.

SUESS, Paulo Günter. **A Conquista espiritual da América latina: 200 documentos, Século XVI**. São Paulo: Vozes, 1992.

SUESS, Paulo Günter. **O catolicismo popular no Brasil: tipologia de uma religiosidade vivida**. São Paulo: Loyola, 1979.

TEIXEIRA, Faustino. Ciência da religião e teologia. In: USARSKI, Frank; PASSOS, João Décio.(Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: paulinas, 2013. PP.175-186.

TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva histórica**. São Paulo: Paulus, 1997.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. **Imaginária e devoções no catolicismo brasileiro: notas de uma pesquisa**. São Paulo: Projeto História, n.21, Nov.2000. Pp.247-263.

UNICEF. **Guia Metodológico da cultura no selo UNICEF**. Salvador: s/d.

USARSKI, Frank. (Org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma**. São Paulo: Paulinas, 2006.

USARSKI, Frank. História da Ciência da religião. In: USARSKI, Frank; PASSOS, João Décio. (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: paulinas, 2013. PP.51-62.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz. **Brasil de Todos os Santos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea: vidas de santos**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

VASCONCELOS, Diogo de. **História antiga de Minas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969.

VASCONCELOS, Diogo de. **História média de Minas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972.

VASCONCELOS, Diogo de. **História da civilização mineira: Bispado de Mariana**. Belo Horizonte, Autêntica, 2014.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

WEDEMEYER, Christian K. ; DONIGER, Wendy (ed.). Hermeneutics, politics and History of religions. New York:Oxford University Press,2010.363p. Resenha de, QUADROS, Eduardo Gusmão de.**Um projeto hermenêutico de História das Religiões:Mircea eliade,Joachim Wach e a criação da Escola de Chicago**.Hist. R., Goiânia,v.15,n.2,p.457-460,jul./dez.2010.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ACESSO ELETRÔNICO

Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/>>. Acesso em 23/mar./2016.

Disponível em: <www.google.com.br/maps/place/>. Acesso em 23 mar. 2016.

Disponível em:<<http://www.revistasagarana.com.br.>>. Acesso em 15 mar.2016.

Disponível em:<<http://www.portalcerratense.com.br>>. Acesso em 16 de abr.2016.

ARQUIVOS

Arquivo Paroquial – Igreja Matriz de São José – São Francisco

Arquivo particular.

Arquivo – casa da memória – Distrito de Serra das Araras.

FONTES

Livro de Tombo – Igreja matriz de São José, 1954.

Transcrições – devotos e romeiros de Santo Antônio, 2015.

ANEXO

As entrevistas foram realizadas entre os meses de junho de 2014 e junho de 2015.

M.F.S.,Entrevista I. [jan.2015]. Entrevistador: Denílson Meireles Barbosa. São Francisco, 2015. I arquivo. mp3 (49:32s).

E.P.N., Entrevista II. [jan. 2015]. Entrevistador: Denílson Meireles Barbosa. Serra das Araras – Chapada gaúcha/MG, 2015. II arquivo. mp3 (47.16s).

A.H.M.V., Entrevista IV. [jun.2015].Entrevistador: Denílson Meireles Barbosa. São Francisco – MG, 2015. IV arquivo. mp3 (45:58s.).

G.J.M..Entrevista III. [jan.2015].Entrevistador:Denílson Meireles Barbosa.Serra das Araras-Chapada Gaúcha-MG, 2015.III arquivo .mp3 (1:19:35s)

A.M.V., Entrevista V. [jun.2015]. Entrevistador: Denílson Meireles Barbosa. São Francisco-MG, 2015. V arquivo. mp3 (49:32s).

A.C.S. Entrevista VI. [jan. 2015].Entrevistador: Denílson Meireles Barbosa. Serra das Araras – Chapada Gaúcha-MG,2015. VI arquivo .mp3 (34:26s).

T.F.R. Entrevista VII. [jan.2015]. Entrevistador: Denilson Meireles Barbosa. Serra das Araras-Chapada Gaúcha-MG, 2015. VII arquivo. mp3 (55:37s).

P.M.V.,Entrevista VIII. [jun.2015]. Entrevistador: Denílson Meireles Barbosa. São Francisco-MG, 2015. VIII arquivo. mp3 (48 min.).

M.T.F. Entrevista IX. [jun.2015]. Entrevistador: Denílson Meireles Barbosa. Serra das Araras-Chapada Gaúcha-MG,2015. IX arquivo .mp3 (13:32s).